

ESTRATÉGIA REGIONAL PARA A CONSERVAÇÃO DA CHITA E MABECO NA ÁFRICA AUSTRAL

REVISADA E ACTUALIZADA

AGOSTO DE 2015



RWCP & IUCN/SSC
Agosto de 2015

Copyright: RWCP & IUCN/SSC

Citação: IUCN/SSC (2015). Estratégia Regional para a Conservação da Chita e Mabeco na África Austral; Emendado e Actualizado, Agosto de 2015. IUCN/SSC Gland, Switzerland e Range Wide Conservation Program for Cheetah and African Wild Dogs, www.cheetahandwilddog.org



A reprodução desta publicação para fins educativos, de conservação e outros fins não comerciais é autorizada sem prévia autorização por escrito do detentor dos direitos de autor, desde que a fonte seja totalmente reconhecida.

A reprodução desta publicação para venda ou outros fins comerciais é proibida sem prévia autorização por escrito do detentor dos direitos de autor.

ESTRATÉGIA REVISADA DE CONSERVAÇÃO DA CHITA E MABECO NA ÁFRICA AUSTRAL

1. SUMARIO EXECUTIVO

- 1.1. Contexto
- 1.2. Programa Alargado de Conservação da Chita e Mabeco
- 1.3. A Chita e o Mabeco na África Austral
- 1.4. A Estratégia Regional de Conservação da Chita e Mabeco na África Austral

2. INTRODUÇÃO E CONTEXTO

- 2.1. Contexto
- 2.2. A biologia e a necessidade de conservação da Chita
- 2.3. A biologia e a necessidade de conservação do Mabeco
- 2.4. O plano deste documento

3. A DISTRIBUIÇÃO E A SITUAÇÃO DA CHITA NA ÁFRICA AUSTRAL

- 3.1. Distribuição histórica
- 3.2. Actual distribuição
 - 3.2.1. Categorias da actual extensão geográfica
 - 3.2.2. Actual distribuição nas diferentes categorias de extensões
 - 3.2.3. Actuais áreas de residência e estimativas da população da Chita na África Austral
 - 3.2.3.1. Pequenas populações da chita protegidas
 - 3.2.4. Distribuição através das áreas protegidas
 - 3.2.5. Distribuição através das fronteiras internacionais
- 3.3. Situação da Chita em 2015 em comparação com 2007
 - 3.3.1. Mudança da distribuição das áreas de residência desde 2007
- 3.4. Conclusões

4. A DISTRIBUIÇÃO E A SITUAÇÃO DO MABECO NA ÁFRICA AUSTRAL

- 4.1. Distribuição histórica
- 4.2. Actual distribuição
 - 4.2.1. Categorias da actual extensão geográfica
 - 4.2.2. Actual distribuição nas diferentes categorias de extensões
 - 4.2.3. Actuais áreas de residência e estimativas da população do Mabeco na África Austral
 - 4.2.3.1. Pequenas populações do Mabeco protegidas
 - 4.2.4. Distribuição através das áreas protegidas
 - 4.2.5. Distribuição através das fronteiras internacionais
- 4.3. Situação do Mabeco em 2015 em comparação com 2007
 - 4.3.1. Mudanças de distribuição das áreas de residência desde 2007
- 4.4. Conclusões

5. AMEAÇAS PARA A CHITA E MABECO NA ÁFRICA AUSTRAL

- 5.1. Introdução
- 5.2. A mais próxima ameaça
 - 5.2.1. Perda do habitat e fragmentação (ambas espécies)
 - 5.2.2. Conflicto com as reservas de caça (ambas espécies)
 - 5.2.3. Conflicto com coutadas (ambas espécies)
 - 5.2.4. Perda de presas (ambas espécies)
 - 5.2.5. Armadilhas acidentais (ambas espécies)
 - 5.2.6. Acidentes rodoviários (ambas espécies)
 - 5.2.7. Pequenas populações (ambas espécies)
 - 5.2.8. Doenças infecciosas (principalmente mabeco)
 - 5.2.9. Caça para comercialização e outros fins (principalmente chita)
 - 5.2.10. Turismo Irresponsável e perturbação de esconderijos (principalmente mabeco)
 - 5.2.11. Aumento no uso de veneno (ambas espécies)
 - 5.2.12. Pobre coexistência com as comunidades
 - 5.2.13. Políticas de utilização de terra detrimenais
 - 5.2.14. Insuficiente compromisso político
 - 5.2.15. Outros
- 5.3. Restrições para o alívio de ameaças
- 5.4. Conclusões

6. A ESTRATÉGIA REGIONAL DE CONSERVAÇÃO DA CHITA E MABECO NA ÁFRICA AUSTRAL (ACTUALIZADA AGOSTO DE 2015)

- 6.1. Contexto
- 6.2. O processo do plano estratégico
- 6.3. O processo de revisão (2015)
- 6.4. A estratégia regional actualizada
 - 6.4.1. A Visão e os Objectivos
 - 6.4.2. A Análise do problema
 - 6.4.2.1. Coexistência
 - 6.4.2.2. Uso da terra
 - 6.4.2.3. Compromisso político
 - 6.4.2.4. Política e legislação
 - 6.4.2.5. Outros
 - 6.4.3. Os objectivos revistos
 - 6.4.4. Os resultados e actividades revistos
 - 6.4.5. A estratégia revista
- 6.5. Conclusões e plano nacional

REFERÊNCIAS

APÊNDICE 1. PARTICIPANTES DA REUNIÃO DE REVISÃO DE 2015

APÊNDICE 2. AGENDA

APÊNDICE 3. METODOLOGIA DE MAPEAMENTO E DEFINIÇÃO DAS CATEGORIAS DAS ÁREAS

APÊNDICE 4. O PROGRAMA ESTRATÉGICO REGIONAL DE CONSERVAÇÃO DA CHITA E MABECO NA ÁFRICA AUSTRAL REVISTO E ACTUALIZADO EM 2015

CAPÍTULO 1

Sumário Executivo

1.1 Contexto

A chita (*Acinonyx jubatus*) e o mabeco (*Lycaon pictus*, a seguir 'mabeco') apresentam grandes desafios para os conservacionistas no século 21. Todos os grandes carnívoros precisam de grandes áreas para sobreviver; mas o mabeco e a chita estão amplamente dispersos, e, portanto, precisam de áreas maiores, em comparação com qualquer outras espécies de carnívoros terrestres em qualquer parte do mundo. Com as populações humanas a invadir as últimas zonas selvagens da África, estas duas espécies ameaçadas são muitas vezes as primeiras a desaparecer.

As áreas protegidas são de extrema importância para a conservação de ambos chita e mabeco, mas a maioria desses animais reside fora das áreas protegidas que são o foco do maior esforço de conservação. Mais de três quartos da área de residência da chita, e 70% da área de residência do mabeco, localiza-se em terras comunitárias e privadas, fora das áreas formalmente protegidas. Dado este cenário é pouco provável que as populações dentro das áreas protegidas seria viável se isolado das terras desprotegidas (Durant et al, 2016). Portanto, actividade de conservação fora das áreas protegidas é absolutamente importante para a sobrevivência a longo prazo destas duas espécies. Além disso, várias e importantes populações de mabeco e chita atravessam fronteiras internacionais. A gestão transfronteiriça é, portanto, provável que seja necessária para a conservação de ambas espécies a longo prazo.

1.2 Programa Alargado de Conservação para a Chita e Mabeco

Em reconhecimento das suas necessidades numa área vasta, o Programa de Conservação Alargado da Chita e Mabeco (RWCP) foi concebido, anteriormente chamado de Processo de Planeamento Abrangente. Esta é uma iniciativa conjunta da Sociedade Zoológica de Londres e da Sociedade de Conservação de Animais Selvagens, aprovado pelo Cat IUCN e Grupos de Especialistas Canídeo. Este programa tem sido responsável pela condução de uma abordagem coordenada para a conservação da chita e mabeco, através do engajamento com as autoridades governamentais responsáveis pela vida selvagem, programas de campo, organizações não governamentais e outras partes interessadas em todas as áreas dos Países. O escritório para a África Austral foi criado em 2007, com um coordenador regional baseado no Zimbabué.

1.3 Chita e Mabeco na África Austral

Ambos a chita e mabeco tiveram a experiência de grandes contrações na sua distribuição geográfica na África Austral, com populações residentes conhecidas de serem apenas 22.6% (chita) e 17% (mabeco) de sua distribuição histórica dentro da região. No entanto, cerca de um quarto da região (25% para a chita e 23% para o mabeco), existem poucos dados confiáveis disponíveis sobre o estado e distribuição das duas espécies.

Apesar disso, a África Austral ainda suporta populações globalmente importantes tanto de mabeco e chita e continua a ser a fortaleza para ambas as espécies na África. No entanto, as populações estão em declínio, devido a uma série de ameaças, que incluem a perda e fragmentação do habitat, conflito com as fazendas e reservas de caça, a perda de populações presa, armadilhas não intencionais, atropelamentos, pequena população, doenças infecciosas (principalmente mabeco) e da caça para o comércio e pele (principalmente chita). A Estratégia de Conservação Regional aqui desenvolvida providencia uma estrutura para aliviar essas ameaças e para garantir a sobrevivência das duas espécies na região. Dada das necessidades ecológicas semelhantes da chita e mabeco, faz sentido planejar a sua conservação conjunta.

1.4 A Estratégia Regional de Conservação para a Chita e Mabeco na África Austral

A Estratégia de Conservação Regional apresentada neste documento é uma versão revista e actualizada da primeira estratégia, desenvolvida em 2007 (IUCN / SSC, 2007). O processo de planeamento estratégico foi conduzido como uma colaboração entre as autoridades nacionais da vida selvagem de toda a África Austral, o Programa de Conservação Alargado da Chita e Mabeco (RWCP) e os Grupos Specialist do Gato e Canídeo da IUCN/SSC.

A primeira Estratégia de Conservação Regional (IUCN/SSC, 2007) foi desenvolvida depois de um workshop em Botswana em Dezembro de 2007, com a presença de 38 participantes, incluindo representantes de todos os oito Estados da África Austral. O workshop seguiu a estrutura de planeamento estratégico do IUCN actualmente reconhecido e produziu uma estratégia regional, programado para estimular o desenvolvimento de planos de acção nacionais em cada Estado.

Na reunião de Agosto de 2015, nos arredores de Joanesburgo, foi revista e actualizada a Estratégia Regional de Conservação para a África Austral (ver o Capítulo 6).

O plano estratégico para a conservação das espécies na África Austral reconhece a necessidade de (i) desenvolver a capacidade em todos os aspectos de conservação da chita e mabeco na região; (ii) melhorar o conhecimento sobre a conservação das duas espécies; (iii) garantir que as informações relevantes para ambas as espécies sejam divulgadas às partes interessadas; (iv) minimizar o conflito e promover a coexistência entre a chita, mabeco e populações; (v) minimizar os efeitos adversos de desenvolvimento da terra e implementar as melhores práticas de uso da terra para a chita e mabeco; (vi) obter compromisso político para a conservação da chita e mabeco; (vii) analisar e harmonizar a legislação e políticas existentes que afectam a conservação da chita e mabeco; e (viii) facilitar o desenvolvimento e implementação de planos nacionais de conservação para ambas as espécies.

CAPÍTULO 2

Introdução e Contexto

2.1 Contexto

A chita (*Acinonyx jubatus*) e o mabeco (*pictus* de *Lycaon*) apresentam grandes desafios para os conservacionistas no século 21. Ambas as espécies foram outrora amplamente distribuídas na África, mas ambas sofreram reduções drásticas no número e distribuição geográfica nas últimas décadas (Ray, Hunter & Zigouris, 2005). Todos os grandes carnívoros precisam de grandes áreas para sobreviver; no entanto, mabeco e chita movimentam-se mais amplamente do que quaisquer outras espécies de carnívoros terrestres em qualquer lugar do mundo, e, conseqüentemente, necessitam de áreas maiores. Como as populações humanas estão invadir as últimas zonas selvagens da África, mabeco e chita - ambos particularmente susceptíveis à destruição e fragmentação de habitats - são muitas vezes as primeiras espécies a desaparecer.

Apesar do seu estado de ameaçado (mabeco está listado como espécie em risco de extermínio (Woodroffe & Sillero-Zubiri, 2012) e a chita como vulnerável (Durant et al., 2015) na lista vermelha da IUCN), importância ecológica como os principais carnívoros (Woodroffe & Ginsberg, 2005), e valor à indústria de turismo da África (Lindsey et al., 2007), muito pouca ação de conservação foi implementada para estas duas espécies, quando esta estratégia foi pela primeira vez desenvolvida em 2007. A maioria das áreas protegidas de África são demasiado pequenas para conservar populações viáveis, e os esforços de conservação activos em terras desprotegidas até então haviam sido restritas a poucos projetos.

Três factores que impediram actividades de conservação para a chita e mabeco:

- As enormes necessidades da área para as espécies "significa que o planeamento da conservação é necessário numa escala geográfica difícil, raramente vista no passado na conservação terrestre.
- Informação tem, até recentemente, sido carente sobre a distribuição e estado das espécies, e das ferramentas mais propensas para alcançar a conservação eficaz.
- Capacidade para conservar estas espécies é carente na maioria dos países Africanos; experiência na gestão de espécies de alto perfil, como elefantes e rinocerontes podem não ser transferíveis para o mabeco ou chita, porque as ameaças e desafios de conservação são diferentes.

Reconhecendo estas preocupações, em 2006, os Grupos de Especialistas do Gato e Canídeo da IUCN/SSC, em parceria com a Wildlife Conservation Society (WCS) e da Sociedade Zoológica de Londres (ZSL), iniciou um Processo Planeamento Conservação Alargado para mabeco e chita (o actual Programa de Conservação da Alargado da Chita e Mabeco (RWCP)). As duas espécies foram abordadas em conjunto, porque, apesar de serem taxonomicamente muito diferentes, eles são ecologicamente muito semelhantes e enfrentam ameaças semelhantes.

O Processo de Planificação Alargado de Conservação teve seis objectivos declarados:

1. Para promover o apreço da necessidade de conservar o mabeco e chita, particularmente entre os profissionais da conservação nos respectivos países.
2. Para recolher informações sobre o mabeco e distribuição da chita e da sua abundância numa base contínua, a fim de direccionar os esforços de conservação e avaliar o sucesso ou fracasso desses esforços nos próximos anos.
3. Para identificar locais-chave para a conservação do mabeco e chita, incluindo corredores que ligam importantes as áreas de conservação.
4. Para preparar planos de acção de conservação globais, regionais e nacionais específicos tanto para a chita e mabeco.
5. Para incentivar os responsáveis políticos para incorporarem requisitos de conservação do mabeco e chita no planeamento do uso da terra em ambas escalas nacional e regional.
6. Para desenvolver a capacidade local para conservar a chita e mabeco através da partilha de conhecimentos de ferramentas eficazes para o planeamento e implementação de acções de conservação.

Uma componente-chave deste processo é uma série de workshops, reunindo especialistas em gestores de biologia e conservação das espécies de organizações governamentais e não-governamentais. O envolvimento mais próximo de representantes do governo foi considerado absolutamente importante uma vez que representam as organizações com a autoridade para implementar as recomendações aos níveis de gestão e de políticas.

O RWCP cobre toda a África, com o Continente dividido em três regiões, cada uma com o seu próprio coordenador. Isso permite o planeamento específico e relevante de conservação ao nível regional. O escritório da África Austral do RWCP foi criado em 2007, e o primeiro workshop regional foi realizado em Botswana, em Dezembro de 2007. Os detalhes desta reunião pode ser encontrados na Estratégia de Conservação Regional de 2007 (IUCN/SSC, 2007).

Quando a política de conservação da vida selvagem é formulada, autorizada e executada a nível nacional, é fundamental que o planeamento da conservação ser promulgado a este nível. O desenvolvimento de planos nacionais, através de workshops nacionais, é, portanto, uma parte vital dos esforços da RWCP. Para este fim, o workshop da África Austral de 2007, foi imediatamente seguido por um Workshop Nacional de Planeamento da Acção para o Botswana, do qual delegados de outros países da região foram convidados como observadores. Este foi para apoiar os países a entender o processo e apoiá-los a organizar seminários nacionais nos seus próprios países. Posteriormente, entre 2008 e 2013, todos os outros Estados da África Austral, excepto Angola, desenvolveram, e tiveram progressos razoáveis na implementação de Planos de Acção Nacional.

O segundo workshop regional da África austral, realizado na África do Sul em Agosto de 2015 teve dois objetivos principais. Primeiro, para recolher e partilhar os progressos realizados em relação aos objectivos da estratégia regional de 2007, desenvolvido oito anos antes e, segundo, para rever e actualizar a estratégia e o quadro de objetivos, resultados e actividades. **Esta estratégia revista é apresentada no Capítulo 6 e o programa no Apêndice 4.**

2.2 A Biologia e as Necessidades de Conservação da Chita

A chita é um membro único e especializado da família de felinos. Enquanto correndo para a presa, pode atingir velocidades de 64 milhas por hora (103 km por hora, Sharp, 1997), tornando-se a criatura mais rápida na terra. No entanto, apesar de sua estratégia de caça especializada, chitas são generalistas de habitat, variando através de uma grande variedade de habitats, a partir do deserto através de savanas para o mato grosso (Myers, 1975).

A chita tem um sistema social diferente de qualquer outra espécie de felinos. As chitas fêmeas são tolerantes com outras fêmeas, e não mantêm territórios, tendo vastas áreas de residência e de transição (Caro, 1994). As fêmeas são altamente promíscuas, com altos níveis de múltipla paternidade no seio das crias e nenhuma evidência de fidelidade com um companheiro (Gottelli et al., 2007). Chitas machos são, geralmente sociais, formando coligações permanentes de dois ou três (geralmente irmãos), que permanecem junto toda a vida (Caro & Durant, 1991). Os machos em grupos são mais prováveis do que um macho só para tomar e manter territórios, que defendem contra intrusos do sexo masculino (Caro & Collins, 1987). No ecossistema de Serengeti no norte da Tanzânia, territórios masculina em média de 50km², enquanto que as fêmeas e machos sem territórios movimentam-se acima de 800km² por ano (Caro, 1994). Este sistema, onde os machos são sociais e mantêm pequenos territórios, e as fêmeas são solitárias movimentando-se em vários territórios masculinos por ano, não é conhecido em nenhuma outra espécie de mamíferos (Gottelli et al., 2007).

As chitas fêmeas são capazes de dar à luz a sua primeira cria aos dois anos de idade, após uma gestação de três meses (Caro, 1994). As crias são mantidas num covil durante os primeiros dois meses de sua vida, enquanto sua mãe deixa-os pra caçar de manhã e retorna ao anoitecer (Laurenson, 1993). A mortalidade das crias pode ser alta: a mortalidade de crias no Serengeti desde o nascimento até a independência foi registado em 95% (Laurenson, 1994). Há crias que morreram principalmente porque foram atacados por leões ou hienas; as mães não conseguem defender as crias contra estes predadores muito maiores (Laurenson, 1994). No entanto, um estudo mais recente de Mills & Mills (2014), no Parque Transfronteiriço de Kgalagadi, mostrou a sobrevivência de crias da chita era sete vezes maior do que nas planícies de Serengeti, e a mortalidade destas raramente foi atribuída a leões (Mills & Mills 2014). As crias também podem morrer da exposição ou incêndio, ou de abandono, se a mãe fôr incapaz de encontrar comida. Se eles sobrevivem, as crias ficam com a mãe até aos 18 meses de idade, e depois vagueam com os seus companheiros de ninhada por mais seis meses (Caro, 1994). A mais longa longevidade gravada na natureza é de 14 anos para as fêmeas e 11 anos para os machos, porém as fêmeas nunca foram registadas como reprodutoras além dos 12 anos (Durant; dados não publicados). Parâmetros demográficos estão disponíveis para apenas um pequeno número de populações; média e variação de nascimento e sobrevivência foram publicados a partir do estudo a longo prazo no Parque Nacional de Serengeti, na Tanzânia (Durant, Kelly & Caro, 2004), enquanto que as taxas de natalidade e medias de sobrevivência estão disponíveis a partir de reservas de caça na Namíbia (Marcador et al., 2003b).

Chita é predominantemente diurna, embora a caça noturna não seja incomum (Caro, 1994). Caçam aproximando-se silenciosamente seguido de uma perseguição rápida. Devido à sua incomparável velocidade e aceleração, a chita pode caçar com sucesso, mesmo se eles começam uma perseguição a uma distância muito maior do que os grandes volumosos e mais pesados felinos, tais como leões (*Panthera leo*) e leopardos (*Panthera pardus*). Elas capturam uma grande variedade de presas, dependendo do habitat e localização geográfica, mas preferem presas de 15-30kg: o tamanho da gazela de Thomson (*Gazella thomsonii*) ou impala (*Aepyceros melampus*).

Tal como acontece com o mabeco, e ao contrário da maioria de outras espécies de grandes carnívoros, a chita tende a evitar áreas de alta densidade de presas, provavelmente porque outras espécies de grandes carnívoros são encontrados nestas áreas (Durant, 1998; Durant, 2000). Como discutido anteriormente, os leões têm sido documentados de serem responsável pela alta mortalidade de crias da chita observadas no Serengeti (Laurenson, 1994), e também mata os adultos, enquanto que as hienas pode matar as crias e roubar animais mortos pela chita.

Chitas vivem em baixas densidades com densidades gravadas variando entre 0.1 to 3 adultos chita/100km² (Burney, 1980; Gros, 1996; Marker, 2002; Mills & Biggs, 1993; Morsbach, 1986; Purchase, 1998). Embora as estimativas marcadamente mais elevadas foram documentados em algumas áreas, é provável que essas estimativas não reflitam a verdadeira densidade, como indivíduos contados podem vagar fora da área de pesquisa (com destaque para um problema geral com levantamento da chita, consulte Bashir et al., 2004). Faixas de residência da chita foram registados como variando de 50km² para machos territoriais no Serengeti (Caro, 1994) para mais de 1,000km² na Namíbia (Marcador et al., 2008). Tal como acontece com o mabeco, faixas de residência da chita são muito maiores do que seria previsto a partir de suas necessidades de energia (Figura 2.1).

Porque eles podem variar através de tais grandes áreas, a chita, também pode dispersar amplamente, tendo sido registado como movendo-se para mais de cem quilômetros (Durant; dados não publicados), o que torna difícil determinar se avistamentos de chita ocasionais numa área representam indivíduos transitórios ou uma população residente. No entanto, esta capacidade de dispersar permite que a chita possa recolonizar novas áreas com bastante facilidade se e quando eles se tornam disponíveis.

A chita estava espalhada por toda a África e Ásia assim como extremo oriental na Índia. No entanto, hoje, a maior parte de chitas existentes estão concentrados no sub-Sahara de África, com apenas algumas populações do norte e oeste da África e uma pequena população asiática no Irão (c. 70-100 indivíduos). A primeira pesquisa da situação de chita foi nos princípios de 1970 (Myers, 1975), mais tarde, na década de 1980, pesquisas em países selecionados foram realizadas (Gros, 1996, 1998, 2002; Gros & Rejmanek, 1999), e em 1998 um resumo da situação global foi elaborado (Marker, 1998). No entanto, dado que a chita é tímida, enigmático e raramente visto transversalmente na maioria da sua faixa, informações precisas sobre o estado e as densidades são extremamente difíceis de recolher, para esta espécie. Além disso, os padrões que variáveis da espécie incliná-o a se agrupar nas áreas que se tornam temporariamente um habitat favorável (devido à ausência de competidores e disponibilidade de presas), tornando os números avaliados adicionalmente problemático (Durant et al., 2007; 2016). Este documento fornece a mais actualizada e precisa informação do estado e distribuição da chita na África Austral.

A espécie está listada como vulnerável pela Lista Vermelha da IUCN, embora um artigo recente (Durant et al., 2016) apela para a inclusão da chita como ameaçada em virtude de evidências de recente rápido declínio. Na década de 1970, o tamanho da população global foi 'calculado' em cerca 14.000 (Myers, 1975), mas actualmente pensam que são apenas 7.100 indivíduos (Durant et al., 2016). Infelizmente, como demonstram esses números recentes, tem havido um declínio significativo do número de espécies. O consenso no seio do universo de especialistas da chita sugere que este é um declínio genuíno, em vez duma recente subestimativa. Certamente, a distribuição das espécies contraiu acentuadamente a partir de sua distribuição histórica, com declínios em grande parte atribuído à perda e fragmentação do habitat (Myers, 1975; Marker et al, 2003a; Marker et al, 2003b; van der Meer 2016). O desaparecimento das espécies de quase toda a faixa Asiática também foi em parte devido ao hábito da aristocracia Asiática da captura e utilização da chita para a caça (Divyabhanushin, 1995). Actualmente, no sub-Sahara da África, o controle letal devido a um conflito real ou percebido com as fazendas ou reservas de caça também desempenham um papel importante no declínio da espécie (Myers, 1975; Marker et al, 2003a; Marker et al, 2003b).

2.3 A Biologia e Necessidades de Conservação do Mabeco

Mabecos são membros altamente sociais da família canídeo. Grupos cooperaram na caça de suas presas (Creel e Creel, 1995), que consiste principalmente em ungulados de tamanho médio (particularmente impala, *Aepyceros melampus*), mas pode variar em tamanho de lebres (*Lepus spp*) e antílope (*Madoqua spp*, Woodroffe et al., 2007b) para Kudu antílope (*Tragelaphus strepsiceros*) e até, ocasionalmente, Eland antílope (*Tragelaphus oryx*) (Van Dyk & Slotow, 2003). Os bandos também cooperam para procriar, geralmente com apenas uma fêmea e um macho sendo parentes dos cachorros, mas com todos os membros do bando contribuindo para cuidar dos cachorros (Malcolm & Marten, 1982). As fêmeas raramente foram observadas a cuidar dos filhotes até a idade adulta sem a ajuda de outros membros do bando, bandos, ao invés de indivíduos, são frequentemente utilizados como unidades para avaliar o tamanho da população do mabeco.

Ao contrário da maioria das espécies carnívoras (excepto a chita), mabecos tendem a evitar áreas de alta densidade de presas, provavelmente porque os maiores carnívoros preferem essas áreas (Creel & Creel, 1996; Mills & Gorman, 1997). Leões (*Panthera leo*) e hienas (*Crocuta crocuta*) são importantes causas de morte de mabecos adultos e jovens (Woodroffe et al., 2007a). Esta tendência de evitar grandes predadores também pode ajudar a explicar as baixas densidades populacionais e faixas largas exibidos pelo mabeco. A densidade populacional média em torno de 2,0 adultos e animais de um ano por 100km² (Fuller et al., 1992a). Ambos o mabeco e chita ocupam faixas de residência que varia em média de 450-650km² por bando na África Austral (Woodroffe & Ginsberg, 1998), com alguns bandos que variam em áreas superiores a 2,000km² (Fuller et al., 1992a). Ambos o mabeco e chita ocupam maiores faixas de residência do que seria previsível com base nas suas necessidades de energia (Figura 2.1).

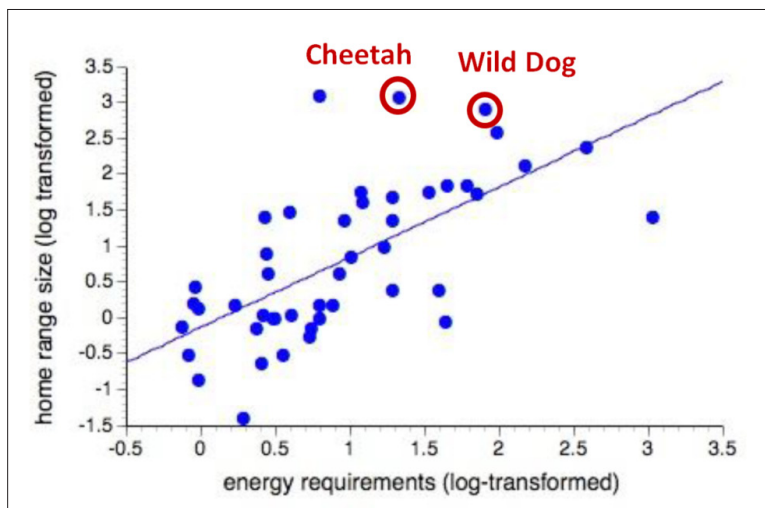


Figura 2.1 A relação entre os requisitos de energia e tamanho da área em várias espécies de carnívoros, mostrando as grandes áreas ocupadas por chita e mabeco em comparação com as suas necessidades de energia. O mabeco é registado como tendo maiores necessidades do que a chita, porque a unidade social é um bando, e não de um indivíduo. Os dados são de Gittleman & Harvey (1982).

A maioria de novos bandos de mabeco são formados quando os animais ainda são jovens (geralmente, mas nem sempre no seu segundo ano, McNutt, 1996) afastam-se de seus bandos de nascimento em grupos de dispersão do mesmo sexo, a procura novos territórios e membros do sexo oposto. Tais grupos de dispersão pode viajar centenas de quilômetros (Fuller et al., 1992b), e foram registados em áreas muito remotas das populações residentes (Fanshawe et al., 1997). Este comportamento de dispersão pode complicar a interpretação dos dados de distribuição, como a localização de pequenos grupos de mabeco não indicam necessariamente a presença de uma população residente. No entanto, o comportamento permite que o mabeco possa recolonizar o espaço desocupado quando surgem as oportunidades.

As populações de mabeco em diferentes regiões da África são morfologicamente e geneticamente diferentes, mas não há subespécies reconhecidas formalmente (Girman & Wayne, 1997; Girman et al., 1993). O mabeco é generalista de habitat, e foi registado em habitats tão diversos como a savana reflorestada (Creel & Creel, 2002), savanas (Kuhme, 1965), floresta montanhosa (Dutson & Sillero-Zubiri, 2005) e pântanos montanhosos (Thesiger, 1970).

A primeira pesquisa da situação do mabeco foi realizada em 1985-1988 (Frame & Fanshawe, 1990), e esta foi atualizado em 1997 (Fanshawe et al., 1997) e 2004 (Woodroffe, McNutt & Mills, 2004). Essas pesquisas revelaram perda substancial e fragmentação das populações de mabeco, com as espécies extirpadas na maior parte da África ocidental e central, e muito empobrecida na África Oriental e Austral. No entanto, dados de distribuição, que foram recolhidos principalmente por correspondência postal exaustiva, foram um pouco inclinadas para as áreas protegidas, com pouca informação disponível a partir de terras desprotegidas. Até 1997, o mabeco tinha desaparecido da maioria das áreas protegidas de África, persistindo apenas nas maiores reservas (Woodroffe & Ginsberg, 1998). Em 2004, a espécie foi estimada em menos de 6.000 adultos e jovens (Woodroffe McNutt & Mills, 2004). A espécie está listada como “em risco de extermínio” pela IUCN (Woodroffe & Sillero-Zubiri, 2012). Este documento fornece a mais actualizada e precisa informação do estado e distribuição do mabeco na África Austral.

O declínio do mabeco tem sido relacionado com a sua capacidade limitada para habitar nas áreas dominadas pelo homem. Onde a densidade humana é alta e o habitat consequentemente fragmentado, o mabeco depara e sofre mortalidade devido a) os agricultores e fazendeiros hostis, b) armadilhas de arame para a captura de ungulados selvagens, c) tráfego em alta velocidade, e d) os cães domésticos portadores de doenças potencialmente fatais (Woodroffe & Ginsberg, 1997). Enquanto que essas ameaças são comuns entre os grandes carnívoros, o mabeco a sua baixa densidade populacional e comportamento ampliado significa que ambos estão mais expostos e suscetíveis a, esses impactos humanos do que a maioria das outras espécies (chita sendo uma possível exceção).

Apesar do impacto humano sobre as suas populações, no entanto, mabeco pode coexistir com sucesso com as populações sob corretas circunstâncias (Woodroffe et al., 2007b). Mabeco raramente mata o gado, onde permanecem animais selvagens, mesmo em densidades relativamente baixas (Rasmussen, 1999; Woodroffe et al., 2005b), e a pecuária é um impedimento tradicional altamente eficaz (Woodroffe et al., 2006). Ferramentas foram desenvolvidas para reduzir os impactos de conflitos com as reservas de caça e fazendeiros, armadilha acidental, e acidentes de viação, mas ferramentas seguras e eficazes para gerir os riscos de doenças ainda estão sendo desenvolvidas (Woodroffe et al., 2005a).

2.4 O plano deste documento

Capítulos 3 e 4 deste relatório apresenta detalhes atuais sobre o estado e distribuição da chita e mabeco, respectivamente, na África Austral em 2015. O Capítulo 5 descreve as ameaças a ambas espécies. Capítulo 6 descreve a estratégia de conservação desenvolvida para a região pelos participantes do workshop (listados no Apêndice 1). A agenda para o workshop é apresentada no Apêndice 2, os métodos utilizados para a recolha de dados estão descritos no Apêndice 3, e uma tabela do quadro lógico do plano estratégico é apresentado no Apêndice 4.

A Distribuição e a Situação da Chita na África Austral

3.1 Distribuição histórica

Chita são generalistas de habitat, capazes de persistir numa ampla variedade de condições ambientais, desde que as presas estejam disponíveis, que vão desde o deserto do Saara aos arbustos razoavelmente densos. Antes de ser modificada a actividade humana proporções substanciais de habitats naturais da África Austral, presumia-se que a chita ocupava praticamente toda a região, delimitada a leste pelo Oceano Índico e a Oeste pelo Oceano Atlântico Sul (Figura 3.1). No passado, a chita estava amplamente distribuída em toda a África Austral, ausente apenas a partir da vasta extensão de Etosha Pan, na Namíbia e as zonas abrangidas pelo Lago Malawi e Lago Tanganyika. Anteriormente pensava-se que a chita estava historicamente ausente das regiões desérticas na costa ocidental do que hoje é a Namíbia (IUCN / SSC 2007). No entanto, no workshop de 2015, esse trecho da costa da Namíbia foi designado como uma faixa transitória de chita (ou seja, dentro do alcance histórico e ainda usado ocasionalmente por indivíduos migratórios). Esta mudança de designação resultou de evidências de projectos da chita namibianos mostrando chita movendo-se através dessas áreas, tanto historicamente e atualmente, e foi acordado por todos os participantes da Namíbia.



Figura 3.1. Faixa histórica da chita, antes do impacto da actividade humana, após revisão no segundo Workshop Regional da África Austral de Chita e Mabece (2015)

As maiores densidades de chita foram registadas na savana arborizada (Durant et al, 2011; Marnewick et al., 2014). No entanto, essa espécie vive em baixa densidade onde quer que ocorra, em parte porque ele entra em competição com outros grandes carnívoros, tais como leões e hienas manchadas (Durant, 1998). Devido a esse facto, nas áreas florestais bem protegidas que abrigam um grande número de outros grandes carnívoros, densidades da chita raramente excedem 2/100km². Isto é porque os melhores habitats atraem as maiores

densidades de carnívoros competidores. Fora das áreas protegidas no entanto, densidades de chita são muitas vezes ainda mais baixos, principalmente devido à falta de presa, perseguição e habitat de má qualidade. É pouco provável, portanto, que chitas foram sempre abundantes, não obstante a sua ampla distribuição geográfica. Actualmente, enquanto densidades máximas raramente ultrapassam 2 chitas/100km², densidades em alguns lugares são significativamente mais baixas; por exemplo 0,21-0,55 chita/1.000 km² para a chita sariana na Argélia (Belbachir et al 2015).

3.2 Distribuição actual

3.2.1 Categorias de distribuição geográfica actual

Devido ao facto da distribuição de chita ser pouco conhecida em toda a região, o processo de mapeamento original reconheceu sete categorias de distribuição geográfica actual, as definições para o qual foram actualizadas no workshop de 2015. Estas categorias são idênticas as utilizadas para o mabeco (ver capítulo 4). Mais detalhes sobre as definições de faixas são fornecidas no Apêndice 3.

1. **Faixa Residente:** área onde a chita é conhecida por ainda ser residente (Uma categoria Residente vedada é usada para áreas <1.000km² que estão bem vedadas, veja abaixo)
2. **Faixa possível residente:** área onde a chita ainda pode ser residente, mas onde a residência não tenha sido confirmada nos últimos 10 anos.
3. **Faixa Transitória:** habitat utilizado de forma intermitente pela chita, mas onde a chita é conhecida por não ser residente e que não se conecta a outras faixas de residentes.
4. **Faixa de Conexão:** área onde a chita não são considerados de ser residente, mas que os animais dispersantes podem usar para se mover entre áreas ocupadas, ou para recolonizar a faixa extirpada. Tais conexões podem assumir a forma de “corredores” de habitat contínuo ou “ponto de partida” de fragmentos de habitat.
5. **Faixa Recuperável:** área onde o habitat e presas permanecem nas áreas suficientemente grandes que, ou a recuperação natural ou assistida de chita pode ser possível dentro dos próximos 10 anos, se uma acção de conservação razoável ser realizada.
6. **Faixa extirpada:** área onde a espécie foi extirpada, e onde o habitat é excessivamente modificado ou fragmentado a ponto de ser inabitável pela chita residente num futuro previsível.
7. **Faixa desconhecida:** área onde o estado das espécies é actualmente desconhecido e não pode ser inferido usando o conhecimento da situação local de habitat e presas.

As populações são consideradas “selvagens” quando não são geridas intensivamente, de acordo com as diretrizes da IUCN/SSC (Subcomissão de Padrões e Petições da IUCN 2016, ver também Redford et al 2011). No caso de espécies abrangentes e de baixa densidade como a chita, e após consulta com o Grupo Especialista em Gatos da IUCN/SSC, consideramos que a gestão intensiva é necessária em reservas inferiores a 1.000 km² quando estão cercados de vedação impermeável. Consideramos as populações da chita em reservas que não são cercadas, ou onde as cercas são permeáveis a chita, como selvagem. Populações em pequenas reservas cercadas podem fazer uma contribuição valiosa para populações “selvagens”, fornecendo indivíduos para repovoamento quando elas são bem geridas para manter níveis elevados de diversidade genética, como a meta-população da chita Sul Africana. Actualmente essas áreas são referidas como populações cercadas, mas é necessário enfatizar que isso não implica populações cativas.

3.2.2 Distribuição actual entre as diferentes categorias das faixas

Figura 3.2 mostra a faixa geográfica da chita mapeado por participantes do workshop em 2015, de acordo com as sete categorias listadas acima; A Tabela 3.1 apresenta os mesmos dados num formato quantitativo.

A distribuição geográfica atual da chita é muito reduzida em comparação com a sua distribuição histórica. Chita é conhecido por ser residente em apenas cerca de 22,6% e, possivelmente, residente na outra 6,6% da sua faixa histórica. Portanto, mesmo se toda e a possível conhecida faixa detém populações residentes, há ainda uma aparente perda de mais de dois terços de sua faixa histórica.

A maior população conhecida de chita residente na África Austral estende-se em cinco países (Angola, Namíbia, Botswana, África do Sul e Moçambique). A população de chitas no noroeste do Zimbábue (no Grande Ecossistema de Hwange) poderá, no futuro, ser ligada a esta grande população transfronteiriça, mas actualmente evidência para essa conectividade é carente. No entanto, a chita tem sido avistada nas concessões limitrofes da fronteira do Botswana (Matetsi e Imbabala), assim com ocasionalmente a chita tem sido avistada nas proximidades de Kasane (Esther van der Meer comunicação pessoal). No entanto não existe qualquer evidência directa de conectividade recente.

Na África Austral, a opinião consensual concluiu que a chita foi extirpada através de um mínimo de 40,7% de sua faixa histórica na África Austral (ver Tabela 3.1), um aumento de 26% em 2007. Em vez de um aumento na perda da faixa, este aumento de percentagem de faixa extirpada representa um reconhecimento de que grande parte da área formalmente designada como ‘desconhecida’ é na verdade extirpada (ver Secção 3.3). A maior parte dessa área extirpada ocorre no país com agricultura intensiva a África do Sul, o país densamente povoado do Malawi, e recentemente no Zimbábue, devido ao programa de reforma agrária que resultou numa perda de muitas reservas de caça e de conservação (Figura 3.2).

No entanto, registou-se também a ausência de chita de áreas na Zâmbia (área do complexo protegido de Luangwa) e em Moçambique (Parques Nacionais de Zinave e Gorongosa) onde tinham sido registados como presentes até há relativamente pouco tempo, e são actualmente designadas como faixa "recuperável". Consequentemente, a extensão da faixa extirpada é quase certamente uma subestimativa, já que uma alta proporção da faixa 'desconhecida', e uma proporção da faixa 'possível residente', é provável que já não apoia nenhuma chita (embora que uma avaliação do estado da faixa recuperável também deve ser realizada).

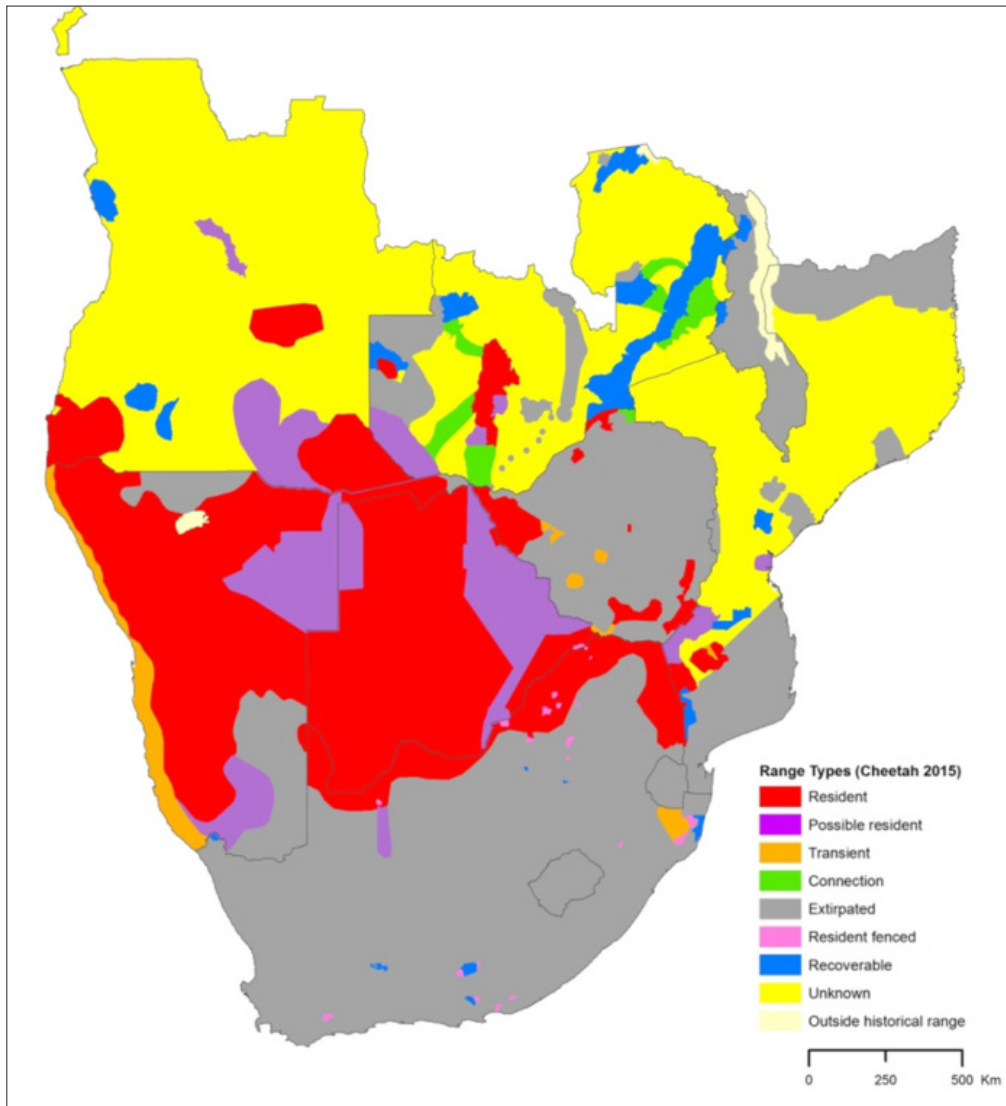


Figura 3.2 Distribuição da Chita na África Austral, tal como mapeado pelos participantes no workshop de 2015 (e actualizado para Angola, Dezembro de 2016)

Um pequeno, mas importante, 1% (56,855km²) de faixa histórica é considerada potencialmente significativa para a conservação da chita porque conecta áreas de residência ou possíveis faixas. Com a disponibilização de dados de áreas desconhecidas, a extensão de faixa em conexão poderá aumentar. Note-se que faixa em conexão, por definição (Secção 3.2.1), acredita-se que não contém populações residentes e, portanto, é susceptível de ser altamente ameaçada.

Foi reconhecido durante o workshop que havia uma grande área da África Austral (25%), onde o estado de chita é desconhecido (apesar desta diminuição de 40% desde 2007). Embora seja improvável que toda essa área desconhecida iria conter populações residentes de chita, foi acordado que a extensão da faixa residente tende a aumentar, depois de disponibilizadas informações a partir destas áreas actualmente desconhecidas, especialmente para as áreas em Angola (embora os dados apresentados no Workshop Nacional de Planeamento de Conservação da Chita e do Mabeço em Angola em Outubro de 2016 tenham contribuído significativamente para o conhecimento da distribuição da chita e mabeço em algumas áreas do país, e essa informação actualizada está incluída nesta estratégia actualizada).

Tabela 3.1 Distribuição de chita nas áreas dos Estados dentro da África Austral, em 2015 (e actualizado para Angola, Dezembro de 2016). (Nota que totais percentuais foram calculados como a área total estimada em cada categoria da faixa de chita em 2015, dividida pela área total da terra dentro da faixa histórica de chita). Para mudanças na faixa desde 2007, por favor consulte a secção 3.3.

	Área Total País	For a da faixa histórica	Área Total dentro da faixa histórica	Residente		Pequena Residente Protegido*	Possível Residente		Transitório		Em conexão		Recuperável		Extirpado		Desconhecido	
				km ²	%		km ²	%	km ²	%	km ²	%	km ²	%	km ²	%	km ²	%
Angola	1,239,890	0	1,239,890	128,963	10	0	127,902	10	0	0	0	0	13,104	1	0	0	977,206	79
Botswana	578,123	0	578,123	454,283	79	484	123,117	21	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Malawi	117,784	22,091	95,693	0	0	0	0	0	0	0	0	0	6,399	7	89,294	93	0	0
Mozambique	788,242	10,543	777,699	14,928	2	0	15,382	2	873	0	0	0	11,113	1	242,367	31	492,958	63
Namíbia	823,987	0	823,987	506,980	62	0	121,010	15	55,175	7	0	0	0	0	140,743	17	0	0
África do Sul	1,219,700	0	1,219,700	142,303	12	11,089	6,445	1	7,328	1	0	0	5,816	0	1,049,354	86	0	0
Zâmbia	751,769	2,445	749,324	29,396	4	0	30,362	4	0	0	55,205	7	89,885	12	95,638	13	448,838	60
Zimbabué	390,427	0	390,427	47,717	12	0	0	0	7,434	2	1,650	0	0	0	333,837	86	0	0
				1,324,570	22.62	11,573	424,218	6.62	70,810	1.16	56,855	0.97	126,317	2.66	1,951,233	40.73	1,919,002	25.25

* "pequenas" áreas vedadas são aqui definidas como aquelas áreas vedadas que têm menos de 1,000 km² de tamanho.

3.2.3 As áreas atuais estimadas das Faixas de Residência da População de Chita na África Austral

Chita atualmente residente em partes de todos os países da África Austral, excepto Lesoto, Suazilândia e Malawi (Figura 3.3). números estimados de chita residente em cada área são apresentados na Tabela 3.2. Sem comparação, a extensão mais ampla da faixa de chita residente localiza-se em Botswana e Namíbia, embora as densidades populacionais sejam baixas para a maior parte desta faixa.

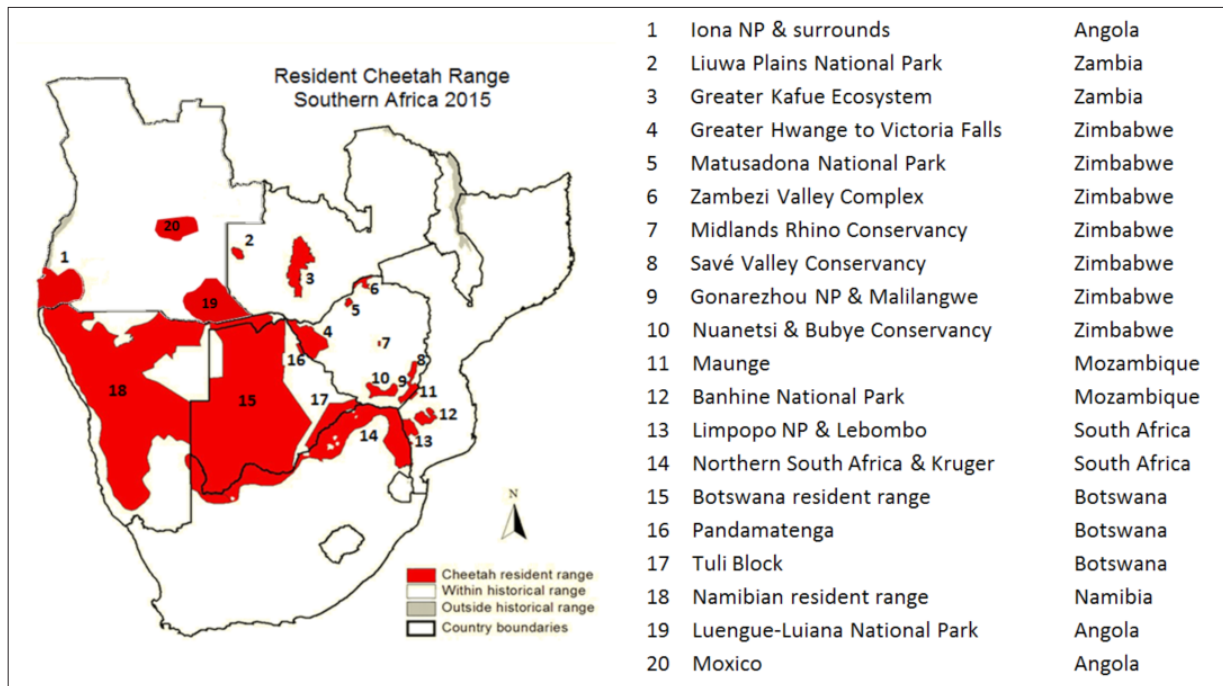


Figura 3.3 Faixa de Residência de Chita na África Austral 2015 (excluindo reservas protegidas da África do Sul, e com Angola actualizada Dezembro de 2016)

Mapa unidade	Área	País	àrea (km ²)	Estimativa da População	Área protegida (km ²)	Nº de chita protegida	Método de cálculo*
1	Iona NP & surrounds	Angola	44,966	39	20,455	18	Expert based
2	Liuwa Plains National Park	Zambia	3,170	20	2,921	18	Expert based
3	Greater Kafue Ecosystem	Zambia	26,222	65	22,185	55	0.25 / 100km ²
4	Greater Hwange to Victoria Falls	Zimbabwe	24,470	45	15,541	29	Expert based
5	Matusadona National Park	Zimbabwe	1,422	3	1,422	3	Expert based
6	Zambezi Valley Complex	Zimbabwe	3,612	12	2,102	7	Expert based
7	Midlands Rhino Conservancy	Zimbabwe	318	4	-	-	Expert based
8	Savé Valley Conservancy	Zimbabwe	2,664	15	-	-	Expert based
9	Gonarezhou NP & Malilangwe	Zimbabwe	6,414	25	4,734	18	Expert based
10	Nuanetsi & Buby Conservancy	Zimbabwe	8,816	40	-	-	Expert based
11	Maunge	Moçambique	844	6	22	0	Expert based
12	Banhine National Park	Moçambique	7,261	10	-	-	Expert based
13	Limpopo NP, Lebombo & Sabie	Moçambique	6,823	41	6,392	38	Expert based
14	Northern South Africa & Kruger	África do Sul	142,303	696	28,631	412	0.36 / 100km ²
15	Botswana resident range	Botswana	429,622	1547	105,225	379	0.35 / 100km ²
16	Pandamatenga	Botswana	1,456	5	10	0	0.61 / 100km ²
17	Tuli Block	Botswana	23,204	142	743	5	Expert based
18	Namibian resident range	Namibia	506,980	1498	67,017	134	Expert based
19	Luengue-Luiana National Park	Angola	58,281	58	58,281	58	Expert based
20	Moxico	Angola	25,717	26	0	0	0.1 / 100km ²
			1,324,570	4,297	335,686	1,172	

* 'Baseado em peritos' é onde a estimativa da população providenciada é baseada ou da monitoria intensiva em todo o polígono, pesquisa detalhada e/ou rastros investigados ou extrapolação de monitoria intensiva numa parte do polígono, tendo em conta a estabilidade de habitat através do polígono. Para as áreas onde a estimativa de densidade é providenciada, estes são com base nas melhores estimativas de pesquisas combinadas com conhecimento das necessidades da chita e habitat apropriado.

Tabela 3.2. Áreas na África Austral consideradas pelos participantes de apoiar as populações de chita residentes nas áreas não cercadas em 2015 (e actualizado por Angola, Dezembro de 2016). As estimativas populacionais são derivados de uma gama de diferentes metodologias e algumas têm uma grande margem de erro. Localizações são mostradas na Figura 3.3 acima. Área protegida inclui apenas terra dentro IUCN Categoria I-IV Áreas Protegidas.

As estimativas populacionais fornecidas na Tabela 3.2 devem ser interpretadas com cautela porque foram obtidas usando uma variedade de abordagens formais e informais, por vezes, com base em dados relativamente escassos. No entanto, o conhecimento tem melhorado significativamente desde 2007 e enquanto ainda haja algum grau de incerteza em algumas áreas, este é o conjunto de dados mais preciso de estimativa da população actualmente disponíveis.

É importante notar que na África Austral uma grande população residente foi identificada que abrange cinco países (Angola, Namíbia, Botswana, África do Sul e Moçambique) e que abrange uma área de mais de um milhão de km². No entanto, apenas 20% dessa faixa está nas áreas protegidas, mais uma vez realçando que para salvaguardar a chita, a acção de conservação deve ter lugar fora das áreas protegidas. No total, essa área é estimada em possuir c. 4.000 chita (das quais apenas c. 1.000 estão nas áreas protegidas). Nenhuma outra população residente identificada na região tinha uma população estimada de chita superior a 100 adultos e adolescentes independentes.

3.2.3.1 Pequenas populações de chita protegidas

Table 3.2 Tabela 3.2 fornece detalhes sobre as áreas de faixa de chita residente não vedadas mapeadas pelos participantes (localização dessas áreas estão na Figura 3.3). Na África do Sul, os participantes também forneceram informações de 53 pequenos (<1,000km²) reservas vedadas com populações residentes de chita. Estes não são incluídos nos cálculos de números de chita a vaguar livres ou áreas onde as populações em cada reserva são isoladas de todas as outras populações de chita, e são intensamente geridos como componentes de uma metapopulação. Contudo, eles constituem uma contribuição significativa para a população de chita em termos de números. No total, essas reservas cercadas na África do Sul cobrem 11,089km² e têm 334 chitas (EWT comunicação pessoal). Estas chitas têm valor de conservação porque elas são geneticamente bem gerida, são selvagens, bem protegidas, prevenido-predador e amigável aos turistas, e, portanto, estão contribuindo para a maior população de chitas selvagens e também podem ser usado para a restauração nas áreas designadas como faixa recuperável.

3.2.4 Distribuição pelas áreas protegidas

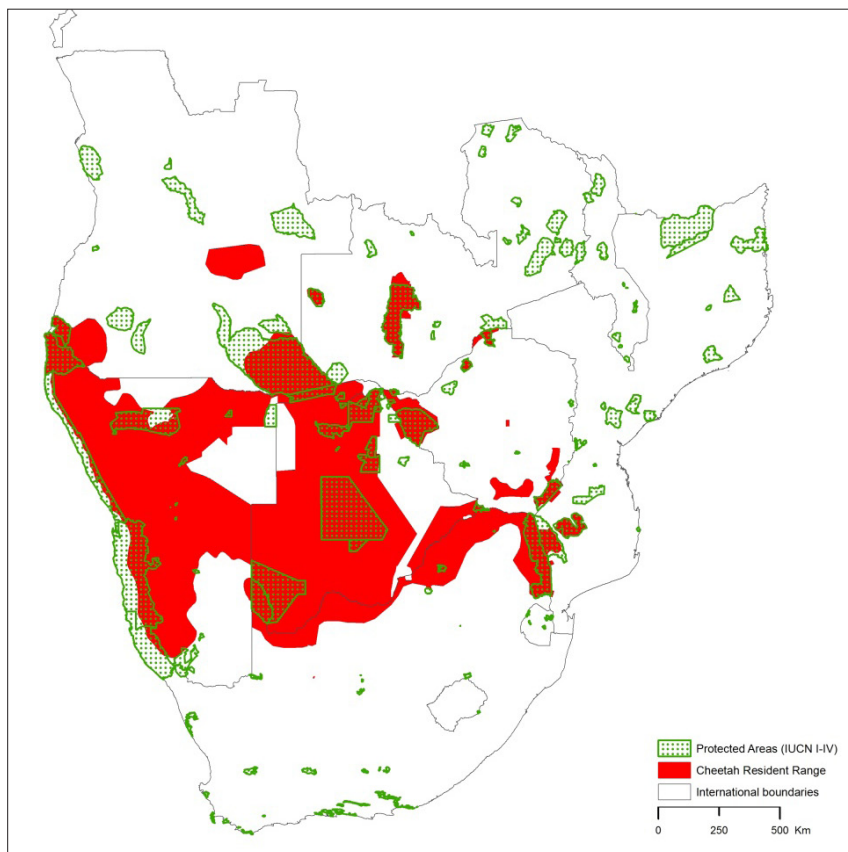


Figura 3.4 A distribuição da Categoria IUCN I-IV Áreas Protegidas relativas para a Faixa Residente de Chita, 2015 (e actualizado para Angola, Dezembro de 2016)

Como é evidente a partir da Figura 3.4, relativamente pequena proporção da distribuição geográfica actual da chita está dentro de áreas protegidas (ver também Tabela 3.2), com apenas cerca de 25% (335,686km²) do total da faixa residente ocorrendo em terras protegidas (categorias IUCN I-IV). A população restante, quase 75%, ocorre fora da rede de áreas protegidas formais da região. Infelizmente, áreas mais desprotegidas da África Austral são raramente seguras para a chita, com uma forte pressão sobre a terra, e aumentando o conflito com os seres humanos, juntamente com uma base de presas em declínio (que também pode ser uma ameaça nas áreas protegidas). No entanto, existem algumas excepções a esta, incluindo algumas das unidades de conservação na Namíbia (totalizando 161,900km²) e Zimbabwe (c. 13,000km²) onde a protecção é geralmente adequada e suficiente para assegurar as populações de chita residentes.

Embora estas áreas são excluídas das áreas protegidas dos mapas e cálculos, porque eles não são designados como categoria IUCN I-IV, eles ainda representam áreas que têm um nível de protecção e em que as populações de animais selvagens podem prosperar.

No entanto, na maioria das áreas, a chita é mais vulnerável fora das áreas protegidas formais, o que representa motivo de preocupação. Em Botswana, por exemplo, se a chita fosse extinta de todas as áreas não protegidas, a população nacional de chita teria um declínio a partir de c. 1.547 para apenas 379 chita. Além disso, sem áreas não protegidas que suportam a chita residente, populações residentes seria na sua maioria pequenas e altamente fragmentadas, com conectividade limitada. Tais populações, por sua vez, iriam enfrentar um risco elevado de extinção.

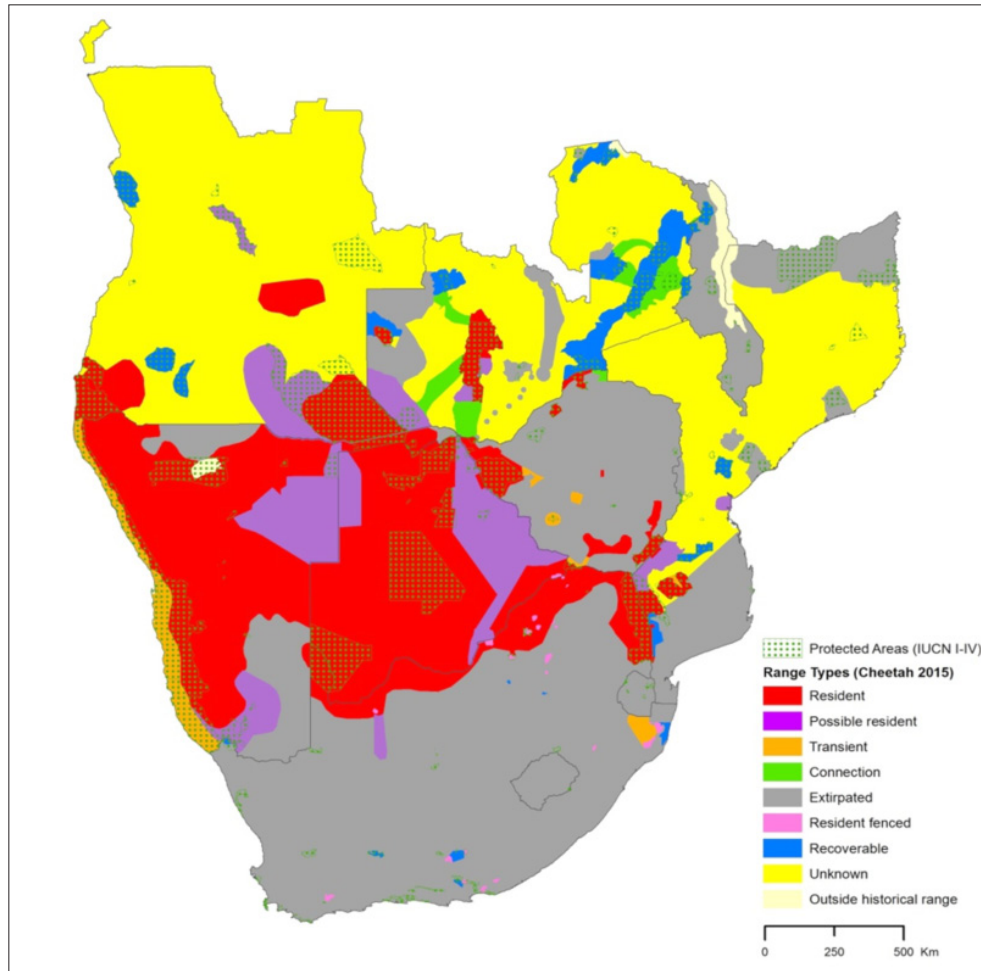


Figura 3.5 A distribuição da Categoria I-IV de IUCN Áreas Protegidas relativa à Distribuição da Chita (Todo tipo de Faixas), 2015 (e actualizado para Angola, Dezembro de 2016)

Muito pouco da possível faixa residente está dentro de áreas protegidas (Figura 3.5). Na Zâmbia (principalmente) e Zimbabwe, nenhuma das áreas indicadas como faixas de conexão são protegidas e, portanto, o futuro desses importantes corredores é improvável que seja segura (Figura 3.5).

Grande parte de faixas recuperáveis identificadas estão nas áreas protegidas, por exemplo Parques Nacionais de Quiçama, Bicuar e Mupa, Angola; Parque Nacional do Norte e do Sul Luangwa, Zâmbia; Nyika, Vwaza Marsh e Parques Nacionais Kasungu, Malawi; e Gorongosa e Zinave Parques Nacionais, Moçambique (Figura 3.5). Estas são as áreas que peritos que participam do workshop pensam ser áreas que poderiam, sob um determinado conjunto de circunstâncias (incluindo a remoção de causas originais de declínio), mais uma vez suportar as populações de chita residentes.

3.2.5 Distribuição pelas fronteiras internacionais

A maior população residente de chita, que se estende por cinco fronteiras internacionais, incorporando áreas de Angola, Namíbia, Botswana, África do Sul e Moçambique (Figura 3.3), suporta uma população de chitas de 4.021 indivíduos. Isto representa 94% do total da população residente, e 92% da população total da região, quando a meta-população gerida em pequenas reservas vedadas da África do Sul é incluída. Esta grande população e altamente significativa de chita destaca a importância da necessidade de uma gestão transfronteiriça e a harmonização do controle de ameaças através de fronteiras internacionais. Além disso, com uma boa conservação transfronteiriça (e mais pesquisa) do norte ocidental do Grande Ecossistema de Hwange, é possível que essa grande área da faixa residente de chita no Zimbábue também poderia ser, eventualmente ligada.

3.3 Situação da Chita em 2015 comparada com 2007

	Residente	Residente pequena vedada	Possível residente	Transitória	Connecting	Recuperável	Extirpada	Desconhecida
2007	20.90%	0.07%	6.80%	---	1.60%	4.20%	26.00%	40.50%
2015	22.62%	0.10%	6.62%	1.16%	0.97%	2.66%	40.73%	25.25%
Diferença	1.72%	0.03%	-0.18%	---	-0.63%	-1.54%	14.73%	-15.25%

Tabela 3.3 Comparação percentual da área no âmbito da distribuição de categoria de faixas entre 2007 e 2015 (Números Angolanos actualizados Dezembro de 2016)

	Residente	Residente pequena vedada	Possível residente	Transitória	ligada	Recuperável	Extirpada	Desconhecida
2007	1,178,563	8,336	385,643	---	89,320	236,904	1,466,400	2,289,461
2015	1,324,570	11,573	424,218	70,810	56,855	126,317	1,951,233	1,919,002
Diferença	146,007	3,237	38,575	---	-32,465	-110,587	484,833	-370,459

Tabela 3.4 Comparação das áreas (em km²) no âmbito de distribuição de diferentes categorias de faixas entre 2007 e 2015 (Números Angolanos actualizados Dezembro de 2016)

Tabelas 3.3 e 3.4 mostra que a faixa residente em 2016 era de 146,007km² mais do que em 2007; um aumento de 1.72%). No entanto, houve algumas mudanças notáveis na distribuição de terras classificadas como faixa residente (ver secção 3.3.1).

A faixa residente possível aumentou em c. 38.000 km² e as faixas de conexão e recuperável diminuíram um pouco, embora a nova categoria da faixa transitória possa parcialmente explicar parte deste. As grandes diferenças são nas áreas de faixa extirpada e desconhecida. A anterior aumentou em 14,73% (ou 484,833km²), enquanto a última diminuiu em 15,25% (ou 370,459km²). Esta diferença é principalmente devido à melhoria da informação e do conhecimento; deslocando alguma área da faixa previamente desconhecida em diferentes categorias, e também de maior certeza nas áreas onde a chita é definitivamente não se sabe de ser extirpada.

3.3.1 Mudanças da distribuição das faixas de residência desde 2007

Duma forma ncorajadora a área de terra designada como faixa residente para chita aumentou em 146.007km²; de 1,178,563km² em 2007 para 1,324,570km² em 2015. No entanto, também houve algumas mudanças significativas na distribuição espacial das terras classificadas como faixa residente (Figura 3.6).

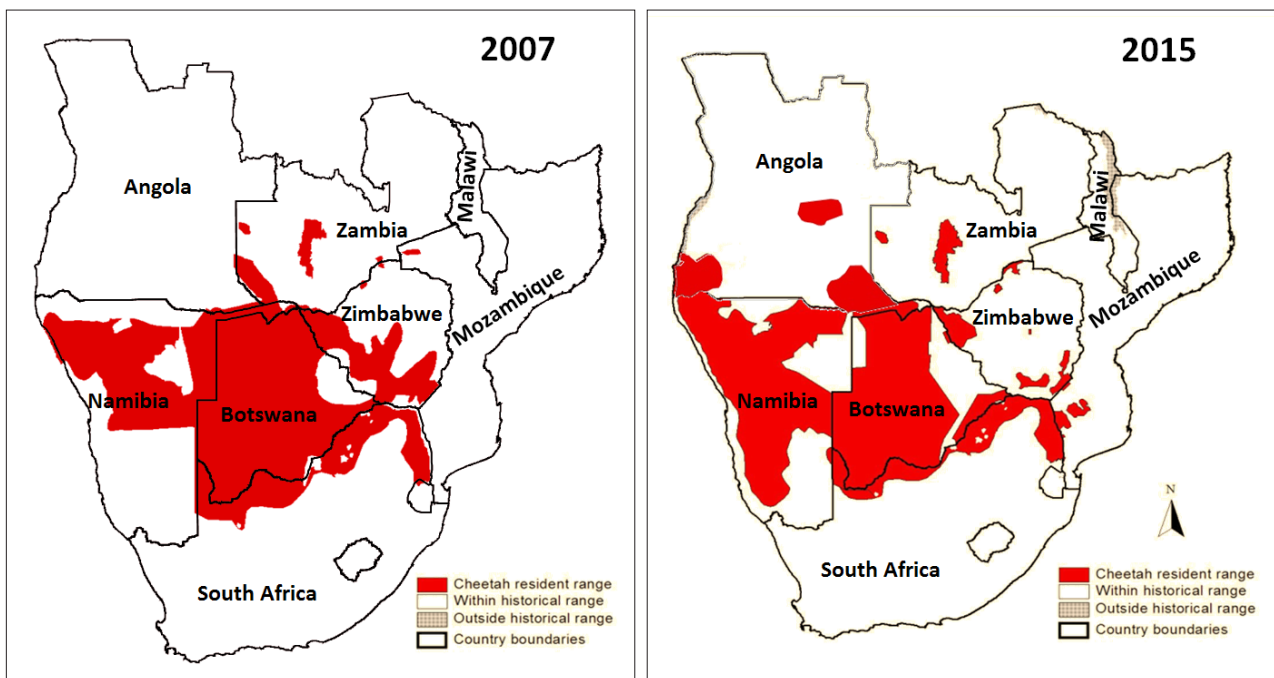


Figura 3.6 Faixa residente de chita em 2007 (à esquerda) e 2015 (direita) (e actualizado para Angola, Dezembro de 2016). A quantidade de terra designada como faixa residente para chita aumentou 62,000km² desde 2007, mas a distribuição também mudou. Note a grande extensão da faixa de chita residente na Namíbia e da adição do Parque Nacional de Iona em Angola, mas também a redução severa na faixa de chita residente no Zimbábue.

Desde 2007, muito mais da Namíbia, e três populações em Angola foram classificadas como faixas residente para a chita, enquanto grande parte da área anteriormente considerada faixa residente no Zimbabwe é actualmente extirpada. E o aumento do número de faixas residentes na Namíbia e em Angola é bastante encorajador, deve-se notar que as densidades da chita estimadas para estas paisagens são muito baixas (0,1 a 0,2 indivíduos/100 km²). Em contraste, algumas das áreas que foram perdidas como faixa residente da chita (por exemplo, no Zimbabwe) suportava maiores densidades da chita.

Por conseguinte, em termos de números, a estimativa total da chita na África Austral diminuiu de 6.260 chitas em 2007 para apenas 4.297 chitas em 2015 (ou 4.631 se incluíssemos os 334 indivíduos nas pequenas reservas cercadas na África do Sul). O número da chita nas áreas formalmente protegidas também diminuiu de 1.460 indivíduos em 2007 para 1.172 em 2015. Parte dessa mudança é devido a mais informações sobre densidade em diferentes habitats, mas alguns quase certamente representam declínio real.

3.4 Conclusões

A distribuição geográfica da chita na África Austral contraiu drasticamente nos últimos anos. A chita é agora conhecida de habitar apenas 22,6% de sua faixa histórica anterior na região, como identificado pelos participantes do workshop de 2015. A população é dominada por uma extrema importância, relativamente espalhada, uma população que abrange cinco países: Angola, Namíbia, Botswana, África do Sul e Moçambique. Há também uma série de pequenas populações residentes fragmentados em Moçambique, Zâmbia e Zimbabwe, e um número de populações de chita geridos na África do Sul.

No geral, a estimativa da população livre de chita na África Austral em 2015 era de 1.963 indivíduos menos do que era em 2007 (6.260 em 2007, em comparação com 4.297 em 2015). Em termos de números, o que representa uma perda de 33% em 8 anos, ou uma taxa de crescimento anual composta de -4,83% por ano. Contudo, como mencionado, nem todo este pode ser atribuído à perda real como alguns podem representar a disponibilidade de melhores dados. É claro que houve um grande declínio da chita no Zimbabwe e há informações anedóticas que podem representar também uma queda real na Namíbia, mas é necessário mais informação antes de podermos afirmar exatamente o que tem acontecido.

Com >77% das restantes faixas residente de chita desprotegidas, e considerando também que as populações de chita nas áreas protegidas nem sempre estão seguras (Durant et al, 2016), a população está longe de ser segura. Há, portanto, uma necessidade urgente de cooperação internacional para a conservação da chita em toda a região, e não apenas nas áreas protegidas, se a conectividade das populações remanescentes deve ser mantida.

Apesar de uma grande quantidade de informação que está disponível para alguns da região (nomeadamente o Botswana, Namíbia, África do Sul e Zimbabwe) o status de chita é desconhecido através de 25% da região, e incerto (considerado "possível faixa") em mais de 6,6%. É uma prioridade para estabelecer se faixas identificadas desconhecidas contém chita, bem como confirmar ou não possível faixa residente de facto contém populações reprodutoras de chita. Isso irá exigir inquéritos que podem abrir a possibilidade de uma maior faixa transfronteiriça, incluindo entre o sudeste de Angola, Namíbia e Zâmbia, e entre Moçambique e Zimbabwe, realçando a necessidade de cooperação transfronteiriça na conservação da chita.

Um número de áreas foram identificadas na Zâmbia (principalmente), Angola, Malawi e Moçambique com alguma forma de status de área protegida, onde as populações de chita poderiam recuperar (faixa recuperável). O potencial para tal recuperação deve ser avaliado através de uma maior compreensão das causas do declínio inicial, e se estas causas podem ser removidas ou reduzidas. Contudo, quase 41% do total da faixa histórica de chita (principalmente no Malawi, Zimbabwe e África do Sul) foi considerada extirpada e irrecuperável. Isso enfatiza a ameaça do aumento da população humana e da agricultura intensiva para a sobrevivência de populações de chita. Finalmente, grande parte da faixa desconhecida é provável que seja desprovida de chita dada as altas densidades populacionais humanas e agricultura intensiva.

Tomando em conjunto, o declínio no tamanho da população, aumento da faixa extirpada e avulnerabilidade de 77% da população de chita habitando fora das áreas protegidas, requer um planeamento e implementação imediata da conservação da chita em geral, antes que o habitat seja irremediavelmente fragmentado e se perca.

A Distribuição e a Situação do Mabeco na África Austral

4.1 Distribuição histórica

No passado, o mabeco estava amplamente distribuído em toda a África Austral. O mabeco é generalist de habitat, capaz de persistir numa ampla variedade de condições ambientais desde que as presas estejam disponíveis. Embora as maiores densidades de mabeco foram registadas na savana arborizada (Creel & Creel, 2002), as populações foram registados em habitats tão diversos como pastagens curtas (Kuhme, 1965), floresta montanhosa (Dutson & Sillero-Zubiri, 2005), e semi-deserto (Fanshawe, 1997). Antes da actividade humana ter modificado proporções substanciais de habitats naturais da África Austral, mabeco teria ocupado a maior parte da região, delimitada pelo mar para o leste e sul, e pelos desertos de areia do Namib para o oeste. Hoje, o mabeco permanece incomum mesmo em floresta essencialmente perturbadas, aparentemente devido as interações negativas com os grandes carnívoros (Creel & Creel, 1996; Mills & Gorman, 1997). Portanto, apesar de sua ampla distribuição geográfica no passado, mabeco provavelmente foi nunca abundante.

O mapa da distribuição histórica do mabeco (Figura 4.1) foi actualizado durante o Workshop Regional de 2015 dum mapa produzido em 2007. Os participantes emendaram a faixa histórica publicada aumentando a exclusão da costa ocidental de Angola (uma extensão esqueleto da costa da Namíbia).

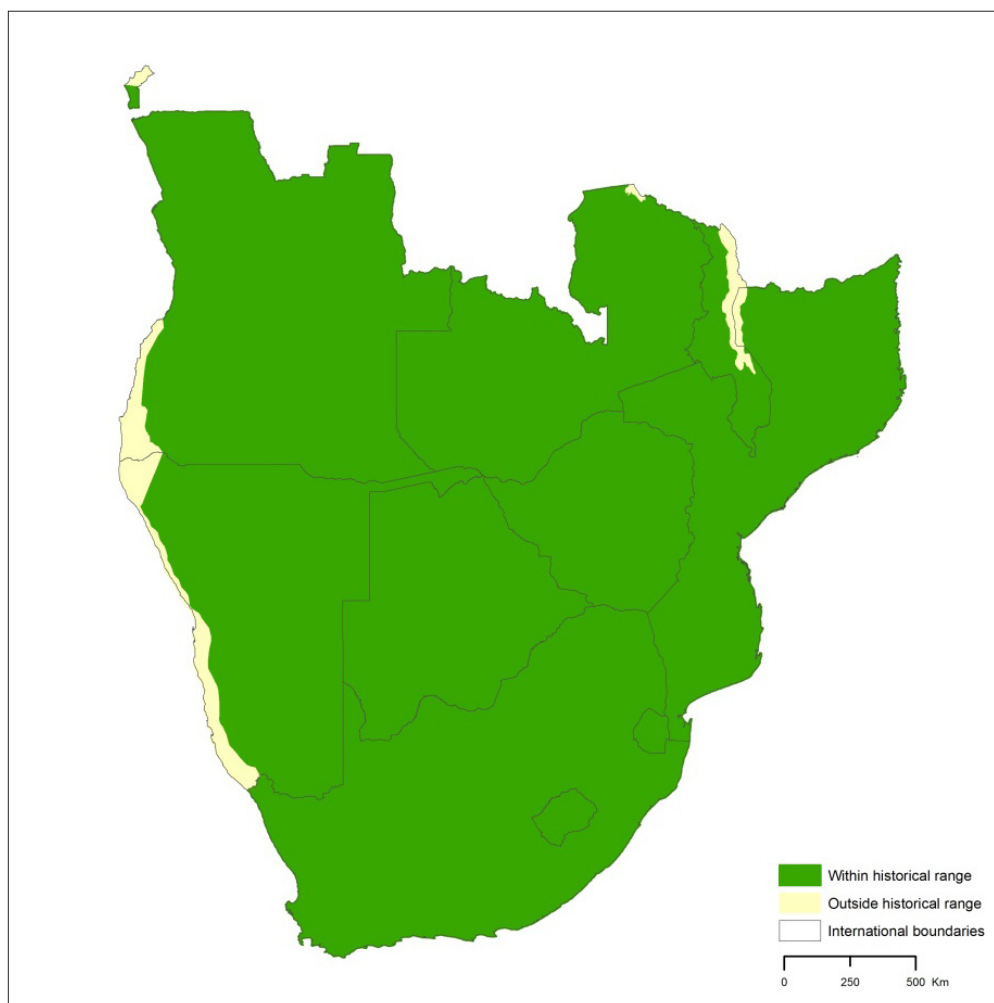


Figure 4.1 Faixa histórica do mabeco, antes do impacto da actividade humana tal como acordado no segundo Workshop Regional da Chita e Mabeco da África Austral (2015)

4.2 Actual distribuição

4.2.1 Categorias actuais da faixa geográfica

Devido ao facto da distribuição do mabeco ser pouco conhecida na região, o processo de mapeamento original reconheceu sete categorias actuais de faixas geográficas, que foram actualizadas no workshop de 2015. Estas categorias são idênticas às usadas para a chita (ver Capítulo 3). Mais detalhes sobre as definições de faixas são apresentadas no Apêndice 3.

1. **Faixa residente:** Residente: área onde o mabeco é conhecido de ainda ser residente. (Uma categoria Residente vedada é usada para áreas <1.000km² que estão bem vedadas, veja abaixo)
2. **Possível faixa residente:** Possível gama residente: área onde o mabeco poderá ainda ser residente, mas onde a residência não tenha sido confirmada nos últimos 10 anos.
3. **Faixa transitória:** Faixa Transient: habitat utilizado de forma intermitente pelo mabeco, mas onde o mabeco é conhecido por não ser residente e que não se conecta a outra faixa residente.
4. **Faixa de conexão:** área onde se presume que o mabeco seja residente, mas que os animais dispersos podem usar para se mover entre áreas ocupadas, ou para recolonizar a faixa extirpada. Tais conexões podem assumir a forma de “corredores” de habitat contínuo ou “trampolim” de fragmentos de habitat.
5. **Faixa recuperável:** área onde o habitat e presas permanecem sobre áreas suficientemente grandes que, ou a recuperação natural ou assistida do mabeco pode ser possível dentro dos próximos 10 anos, se uma acção de conservação razoável ter que ser realizada.
6. **Faixa extirpada:** área onde a espécie foi extirpada, e onde o habitat é profundamente modificado ou fragmentado a ponto de ser inabitável pelo mabeco residente num futuro previsível.
7. **Faixa desconhecida:** área onde a situação da espécie é actualmente desconhecida e não pode ser inferida usando o conhecimento da situação local de habitat e presas.

Tal como acontece com a chita, as populações de mabeco são consideradas “selvagens” quando não são geridas de forma intensiva, de acordo com as orientações da IUCN/SSC (Subcomité 2016 de Padrões e Petições da IUCN, ver também Redford et al 2011). Dadas as suas baixas densidades e de natureza abrangente, após consulta com o Grupo de Especialistas Canídeos da UICN, consideramos a gestão intensiva necessária em reservas inferiores a 1.000 km² quando estão cercadas por cercas impermeáveis. Consideramos as populações de mabeco em reservas que não são cercadas, ou onde as cercas são permeáveis ao mabeco, como selvagem. As populações em pequenas reservas cercadas podem contribuir para as populações selvagens, fornecendo indivíduos para repovoamento, quando são bem geridas para manter níveis elevados de diversidade genética, como a meta-população de mabeco da África do Sul. Actualmente essas áreas são referidas como populações cercadas, mas é preciso enfatizar que isso não implica populações cativas.

4.2.2 Distribuição actual entre faixas de diferentes categorias

Figura 4.2 mostra a faixa geográfica do mabeco como mapeado por participantes do workshop em 2015, de acordo com as sete categorias acima; A Tabela 4.1 apresenta os mesmos dados num formato quantitativo. Para comparação detalhada a 2007, por favor consulte a Seção 4.4.

O mabeco é considerado de ainda ser residente em aproximadamente 17% de sua faixa histórica (em comparação com 12,4% em 2007). Apesar desse número representar um “piores cenário”, destaca a forte contracção na faixa geográfica que parece ter ocorrido nesta espécie ao longo do século passado. Os participantes consideraram possível (ou mesmo provável) que mais 8,6% da faixa histórica do mabeco poderá ainda apoiar as populações residentes. Este valor é muito semelhante ao que foi gerado em 2007 para uma possível faixa (8,7% em 2007). Nenhuma informação foi disponibilizada para 22% da faixa histórica da espécie, em comparação com 34% em 2007.

Se mesmo uma pequena proporção dessa “possível” e “desconhecida” faixa ainda suporta o mabeco, o estado da espécie seria mais encorajador do que as indicações dos dados sobre a faixa residente. A maior parte da faixa ‘desconhecida’ localiza-se em Angola, Zâmbia e Moçambique, destacando a necessidade de inquéritos nesses países. Moçambique, Botswana e Angola também contêm grandes áreas de “possível” faixa (Figura 4.2).

O mabeco é considerado extirpado através 43,9% de sua faixa histórica (incluindo extirpado, faixa recuperável e de conexão, Tabela 4.1; Figura 4.2). Isto é quase certamente uma subestimação substancial; é provável que uma alta proporção da faixa ‘desconhecida’ já não suporta mabeco. Desta faixa extirpada, apenas 2,3% foi considerada provável ou que seja capaz de suportar populações de mabeco no futuro (isto é faixa recuperável). A maior extensão dessa faixa ‘recuperável localiza-se ao oeste do Parque Nacional Etosha, na Namíbia (Figura 4.3). A história do mabeco em Etosha é duvidosa, e três tentativas de reintrodução fracassaram (Scheepers & Venzke, 1995). Contudo, uma experiência considerável de reintroduções bem sucedidas têm sido acumuladas desde a última tentativa (Gusset et al., 2008), e seria certamente importante considerar uma outra tentativa se as cuidadosas avaliações sugeriram que o habitat era adequado e as causas da extirpação originais do mabeco foram aliviadas. No entanto, a evidência mais recente sugere que o mabeco pode, naturalmente com o tempo recolonizar Etosha das terras a leste do parque, o que seria preferível a qualquer tentativa de reintrodução apoiada.

Despite supporting no known resident populations, a further 2% of historical range was considered potentially important for wild dog conservation because it connected areas of resident or possible range.

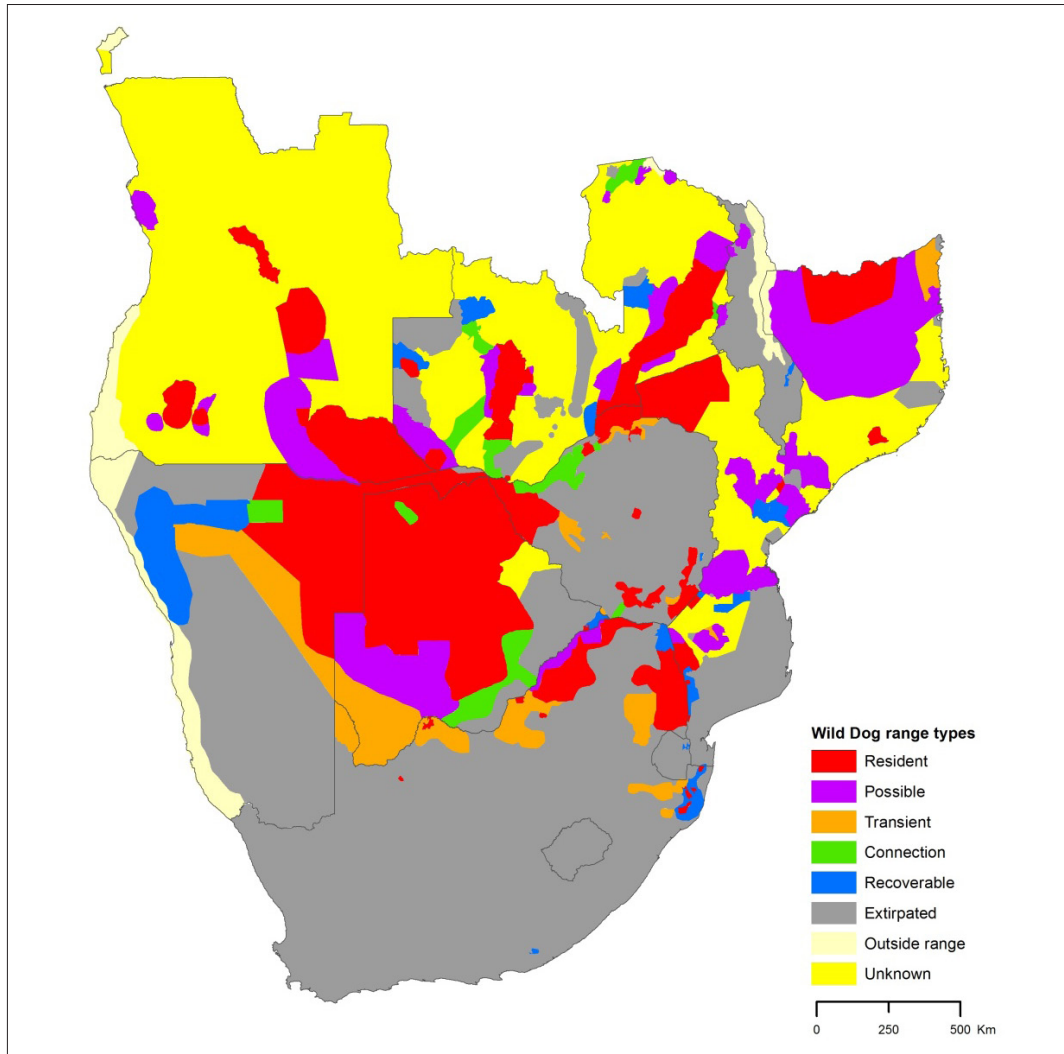


Figura 4.2. Distribuição do mabeco na África Austral mapeado pelos participantes do workshop de 2015 (e actualizado para Angola, Dezembro de 2016)

Apesar de apoiar há populações residentes desconhecidas, mais 2% da faixa histórica foi considerada potencialmente importante para a conservação do mabeco por conectar áreas de residência ou possível faixa.

Tabela 4.1 Distribuição de mabeço nas áreas dos Estados da África Austral em 2015 (e actualizado para Angola, Dezembro de 2016). (Note-se que as percentagens foram calculadas como a área total estimada em cada categoria de faixa de mabeço em 2015, dividida pela área total da área dentro da faixa histórica de mabeço).

	Área total País	For a da faixa histórica	Área total dentro da faixa histórica	Residente		Pequena Residente vedada		Possível Residente		Transitória		Conectando		Recuperável		Extirpada		Desconhecida	
				km ²	%	km ²	%	km ²	%	km ²	%	km ²	%	km ²	%	km ²	%	km ²	%
Angola	1,239,890	38,267	1,201,623	129,328	11	0	0	75,097	6	0	0	0	0	0	0	0	0	1,004,431	83
Botswana	578,123	0	578,123	315,405	55	335	0.1	83,086	14	56,354	10	33,197	6	2,023	0	69,574	12	18,993	3
Malawi	117,784	22,091	95,693	0	0	0	0	6,399	7	0	0	0	0	1,060	1	88,236	92	0	0
Moçambique	788,242	10,543	777,699	113,291	15	0	0	248,872	32	13,160	2	0	0	16,522	2	131,927	17	254,922	33
Namibia	823,987	78,319	745,668	181,442	24	0	0	0	0	73,671	10	9,507	1	78,147	10	408,254	55	0	0
África do Sul	1,219,700	0	1,219,700	64,665	5	4,094	0.3	10,375	1	70,137	6	0	0	13,219	1	1,057,330	87	0	0
Zambia	751,769	1,982	749,787	100,895	13	0	0	69,749	9	0	0	31,716	4	26,630	4	85,781	11	434,129	58
Zimbábue	390,427	0	390,427	57,954	15	0	0	0	0	12,967	3	17,780	5	262	0	301,484	77	0	0
Média				962,978	17.25	4429	0.05	493,578	8.63	226,289	3.88	92,200	2.00	137,863	2.25	2,142,586	43.88	1,712,475	22.13

* 'Pequena' áreas vedadas são definidas como aquelas áreas vedadas com menos de 1,000km² de tamanho.

4.2.3 Áreas atuais de faixa Residente do Mabeco e estimativas da população do Mabeco na África Austral

O mabeco é actualmente (2015) determinado de ser residente em várias partes de todos os países da África Austral, excepto o Lesoto, a Suazilândia e Malawi. Figura 4.3 ilustra as actuais áreas de faixa residente do mabeco conhecidas em toda a África Austral. Números estimados de mabeco residente em cada área são apresentados na Tabela 4.2. Em geral, a mais ampla extensão da faixa residente do mabeco é, bem como de chita, localizada através de Botswana e Namíbia, embora densidades populacionais são baixas para grande parte desta faixa (excluindo partes do Botswana, Delta do Okavango, e partes da Região do Zambeze (anteriormente Faixa do Caprivi) na Namíbia onde a densidade de mabeco é relativamente alta).

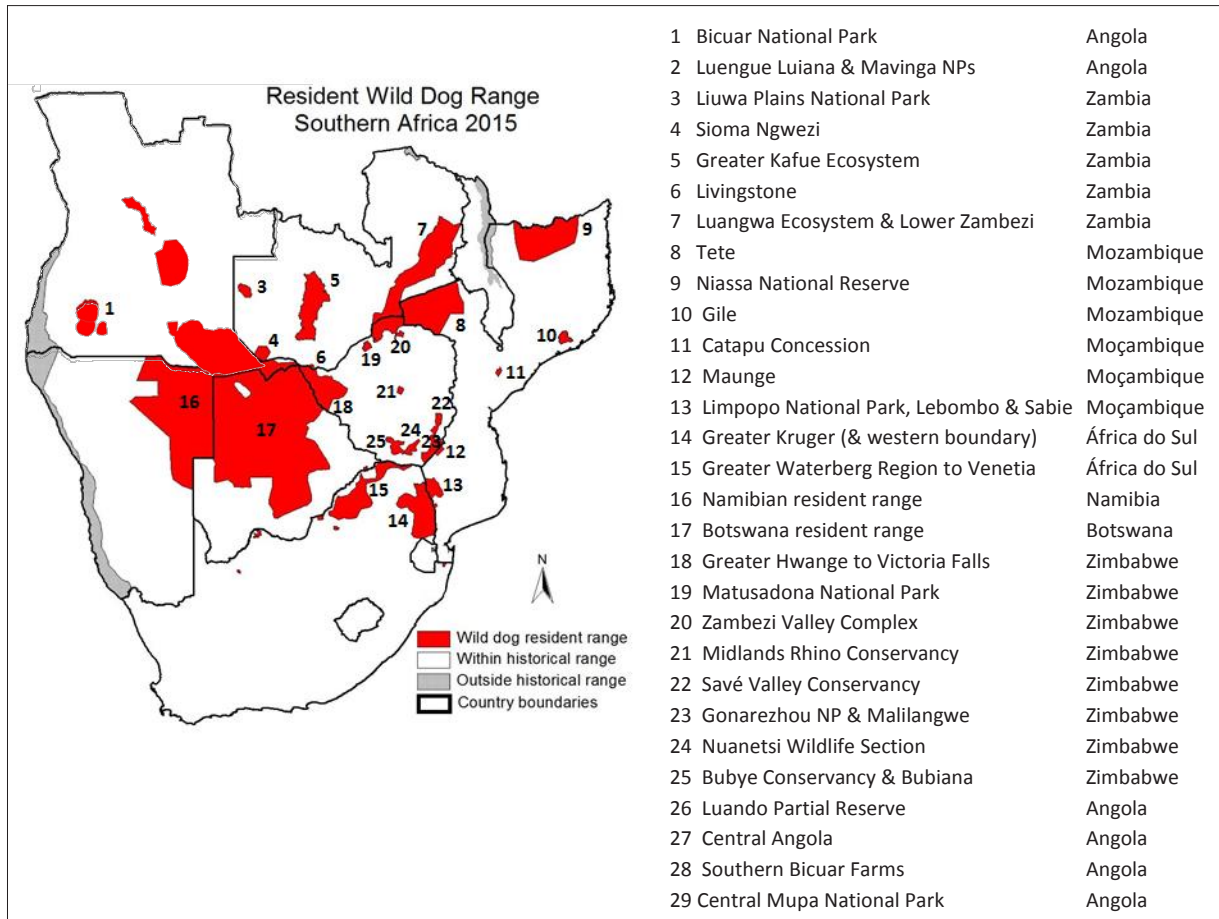


Figure 4.3 Resident African Wild Dog range in southern Africa 2015 (excluding fenced reserves in South Africa, and updated for Angola, December 2016)

	Nome	País	Área (km ²)	Estimativa da População		Área protegida	Nº de mabecos protegidos	Método de cálculo
				Total	Adultos / cachorros			
1	Parque Nacional de Bicuar	Angola	7,728	45	4	7,728	45	Expert based
2	Luengue Luiana e Mavinga	Angola	75,010	225	19	75,010	225	0.3 per 100km ²
3	Parque Nacional Liuwa Plains	Zambia	3,170	16	2	2,921	15	0.5 per 100km ²
4	Sioma Ngwezi	Zambia	4,300	30	3	4,297	30	1 per 100km ²
5	Ecosistema Greater Kafue	Zambia	30,680	110	11	22,184	100	Expert based
6	Livingstone	Zambia	353	4	1	69	1	1 per 100km ²
7	Luangwa Ecosystem & Lower Zambeze	Zambia	62,392	300	52	20,216	97	Expert based
8	Tete	Moçambique	52,135	209	43	0	0	0.4 per 100km ²
9	Reserva Nacional Niassa	Moçambique	49,666	497	41	26,660	267	1 per 100km ²
10	Gile	Moçambique	2,840	28	2	2,838	28	1 per 100km ²
11	Concessionária de Catapu	Moçambique	779	8	1	0	0	1 per 100km ²
12	Maunge	Moçambique	1,067	5	1	21	0	1 per 100km ²
13	Parque Nacional Limpopo, Lebombo & Sabie	Moçambique	6,803	35	3	6,392	33	Expert based
14	Greater Kruger (& Delimitação Ocidental)	África do Sul	31,850	288	24	14,737	133	Expert based
15	Greater Waterberg Region to Venetia	África do Sul	32,815	20	2	728	0	Expert based
16	Namibian faixa residente	Namibia	181,441	544	45	11,672	35	0.3 per 100km ²
17	Botswana faixa residente	Botswana	315,405	1310	131	76,450	318	Expert based
18	Greater Hwange a Victoria Falls	Zimbabwe	25,038	189	36	15,430	116	Expert based
19	Parque Nacional Matusadona	Zimbabwe	1,497	2	1	1,422	2	Expert based
20	Zambezi Valley Complex	Zimbabwe	13,499	135	11	2,118	21	1 per 100km ²
21	Midlands Rhino Conservancy	Zimbabwe	937	7	1	0	0	Expert based
22	Savé Valley Conservancy	Zimbabwe	2,999	98	14	0	0	Expert based
23	Gonarezhou NP & Malilangwe	Zimbabwe	6,371	126	13	4,998	99	Expert based
24	Nuanetsi Wildlife Section	Zimbabwe	2,884	34	3	0	0	Expert based
25	Bubye Conservancy & Bubiana	Zimbabwe	4,729	70	7	0	0	Expert based
26	Reserva Parcial Luando	Angola	8,737	9	1	8,737	9	0.1 per 100km ²
27	Angola Central	Angola	29,126	29	3	0	0	0.1 per 100km ²
28	Fazendas do Sul de Bicuar	Angola	5,886	18	2	0	0	0.3 per 100km ²
29	Parque Nacional de Mupa Central	Angola	2,841	20	2	2,841	20	Expert based
			962,978	4,411	479	307,469	1,594	

Tabela 4.2 Áreas da África Austral consideradas pelos participantes de suportar populações de mabeco residente nas áreas não vedadas em 2015 (e atualizado para Angola, Dezembro de 2016). As estimativas populacionais são derivadas de um conjunto de diferentes metodologias e alguns têm relativamente uma grande margem de erro. Localizações são apresentadas na Figura 4.3 acima. Área protegida inclui apenas terra dentro IUCN Categoria I-IV.

As estimativas populacionais fornecidas na Tabela 4.2 devem ser interpretados com cautela, uma vez que foram obtidas usando uma variedade de abordagens formais e informais, por vezes, com base em dados relativamente escassos; Contudo, não há alternativa de dados mais precisos disponíveis, e o conhecimento actual é uma melhoria significativa relativamente ao que era previamente conhecido. É importante notar que na África Austral uma grande população residente de mabeco foi identificada a qual abrange cinco países (Angola, Namíbia, Botswana Zâmbia e Zimbábue) e abrangendo uma área de mais de meio milhão de km² (558,189km²). No entanto, apenas 30% dessa área (182,928km²) constitui áreas protegidas, mais uma vez enfatizando o facto de que a acção de conservação deve ser realizada fora das áreas protegidas. No total, este grande área é estimada de conter 2.302 mabecos, ou 235 bandos, (dos quais apenas 725 indivíduos estão nas áreas protegidas: Tabela 4.2).

4.2.3.1 Pequenas populações de mabeco nas áreas vedadas

Tabela 4.2 fornece detalhes das áreas não vedadas de faixa residente de mabeco mapeadas pelos participantes (localização dessas áreas são ilustradas na Figura 4.3). Na África do Sul, os participantes também forneceram informações de 11 pequenas (<1,000km²) reservas vedadas com populações residentes de mabeco. Estas não são incluídas nos cálculos de números de mabeco que vagueiam livres ou áreas pelo facto de que as populações em cada reserva são isoladas de todas as outras populações de mabeco, e são geridas como componentes duma metapopulação. No entanto, elas constituem áreas importantes para a conservação da espécie como um todo. No total, essas reservas cercadas na África do Sul que suportam o mabeco cobrem 5,086km² com 19 matilhas de mabeco (225 adultos e animais de um ano; EWT comunicação pessoal).

4.2.4 Distribuição através das áreas protegidas

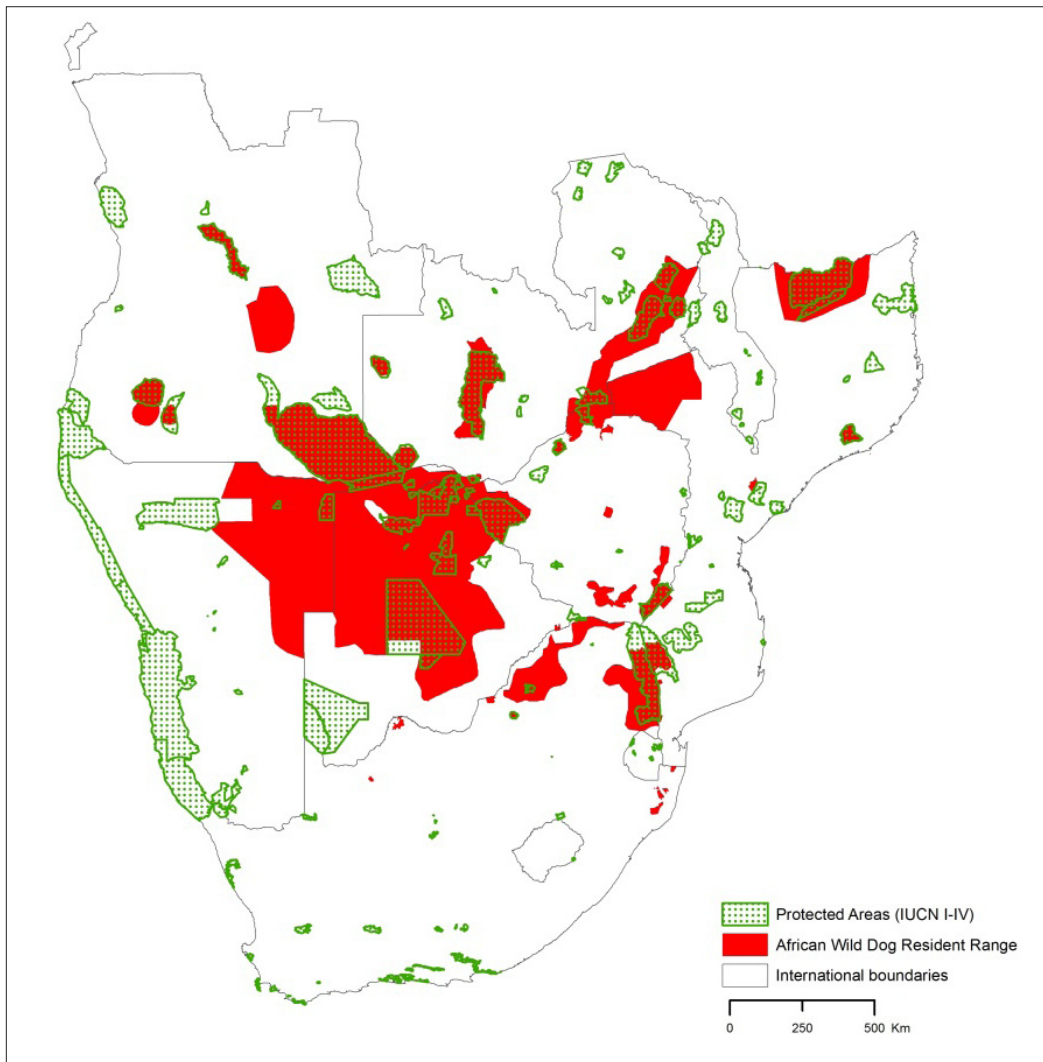


Figura 4.4 A distribuição da Categoria IUCN I-IV Áreas Protegidas relativas Faixa Residente do Mabeco, 2015 (e actualizado para Angola Dezembro de 2016)

Residente para o mabeco ocorre em áreas protegidas (categorias IUCN I-IV) com as restantes populações (68%) que ocorrem fora das regiões formais da rede de áreas protegidas. Embora que, em 2007, 38% da faixa residente ocorreu em terras protegidas, a diferença não é devido a um declínio da faixa residente em áreas protegidas, mas sim a identificação de nova faixa residente fora das áreas protegidas (por exemplo, na área de Tete em Moçambique).

Que mais de 65% do mabeco está fora das áreas oficialmente protegidas é motivo de preocupação, como se sabe que áreas não protegidas não são de nenhuma forma seguras, com uma grande pressão sobre a terra, e o crescent conflito com seres humanos, juntamente com uma base de presas em declínio. De fato, mesmo dentro das áreas protegidas, as populações de mabeco não são sempre seguras devido ao aumento da demanda da carne de caça reduzindo a disponibilidade de presas e causando a mortalidade directa em armadilhas de arame. Invasão humana e desclassificação de áreas protegidas também são uma ameaça actual significativa para ambas populações de mabeco e chita nas áreas protegidas.

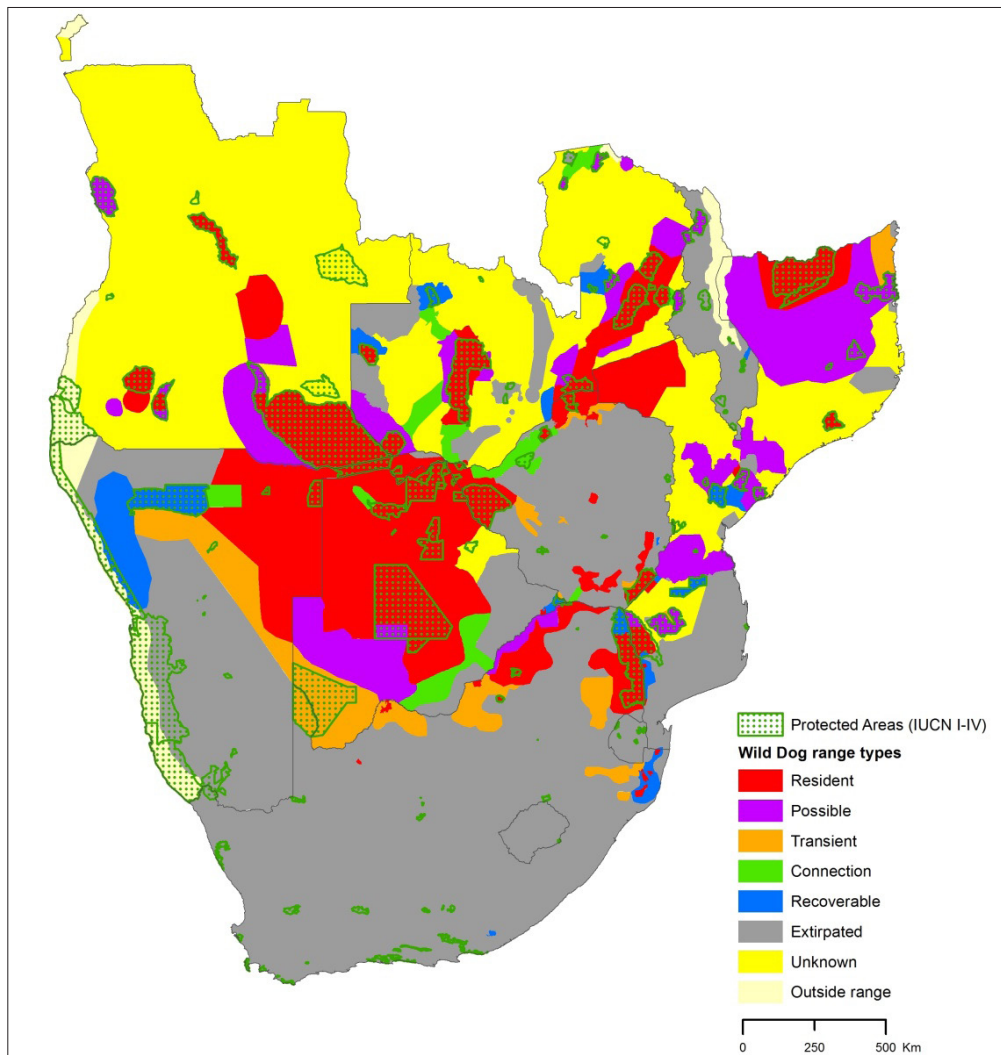


Figura 4.5 A distribuição da Categoria do IUCN I-IV Áreas Protegidas relativas a Distribuição do Mabeco (Todo Tipo de Faixas), 2015 (e actualizado para Angola, Dezembro de 2016)

Embora as populações de mabeco fora das áreas protegidas formais são na maior parte muito inseguras, existem algumas excepções a esta regra. Unidades de conservação privadas ou comunitárias na Namíbia e Zimbábue, por exemplo, tendem a ser bem protegidas e muitas apoiam boas e seguras populações de mabeco. Estas unidades de conservação não são apresentadas nos mapas, e nos nossos cálculos são considerados fora das áreas protegidas, porque eles não são designados como categoria IUCN I-IV; no entanto, elas representam áreas que têm um nível de protecção e do os animais selvagens podem prosperar.

Como ilustrado na Figura 4.5, 68% da faixa residente localiza-se fora das áreas protegidas, bem como a maior parte da possível faixa residente e faixa de conexão. Isso indica que, com a chita, actividades de conservação fora das áreas protegidas são susceptíveis de serem importantes para a preservação desta espécie. Ao contrário de chita, muito pouco da faixa recuperável identificada localiza-se dentro de áreas formalmente protegidas. A excepção é do Parque Nacional de Etosha, que, como mencionado, pode ser recolonizada naturalmente a partir do leste.

4.2.5 Distribuição através das fronteiras internacionais

Como ilustrado na Figura 4.3, as áreas mais importantes para a conservação do mabeco é transversal as fronteiras internacionais; estas incluem as três maiores populações da região. O número total de mabeco estimado serem populações transfronteiriças na África Austral em 2015 (incluindo Parque Nacional do Niassa, que é transfronteiriço com populações na Tanzânia) é de 3.995 indivíduos (437 bandos), que constitui 91% da estimativa total da população na África Austral. Esta elevada percentagem serve para enfatizar a importância da conservação transfronteiriça, incluindo a harmonização do controle de ameaças através de fronteiras internacionais.

4.3 Situação do Mabeco em 2015 comparada com 2007

	Residente	Pequena residente vedada	Possível residente	Transitória	Conectando	Recuperável	Extirpada	Desconhecida
2007	12.50%	0.02%	8.80%	---	3.00%	2.10%	39.80%	33.80%
2015	16.29%	0.05%	8.98%	3.80%	1.98%	2.35%	43.91%	22.69%
Diferença	3.79%	0.03%	0.18%	---	-1.02%	0.25%	4.11%	-11.11%

Tabela 4.3 Comparação da percentagem de faixa histórica no âmbito de diferentes categorias de faixa de distribuição em 2007 e 2015 (e actualizada para Angola, Dezembro de 2016)

	Residente	Pequeno residente Vedado	Possível residente	Transitória	Conectando	Recuperável	Extirpada	Desconhecida
2007	690,575	3,818	483,389	---	167,975	114,076	2,200,685	1,867,166
2015	962,978	4,429	493,578	226,289	92,200	137,863	2,142,586	1,712,475
Diferença	272,403	611	10,189	---	-75,775	23,787	-58,099	-154,691

Tabela 4.4 Comparação das áreas (em km²) de diferentes categorias de faixa de distribuição entre 2007 e 2015 (e actualizada para Angola, Dezembro de 2016)

Como pode ser visto a partir das Tabelas 4.3 e 4.4, entre 2007 e 2015, a faixa residente aumentou quase 5% (272,403km²), mas a faixa extirpada também aumentou com mais de 4%. Conseguimos reduzir a área de faixa desconhecida por mais de 11%. A nova categoria transitória é provavelmente, responsável por grande parte da redução em áreas designadas como faixa de conexão em 2015, bem como a discrepância na categoria extirpada onde a percentagem de terras extirpada aumentou, mas a área real diminuiu (por 58,099km²) desde de 2007.

4.3.1 Mudanças de faixa de distribuição residente desde 2007

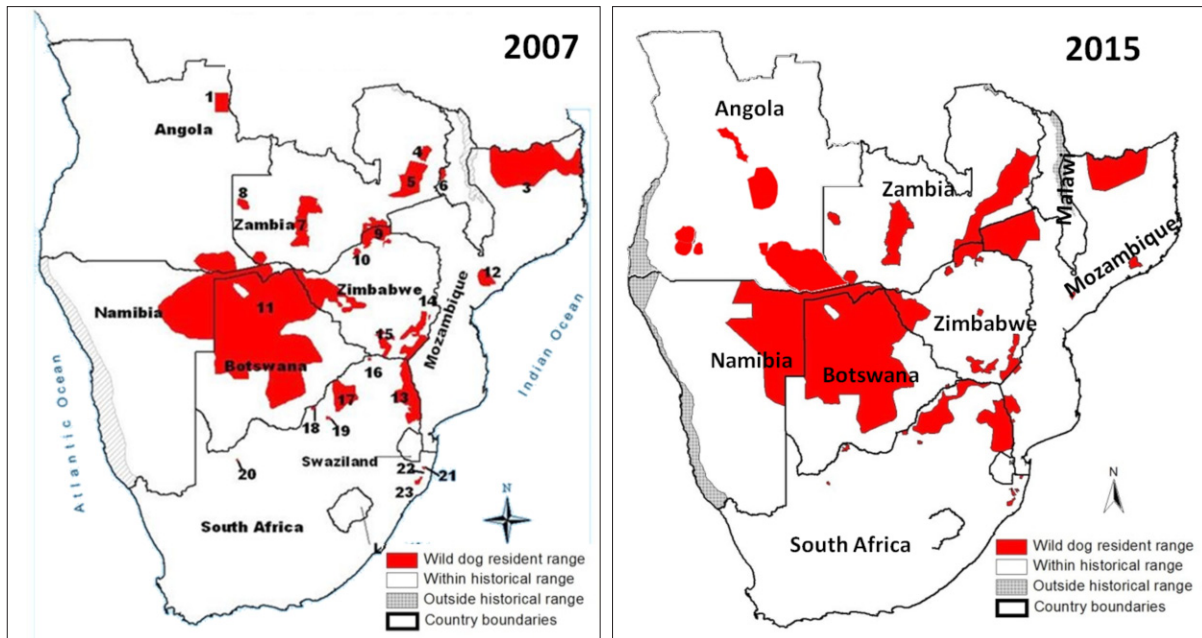


Figura 4.6 Faixa residente de mabeco em 2007 (esquerda) e 2015 (direita) e actualizada para Angola Dezembro de 2016). O total da terra designada como faixa residente para o mabeco aumentou com 182,457km² desde 2007, mas a distribuição também mudou. Nota a vasta extensão de faixa residente do mabeco no oriente da Zâmbia para o interior da área de Tete em Moçambique, uma extensão de faixa residente na Namíbia e da adição do Parque Nacional Bicuar de Angola.

Desde 2007, a disponibilidade de dados melhorados para o mabeco no norte da Namíbia resultou na expansão de faixa residente para o oeste cobrindo uma grande parte do nordeste da Namíbia. Enquanto que algo disso poderá provavelmente reflectir uma expansão da faixa genuína, no seu todo poderá provavelmente ser simplesmente um melhor conhecimento. Além disso, a expansão da faixa provav-

emente verdadeira para o mabeco, junto com melhores dados, resultou numa expansão significativa ao sudoeste do Parque Nacional de Luangwa, na Zâmbia. Contrariamente à situação em 2007, acredita-se agora que a população de mabeco no vale de Luangwa está conectado através do Parque Nacional Lower Zambezi no Vale do Zambeze no Zimbabué. Uma área adicional significativa de faixa na área de Tete em Moçambique foi acordado pelos participantes no workshop de 2015, de ser também faixa residente para o mabeco, e com esta ligando através do Vale do Zambeze, e subindo para o ecossistema de Luangwa, faz desta área uma nova e importante população transfronteiriça. No Workshop de Planeamento Nacional de Conservação da Chitah e Mabeco de Outubro de 2016 em Angola, os peritos confirmaram também várias áreas novas em Angola como a faixas residentes de mabeco.

Ao analisar os números, a estimativa total para o mabeco na África Austral aumentou ligeiramente de 4.273 animais em 470 bandos em 2007 para 4.411 mabecos em 479 bandos em 2015/16. Se as pequenas reservas vedadas forem incluídas, este número aumenta para 4.636 mabecos em 498 bandos. Embora que o número estimado de mabeco livre não mudou significativamente desde 2007 (aumento de apenas 138 mabecos, ou 9 matilhas), tem havido algumas mudanças subtis. Áreas de faixa residente foram adicionadas (Fig 4.6), e as estimativas de densidade para algumas áreas foi revisto para baixo com base numa melhor disponibilidade de dados.

Dado um aumento na faixa residente de 272,403km² (quase 5% de aumento desde 2007), o aumento limitado na estimativa da população indica que as populações devem estar em declínio em grande parte da faixa residente anteriormente conhecida.

4.4 Conclusões

A distribuição geográfica do mabeco na África Austral deparou-se com uma contração substancial nos últimos duzentos anos. Da sua distribuição histórica anteriormente cobrindo mais de 5 milhões de km², em 2015 menos de 1,000,000km² (17% do total) ainda aparece a apoiar populações de mabeco residente. Mesmo assim, ambas estimativas de área de faixa residente e da população para mabeco de livre têm aumentado desde 2007, embora este último por apenas 138 animais ou 9 bandos.

Apenas sete dos 10 países da região suportam o mabeco; no Lesoto e Suazilândia o mabeco não existe, enquanto o Malawi tem apenas aparições ocasionais de mabeco presumivelmente transitórios no Parque Nacional de Kasungu. Cerca de 92% do mabeco na região vive em populações que atravessa fronteiras internacionais, e para tal a cooperação transfronteiriça na sua conservação constitui um imperativo.

Em geral, a estimativa do número de mabeco livre não teve uma mudança significativa desde 2007, mostrando apenas um ligeiro aumento de 4.273 animais em 470 bandos em 2007, para 4.411 mabeco em 479 bandos em 2015. Isto representa um aumento de apenas 4,8% durante 8 anos e, se este é o verdadeiro crescimento da população, demonstra uma taxa de crescimento anual de 0,59% por ano.

No entanto, não é provável que isso seja indicativo de uma população crescente, mas sim de mais áreas descobertas onde o mabeco é residente. De fato, a estimativa da faixa residente para o mabeco aumentou em 272,403km² desde 2007, de modo que um aumento tão modesto no número total de populações (de apenas 138 mabecos individuais) indica um declínio em muitas das populações anteriormente conhecidas. No entanto, é moderadamente encorajador que, mesmo com o nosso conhecimento substancialmente melhorado, não estamos registando um declínio no número total de mabeco.

Embora o número e a extensão geográfica de populações conhecidas é pequena em relação à espécie 'faixa histórica, existem outras áreas que ainda podem apoiar populações residentes ('faixa recuperável'). De particular relevância, são as grandes áreas no norte e centro de Moçambique, no sudeste de Angola e no sul do Botswana. Pesquisas nessas áreas seriam de grande valor e deveriam ser priorizadas.

Apenas um número comparativamente pequeno de locais foram identificados onde a recuperação de populações de mabeco extirpado pode ser considerada ('faixa recuperável'). A mais notável destas é uma grande área de terra na Namíbia, em direcção ao oeste através do Parque Nacional Etosha e depois para o sul uma rota curta a partir da costa. A maioria das outras áreas designadas como faixa recuperável, são áreas próximas das que estão actualmente ocupadas por mabeco, e a recuperação natural é, portanto, potencialmente possível. Reintrodução provavelmente não, portanto, uma alta prioridade para a conservação de mabeco na região a médio prazo.

Apesar de uma grande quantidade de informação disponível para alguns da região (em particular a África do Sul, Namíbia, Botswana e Zimbabue), a situação do mabeco ainda é desconhecida em cerca de 22,1% da região e incerta (considerada "possível") nos outros 8.6%. A maior parte da faixa actualmente desconhecida está localizada em Angola, Zâmbia e Moçambique. Estas áreas são também prioridades para o trabalho de pesquisa.

CAPÍTULO 5

Ameaças a Chita e Mabeco na África Austral

5.1 Introdução

Uma avaliação de ameaças contra as populações de chita e mabeco é um componente crucial do planejamento estratégico para a conservação das espécies. Compreender a natureza dessas ameaças é essencial para identificar medidas susceptíveis de atenuar as ameaças e, portanto, atingir os objetivos de conservação.

5.2 Ameaças eminentes

No workshop de 2007, dados sobre ameaças às populações de mabeco e chita foram contribuídos pelos participantes do workshop. Além disso, durante o processo de mapeamento, os participantes foram convidados a listar os actuais factores mais prováveis de ameaça contra as actuais populações, e fornecer evidência de que cada factor representa uma ameaça. Esta informação foi posteriormente revista e recolhida separadamente para mabeco e chita. No entanto, como as ameaças identificadas eram quase idênticas para as duas espécies, serão a partir daqui discutidas em conjunto.

As secções abaixo descrevem as principais ameaças enfrentadas pela espécie, conforme identificado no workshop de 2007 e actualizadas no workshop de 2015. Ameaças adicionais identificadas em 2015 estão listados abaixo desses pontos.

5.2.1 Perda e fragmentação do habitat (ambas espécies)

Perda e fragmentação do habitat em conjunto representam a maior e mais abrangente ameaça para ambos a chita e mabeco, e contribui para várias das outras ameaças imediatas listadas abaixo. Porque ambas as espécies vivem em tão baixas densidades e variam tão amplamente, suas populações necessitam áreas de terra muito vastas para sobreviver do que as outras espécies carnívoras. Por essa razão, a chita e mabeco são mais sensíveis à perda de habitat que outras espécies relacionadas. A longo prazo, a conservação de populações viáveis de chita e mabeco é provável que necessitem de áreas de terra que excede 10,000km², a menos que uma gestão muito intensiva possa ser mantida. Felizmente, ambas as espécies têm a capacidade de sobreviver e se reproduzir em áreas dominadas pelo homem sob corretas circunstâncias; tais como as grandes áreas necessárias para a conservação de mabeco e chita poderiam ser terra protegida, terra não protegida, ou uma combinação dos dois. Ambas espécies têm também excelente capacidade de dispersão, portanto, conservando conexões de habitat pode ser possível para manter o fluxo de genes entre populações, e incentivar a recolonização do habitat desocupada adequado, mesmo nas áreas que foram moderadamente fragmentadas. No entanto, como a população humana continua a aumentar em África, e a pressão sobre os recursos naturais se intensifica, esta continua a ser uma ameaça muito significativa e real.

5.2.2 Conflito com fazendeiros (ambas espécies)

Ambos chita e mabeco estão ameaçadas por conflitos com os fazendeiros em algumas partes da sua área geográfica. Embora ambas as espécies preferem presas selvagens sobre animais domésticos, ambos podem matar o gado em algumas circunstâncias e, portanto, correm o risco de serem mortos pelos agricultores em retaliação. Esse conflito pode envolver ambos os pastores de subsistência e fazendeiros comerciais. Como nenhuma destas espécies prefere regularmente animais mortos, eles são menos suscetíveis à intoxicação comparando com outros carnívoros, como hienas e leopardos, mas pode ser morto a tiro ou espetado. Mesmo onde não há conflito genuíno, equívocos comuns sobre a espécie entre os membros da comunidade também pode levar a perseguição desnecessária.

5.2.3 Conflito com reservas de caça (ambas espécies)

Ambos chita e mabeco estão ameaçados por conflitos com proprietários de reservas de caça em partes da sua área geográfica. Desde caça de criação, muitas vezes representam presa natural para as duas espécies, há poucas, se houver, medidas que podem ser tomadas para reduzir a predação pela chita e mabeco. O mabeco é particularmente não popular com os proprietários de reservas de caça não só porque eles podem levar caça valiosa, mas também porque a sua tendência para perseguir grandes presas nas vedações (Van Dyk & Slotow de 2003) pode causar sérios danos as vedações (Lindsey, du Toit e Mills, 2005). Isto foi destacado na reunião de 2015 como um problema crescente na África do Sul em particular, onde a criação de morfos genéticos e cores de espécies raras e caras de caça está-se tornando cada vez mais generalizada. Devido ao seu valor, muitas vezes há pouca tolerância de qualquer ameaça de um predador e a perseguição é comum).

5.2.4 Perda de presas (ambas espécies)

Ambos chita e mabeco são caçadores altamente eficientes, capazes de sobreviver em áreas de relativamente com baixa densidade de presas. No entanto, perda de presas em algumas áreas, devido à caça, a colheita da carne de caça ilegal, elevadas densidades pecuárias, conversão de habitats ou cordão de vedação veterinários podem ter um impacto direto a populações de chita e mabeco. Perda de presas também podem ter graves efeitos indirectos, uma vez que predação de rebanhos pode tornar-se mais frequentes, onde presas selvagens estão esgotadas (Woodroffe et al., 2005b), intensificando o conflito com os criadores de gado. Embora muitas vezes mais grave fora de áreas protegidas, perda de presas (devido em grande parte à caça furtiva insustentável de carne de caça), é também uma ameaça significativa dentro de muitas áreas protegidas, onde as populações de chita e mabeco devem estar seguras.

5.2.5 Armadilha acidental (ambas espécies)

Embora nenhuma das espécies é regularmente alvo de armadilhas (mas veja Davies & Du Toit, 2004), ambas espécies podem ser capturadas acidentalmente em armadilhas estabelecidas para outras espécies. Essas armadilhas acidentais são uma fonte significativa de mortalidade de mabeco em muitas partes da África Austral (Woodroffe et al., 2007a), tanto dentro como fora das áreas protegidas, e constitui a mais grave ameaça para as populações de mabeco em diversas áreas. Embora os efeitos nas populações de chita são menos quantificados, chitas presas nas armadilhas são relatados ocasionalmente e armadilha pode ameaçar algumas populações, incluindo no interior das áreas protegidas. Além disso, como mencionado acima, armadilha pode impactar negativamente nas populações de mabeco, chita e também de presas. Na reunião de 2015, os participantes acrescentaram que um dos principais problemas é a ampla disponibilidade de arame que é então utilizado para a armadilha (muitas vezes dentro e/ou imediatamente adjacentes às áreas protegidas), bem como a tomada de decisão errada sobre a colocação de materiais de vedações e, a disposição inadequada de materiais que podem ser usados para matar animais selvagens (por exemplo arame).

5.2.6 Acidentes rodoviários (ambas espécies)

Estradas de alta velocidade representam uma ameaça tanto para as populações de chita e mabeco. Mabeco usa estradas para viajar e descansar, e, portanto, são especialmente vulneráveis a acidentes rodoviários. Esta é uma preocupação particular, onde as estradas pavimentadas ou outras estradas de tráfego rápido, atravessa ou estão próximas das principais áreas de vida selvagem, como a estrada Lusaka-Mongu que atravessa o Parque Nacional de Kafue, na Zâmbia, e a estrada Bulawayo-Victoria Falls que atravessa habitat de mabeco perto do Parque Nacional de Hwange no Zimbabwe. Com desenvolvimento da região e mais estradas são asfaltadas, esta fonte de mortalidade pode aumentar a menos que programas de consciencialização são instigados (por exemplo, no norte de Moçambique).

5.2.7 Pequenas populações (ambas espécies)

Os participantes identificaram a pequena população como uma ameaça para a persistência de várias populações de mabeco e chita na África Austral. Muitas dessas populações foram reintroduzidos em áreas pequenas, vedadas na África do Sul e são intensamente geridos como parte de metapopulação em todo o país. Sem tal gestão poucos, se algum, podem ser considerado viável. No entanto, várias populações muito pequenas (especialmente populações de chita) persistem em áreas não cercadas; mantendo a conectividade com outros habitat adequado será vital para a conservação dessas populações.

5.2.8 Doenças Infecciosas (principalmente mabeco)

Doença infecciosa pode ter grandes impactos sobre populações de mabeco. A raiva contribuído para a extinção da população de mabeco no ecossistema de Serengeti-Mara em 1991 (Gascoyne et al, 1993;.. Kat et al, 1995), e tem havido vários surtos documentados na África Austral (por exemplo, ver Hofmeyr et al, 2000;.. Hofmeyr et al, 2004). Doença viral canina causou pelo menos a morte de todo o bando em Botswana (Alexander et al., 1996) e frustrou uma tentativa de reintrodução em Tswalu na África do Sul. Mais recentemente (2016), mabeco no Parque Nacional de Kruger, na África do Sul também foram afectados pela doença (EWT, pers. Com. 2016). Ambos os anti-rábica e vírus cinomose são mantidos no seio de populações de cães domésticos (Cleaveland et al, 2000;.. Cleaveland & Dye, 1995); portanto, os riscos de doenças são susceptíveis de serem particularmente elevados para o mabeco que vive fora das áreas protegidas. Doença provavelmente representa uma ameaça menor para a chita, embora em algumas áreas antraz causou mortalidade substancial (Lindeque, Brain & Turnbull, 1996).

5.2.9 Caça para o comércio ao vivo e outros usos (principalmente chita)

Chita raramente é caçada por causa da sua pele, ou para usos culturais, na África Austral. No entanto, o comércio ilegal ou mal regulamentado de chita viva para o comércio de animais de estimação tem sido documentada em Botswana, Namíbia e África do Sul e pode ser um problema crescente em toda a região. A principal área para esse comércio é a indústria de reprodução em cativeiro da África do Sul. Chita é caçada legalmente dentro da indústria da caça na Namíbia; as pequenas quotas legais para caçar as espécies no Zimbabwe e Botswana são raramente usadas. O mabeco é ocasionalmente levado para usos culturais (especialmente no Zimbabué (Davies & Du Toit, 2004) e Malawi), mas esta é provavelmente muito rara para constituir uma séria ameaça a viabilidade da população. A maior ameaça para a chita do comércio ilegal de animal de estimação é nas populações no Corno de África (Quênia, Etiópia, Somália, Sudão do Sul e Djibouti).

Durante o workshop de 2015, foram identificadas algumas ameaças adicionais. Estes incluíam:

5.2.10 Turismo irresponsável e distúrbios das tocas (principalmente mabeco)

Alguns participantes consideraram que o turismo irresponsável, particularmente em tocas de mabeco, constitui uma ameaça emergente para o futuro vigor de bandos afectados. Distúrbios regulares e significantes de tocas por turistas não regulamentados poderá constituir uma séria ameaça para a sobrevivência dos cachorros no longo prazo.

5.2.11 Aumento do uso de veneno (ambas espécies)

Embora nem chita nem o mabeco alimentam-se normalmente de animais já mortos, o aumento do uso de veneno de 'caça silenciosa' é uma ameaça potencial, especialmente quando poços são envenenados. Esta foi considerada como uma ameaça emergente para a chita e mabeco.

5.2.12 Pobre coexistência com as comunidades

Dado que a chita e mabeco vivem ao lado de algumas das populações mais pobres do mundo, a falta de benefícios para as comunidades de chita e mabeco, a falta de resiliência das comunidades sujeitas ao impacto da chita e mabeco e a falta de meios de subsistência alternativos, todos apresentam uma ameaça para o futuro das espécies em terras comunais. Houve também uma percepção entre os participantes de que tinha havido uma redução de opções de rendimento para as comunidades à base de animais selvagens.

5.2.13 Políticas prejudiciais de uso da terra

Os participantes da reunião de 2015 afirmaram que certas questões relativamente ao uso da terra representam uma ameaça direta e grave para mabeco e chita. Estas incluíam a falta de engajamento com o sector privado para minimizar impactos da mineração e extração de recursos, a falta de coordenação para falar com uma única voz para parar de prejudicar o desenvolvimento em grande escala e pobre zoneamento ou pobre integração de programas de uso da terra. Também estavam incluídos aqui a questão do aumento da quantidade de vedações a prova de predadores para a gestão de reservas de caça (que iria bloquear dispersões e aumentar os riscos de eventos estocásticos, como a seca ou surto de doenças).

5.2.14 Ausência de compromisso político

Ausência de coordenação intersectorial e cooperação a nível político foi considerado uma ameaça para a chita e mabeco, dificultando os esforços de conservação ao nível de políticas. Relativamente a isso foi a preocupação da falta de poder de ministérios ambientais e a falta de integração política de conservação da biodiversidade nas outras áreas de políticas e engajamento político. Finalmente, uma ameaça emergente é a do desvio de recursos para elefantes e rinocerontes. Com uma grande crise da caça furtiva actualmente em curso, mais atenção, esforço e recursos estão sendo desviados para programas de conservação de rinoceronte e de elefante, resultando em menos recursos e menos espaço para as questões de conservação de chita e mabeco a nível governamental.

5.2.15 Outros

Outras ameaças determinadas por participantes do workshop de 2015, que, embora importantes, são em grande parte, para além da capacidade de abordagem dos participantes, incluem::

- As minas que restringem o acesso por parte das autoridades da vida selvagem e matam animais
- A corrupção das agências que enforçam a lei e ordem
- Perda de resiliência das populações de chita e mabeco devido a mudanças climáticas

5.3 Constrangimentos para atenuar as ameaças

Conservação de populações de chita e mabeco, requer a mitigação das ameaças acima listadas, muitas vezes em vastas escalas espaciais. Os participantes do workshop, portanto, identificaram as barreiras ao alcance destes resultados. Mais uma vez, os resultados para chita e mabeco eram extremamente semelhantes e são discutidas em conjunto.

Constrangimentos identificados incluem a falta de vontade política para promover a conservação de chita e mabeco, agitação política em algumas importantes áreas de mabeco e chita, o financiamento insuficiente, falta de capacidade, legislação inadequada, má gestão da terra e a falta de consciência do governo e do público. Estes constrangimentos humanos potencialmente mutáveis contrastam com várias restrições biológicas, que são característicos de mabeco e chita e não podem ser alterados: estas incluíam interações negativas das espécies com outros grandes carnívoros, e sua capacidade de matar valiosos animais "caça".

Este resumo dos problemas enfrentados para a conservação de mabeco e chita foi usado para informar a análise do problema, que foi fundamental para o desenvolvimento do plano estratégico (ver Capítulo 6). Nos últimos anos, ferramentas foram desenvolvidas para

resolver muitas das ameaças imediatas para as populações de mabeco e chita (por exemplo Woodroffe et al., 2005a), mas as causas profundas destas ameaças incluem problemas como a invasão humana nas áreas de vida selvagem e falta da capacidade de conservação, que são comuns a muitas espécies na região.

5.4 Conclusões

Ambas as ameaças imediatas e finais enfrentadas pelo mabeco e chita são muito semelhantes. Na verdade, essas ameaças são semelhantes as enfrentadas por todos os grandes carnívoros na África. No entanto o comportamento extremamente amplo de mabeco e chita torna-os extremamente sensíveis a estas ameaças e significa que as ameaças devem ser mitigadas nas áreas extremamente vastas. A semelhança das ameaças enfrentadas pelas duas espécies também significa que, com muito poucas exceções, as actividades de conservação implementadas para estas espécies são susceptíveis de beneficiarem-se ambas.

Foi o objetivo da reunião de revisão estratégica para rever o plano estratégico de conservação para incorporar objetivos, resultados e actividades para enfrentar as ameaças identificadas.

A ESTRATÉGIA REGIONAL DE CONSERVAÇÃO PARA O CHITA E MABECO NA ÁFRICA AUSTRAL (ACTUALIZADA AGOSTO DE 2015)

6.1 Antecedentes

A primeira Estratégia de Conservação da Chita e Mabeco da África Austral foi produzida em 2007. A estrutura e o desenvolvimento do plano estratégico seguiu o processo que foi recentemente desenvolvido pelo IUCN/SSC, e implementado num exercício de plano similar para a chita e mabeco da África Oriental em 2007 (IUCN/SSC, 2008). Este processo foi também ilustrado por dois planos estratégicos de espécies anteriores em África: do Elefante da África Ocidental (IUCN, 2005) e o Leão Africano (IUCN, 2006).

Informação de anteriores planos de acção para a chita e mabeco – O Plano Global de Acção de Conservação da Chita (Bartels et al., 2001, 2002) e o Estado de Pesquisa e Plano de Acção de Conservação do Mabeco (Woodroffe et al., 1997; Woodroffe, McNutt & Mills, 2004) – foram também muito importantes para o desenvolvimento do processo.

O processo de workshop usado em 2007, e mais uma vez amplamente seguido em 2015, incluiu as seguintes componentes:

1. Engajamento com as partes interessadas: individualidades e instituições importantes e competentes para implementar o plano – incluindo autoridades do governo, especialistas de espécies e ONGs relevantes – todos foram envolvidos no processo de planificação estratégica.
2. Sumário de conhecimentos: O processo de mapeamento durante o workshop estabeleceu informação actualizada do estado e distribuição de ambas espécies (veja Capítulos 3-4). Este providenciou informação essencial para o desenvolvimento e actualização do plano estratégico.
3. Análise do problema: Uma análise do problema foi realizada para identificar ameaças, lacunas e constrangimentos que influenciaram a habilidade dos participantes para a conservação da chita e mabeco. A análise do problema providenciou informação importante para o desenvolvimento dos objectivos para o plano estratégico. Este foi actualizado no workshop de 2015 workshop e, introduzido no novo plano.
4. Plano estratégico: Um plano em cascata foi construído, começando com a visão, continuando para o objectivo, uma série de objectivos foram idealizados ao encontro do objectivo, e depois um conjunto de metas e actividades para abordar cada um dos objectivos (Figura 6.1). Na reunião de 2015, os objectivos deste plano foram revistos até ao nível inferior.

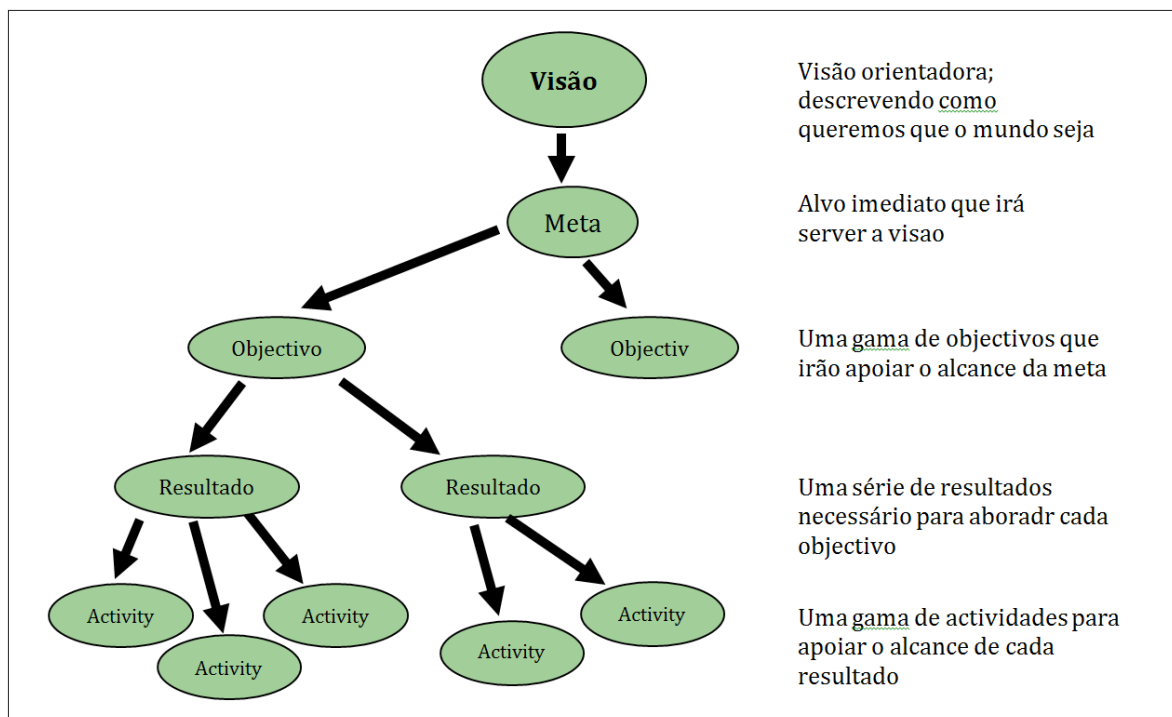


Figura 6.1 A estrutura do plano estratégico desenvolvido nos workshops de 2007 e 2015. No workshop de 2007, 'resultados' eram chamados 'metas/objectivos' mas estes foram actualizados para ser 'resultados' no workshop de 2015, para estar alinhado com as directrizes de planificação estratégica do IUCN/SSC

6.2 O Processo de Planificação Estratégico

O processo de planificação é composto de seis fases:

1. O desenvolvimento da visão
2. O desenvolvimento do objectivo
3. Análises do problema
4. O desenvolvimento de uma série de objectivos que abordam os problemas identificados da análise do problema
5. O desenvolvimento de uma série de objectivos para abordar cada objectivo
6. O desenvolvimento de um conjunto de actividades para abordar cada objectivo

O processo de planificação estratégico tanto em 2007 e 2015, foi participativo e conduzido pelo consenso com todas as partes interessadas envolvidas no desenvolvimento dos planos. O processo foi conduzido desta forma para garantir as especialidades e experiências de todos participantes informaram os planos, e também para garantir que os planos fossem propriedade conjunta de instituições e individualidades relevantes, facilitando a sua implementação. Os planos tinham como intenção de serem realísticos e, porque eles são regionais, de ser suficientemente geral para permitir uma transferência fácil de planeamento a nível nacional.

O plano estratégico original foi revisto de objectivo nível baixo was revised from objective level down em 2015. Incluiu a revisão da árvore de problemas e vários problemas foram identificados e adicionados (ver Secção 5.2).

6.3 O Processo de Revisão (2015)

O segundo workshop regional, com o objetivo de rever e actualizar a Estratégia Regional de Conservação de 2007, foi realizada de 9 a 13 de Agosto de 2015, no Heia Safari Ranch, Johannesburg, África do Sul. No total, 48 participantes estiveram presentes, incluindo 23 participantes de programas de campo de todos os oito Estados da região, 11 representantes das autoridades da vida selvagem dos governos de sete países (excluindo o Zimbabwe), cinco participantes do RWCP, cinco participantes de AZA, um do Pan Africano AZA (PAAZA), um especialista de GIS, um representante da Convenção sobre a Conservação das Espécies Migratórias (CMS), e o co-presidente da Cat Specialist Group da IUCN.

O workshop incluiu apresentações dos sete governos presentes sobre os progressos realizados pelas respectivas autoridades da vida selvagem para os objectivos da estratégia regional de 2007 (IUCN / SSC 2007), bem como as apresentações dos 18 projetos de campo, delineando o seu progresso ao alcance dos objetivos da estratégia. Os participantes foram muito encorajados com o volume de trabalho realizado desde 2007 e definiu um tom positivo para a reunião, embora os desafios também eram claramente patentes. As apresentações foram seguidas de uma sessão para actualizar os mapas de distribuição do mabeco e chita na África Austral; um processo que foi imensamente beneficiado com o conjunto da riqueza de conhecimentos especializados presente.

Antes do workshop, foi solicitado a todos os participantes do projecto e do governo para preencherem sobre o seu progresso contra o quadro da Estratégia Regional original de 2007 (IUCN / SSC 2007). Esta informação foi recolhida toda junta pelo coordenador regional do RWCP para a África Austral. Este foi um exercício extremamente informativo e importante, e foi resumido durante o workshop simplesmente através da indicação contra a qual as actividades de uma organização teve progresso, e depois resumindo estes por objetivo (Tabela 6.1). Isto demonstrou claramente em que áreas mais progresso tinha sido alcançado e nas que pouco se tinha alcançado, permitindo a orientação do processo de revisão para tornar estes objectivos difíceis mais viáveis. Em particular, o maior progresso foi alcançado nos temas que abrangem conhecimentos e informações, coexistência e planeamento nacional (adicionando a contribuição do RWCP), o progresso justo no desenvolvimento de capacidades, transferência de informação e política e legislação. No entanto, muito menos progresso foi realizado nas áreas difíceis relacionadas a mudança do uso da terra e engajar o compromisso político.

Tema	Objectivo	Progresso Projecto	Progresso Governo
Desenvolvimento de Capacidade	1. Desenvolver capacidade em todos os aspectos de conservação da chita mabeco na África Austral.	43%	22%
Conhecimento e Informação	2. Melhorar o conhecimento de conservação biológica do mabeco e chita na África Austral.	63%	55%
Transferência de Informação	3. Desenvolver e implementar mecanismos para a transferência de informação relevante de conservação da chita e mabeco e garantir o compromisso activo das partes interessadas.	47%	34%
Coexistência	4 Minimisar o conflicto e promover a coexistência entre a chita, mabeco e populações da África Austral	50%	63%
Us da Terra	5 Minimisar efeitos adversos do desenvolvimento da terra e promover e implementar as melhores práticas do uso da terra para a conservação da chita e mabeco.	26%	13%
Compromisso Político	6 Obter compromisso politico para as necessidades de conservação da chita e mabeco	6%	12%
Políticas e Legislação	7 Rever e, onde necessário, aprimorar, legislação internacional, nacional and local, políticas e protocolos que afectam a conservation da chita e mabeco.	20%	49%
Planificação Nacional	8 Facilitar a implementação da estratégia regional, desenvolver e implementar planos de acção nacional para a conservação da chita e mabeco em todas as faixas dos países.	28%	40%

Tabela 6.1: O resumo do progresso alcançado nos projectos e autoridades da vida selvagme dos governos contra progresso da Estratégia Regional de Conservação para a Chita e Mabeco na África Austral (IUCN/SSC 2007)

O resto do workshop efectuou-se uma revisão e actualização do quadro estratégico para a nova estratégia. Embora o objectivo e a visão permaneceram, os objetivos, resultados e actividades estabelecidos no roadmap ao alcance dos objectivos, portanto, os participantes foram convidados a construir através da sua experiência para avaliar e, se necessário, aprimorar este roadmap para torná-lo relevante para mais 7-8 anos. Para o efeito, os participantes foram divididos em quatro grupos de trabalho e cada um abordou dois objetivos. A edição final foi realizada em plenária para se chegar a um consenso sobre a estrutura final e formulação da estratégia. Mudanças significativas foram efectuadas para o Uso da Terra e Políticas e Objetivos da Legislação que tinham sido difíceis de implementar no último plano.

Todo o processo tem demonstrado a importância de workshops para examinar e analisar tais planos para mantê-los relevantes, realísticos e actualizados. A estratégia revista foi substancialmente melhorada a partir da primeira versão, os participantes demonstraram a sua considerável experiência na implementação da estratégia nas suas revisões. O workshop também demonstrou que a estratégia da chita e mabeco constitui documento de trabalho vivo, e que não só é concebido para ser implementado, mas o progresso será também acompanhado.

6.4 A Estratégia Regional Actualizada

6.4.1 A Visão e o Objectivo

Ambos a visão e o objectivo original da estratégia de 2007 permanecem intactos:

VISÃO: Assegurar, que as populações viáveis de chita e mabeco através das faixas de ecossistemas possam coexistir com sucesso com, e valorizados pelas populações da África Austral

OBJECTIVO: Melhorar a situação de chita e mabeco, e assegurar populações adicionais e viáveis através de sua faixas na África Austral

6.4.2 A análise do problema

A árvore de problemas desenvolvida em 2007 foi detalhada e abrangente (Figura 6.2). No entanto, no workshop de 2015, foram identificados mais alguns problemas e ameaças.

6.4 The Updated Regional Strategy

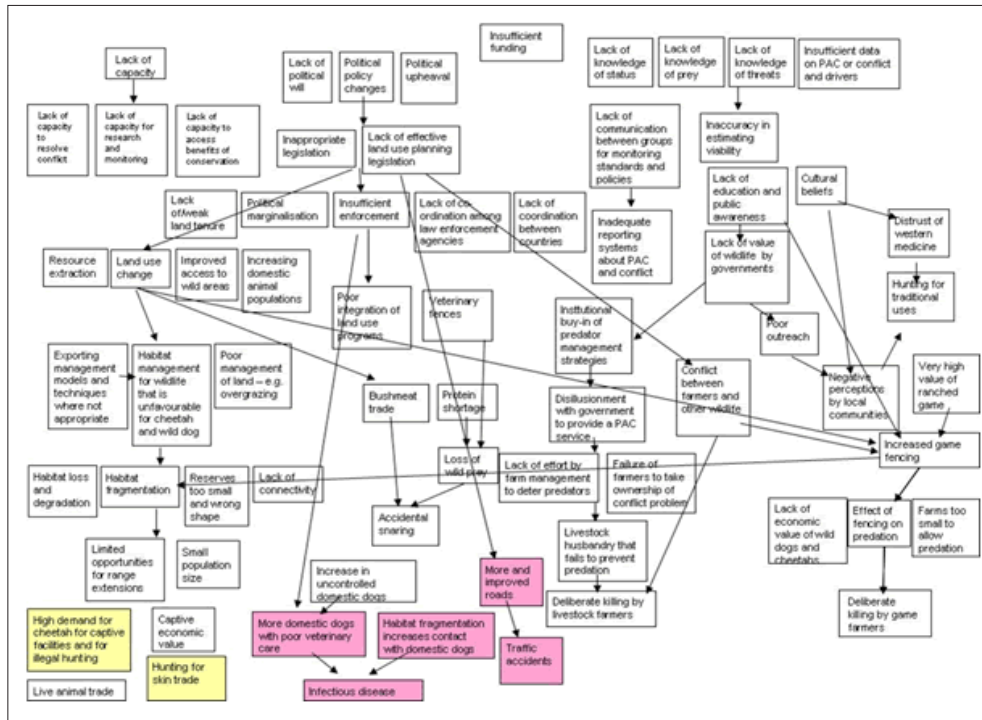


Figura 6.2 A representação esquemática da árvore de problemas desenvolvido em 2007. Este foi adicionado em 2015. Caixas amarelas se referem apenas a chita, caixas cor de rosa referem-se apenas ao mabeco, e caixas brancas referem-se a ambas espécies.

Problemas adicionais identificados em 2015, dos quais não foram identificados como ameaças / problemas em 2007 são listados abaixo (e expandidos na Secção 5.2)

6.4.2.1 Coexistência

- Aumento no uso de veneno
- Envenenamento da água
- Perturbação de esconderijos do mabeco
- Turismo irresponsável
- Ausência de benefícios para as comunidades provenientes da chita e mabeco
- Falta de resiliência nas comunidades sujeitas ao impacto da chita e mabeco
- Falta de alternativas de sustento de vida
- Falta de empoderamento do género (queremos abordar esta questão em geral – ou queremos que seja no contexto da nossa abordagem)

6.4.2.2 Uso da Terra

- Aumento da vedação à prova de predador para a gestão de reservas de caça
- Disponibilidade do arame para vedação que é depois usado como armadilha/má tomada de decisão do material de vedação
- Inadequada destruição do material que pode ser usado para matar os animais selvagens
- Perda de resiliência nas populações de chita e mabeco devido a mudanças climáticas
- Falta de engajamento com o sector privado para minimizar os impactos de mineração/extracção de recursos
- Falta de coordenação para falar com uma única voz para parar com o desenvolvimento em grande escala prejudicial
- Pobre divisão de zonas/Integração precária de programas para o uso da terra

6.4.2.3 Compromisso Político

- Falta de coordenação e cooperação intersectorial
- Falta de poder dos ministros de Ambiente
- Falta de integração política de conservação de biodiversidade
- Desvio de recurso para elefante e rinoceronte

6.4.2.4 Políticas e legislação

Redução de opções de receitas com base da vida selvagem

6.4.2.5 Outros

Minas limitam o acesso das autoridades da vida selvagem e mata animais

Corrupção das agências que fazem cumprir a lei

6.4.3 Os Objectivos Revisados

Os objectivos originais foram concertados na reunião de 2015. Embora não houve mudanças fundamentais do conteúdo, o formato foi melhorado (Tabela 6.2).

Tema	Objectivos Originais (2007)	Objectivos Revisados (2015)
Desenvolvimento de Capacidade	Desenvolver capacidades em todos aspectos de conservação de chita e mabeco na África Austral	Para desenvolver capacidade em todos aspectos de conservação de chita e mabeco na África Austral.
Conhecimento e Informação	Melhorar o conhecimento da conservação biológica de chita e mabeco na África Austral	Para melhorar o conhecimento e gerar informação para a conservação de chita e mabeco na África Austral.
Transferência de Informação	Desenvolver e implementar mecanismos para a transferência de informação relevante para conservação de chita e mabeco e garantir compromisso activo das partes interessadas	Para aumentar o compromisso activo das partes interessadas e sensibilização do público em geral com a transferência de informação relevante para a conservação da chita e mabeco
Coexistência	Minimizar conflito e promover a coexistência entre a chita e mabeco com as populações da África Austral	Para promover a coexistência das populações com a chita e mabeco na África Austral
Uso da Terra	Minimizar efeitos adversos do desenvolvimento da terra, promover e implementar melhores práticas de uso da terra para a conservação da chita e mabeco	Para promover as melhores práticas de uso da terra para a conservação de chita e mabeco e minimizar efeitos adversos de desenvolvimento da terra
Compromisso Político	Obter o compromisso político das necessidades de conservação da chita e mabeco	Advocacia para o aumento do compromisso político para a conservação da chita e mabeco
Políticas e Legislação	Rever, e onde fôr necessário aprimorar, legislação internacional, nacional e local, políticas e protocolos que afetam a conservação da chita e mabeco	Advocacia para uma forte legislação internacional, nacional e local, políticas e protocolos para apoiar a conservação da chita e mabeco
Planificação Nacional	Facilitar a implementação da estratégia regional desenvolver e implementar planos de acção nacional para a conservação da chita e mabeco em todas as áreas dos países	Para manter e implementar planos de acção actualizados e utilizar outras estruturas relevantes para a conservação da chita e mabeco em todas as áreas dos países.

Tabela 6.2 Objectivos riginais e revisados da Estratégia Regional de Conservação de Chita e Mabeco da África Austral

6.4.4 Os Resultados e Actividades Revisadas

Os resultados esperados, anteriormente chamados metas, foram extensivamente revisados e actualizados, como foram as actividades necessárias para alcançar esses resultados. Estes são definidos na estratégia regional revista abaixo (e também no quadro, Anexo 4)

Estratégia Regional Revisada para a Conservação da Chita e Mabeco na África Austral

Agosto de 2015

1. Desenvolvimento de Capacidades

Objectivo 1: Para desenvolver capacidades em todos os aspectos de conservação da chita e mabeco na África Austral.

- 1.1. **Resultado:** Lacunas nacionais de capacidade em todas as áreas da cheetah e mabeco na região são identificadas e documentadas.
 - 1.1.1. **Actividade:** Estabelecer situação actual e identificar as lacunas de todas as componentes de capacidade (aplicação da lei, monitoramento e pesquisa, extensão da educação, gestão de áreas protegidas, política, etc.) em cada país
 - 1.1.2. **Actividade:** Integrar os relatórios nacionais numa síntese regional
- 1.2. **Resultado:** A estratégia regional é desenvolvida para desenvolvimento de capacidade (com base no relatório da síntese regional) a todos os níveis
 - 1.2.1. **Actividade:** Identificar um membro da comissão de cada país para desenvolver a estratégia de desenvolvimento de capacidade regional
 - 1.2.2. **Actividade:** Desenvolver os resultados e actividades necessárias para desenvolvimento de capacidade a nível nacional e regional, alinhado onde for possível com as iniciativas internacionais
 - 1.2.3. **Actividade:** Identificar e engajar com instituições de formação apropriadas
 - 1.2.4. **Actividade:** Activar e originar fundos para a implementação da estratégia de desenvolvimento de capacidade ao nível nacional ou regional, onde for apropriado
- 1.3. **Resultado:** A Estratégia Regional de Desenvolvimento de Capacidade é implementada e avaliada
 - 1.3.1. **Actividade:** Implementar as actividades identificadas pela Estratégia Regional de Desenvolvimento de Capacidade (no 1.2.2 acima)
 - 1.3.2. **Actividade:** Usar o site do RWCP para disseminar a Estratégia Regional de Desenvolvimento de Capacidade e recursos relevantes, e facilitar intercâmbio
 - 1.3.3. **Actividade:** Estabelecer mecanismos para avaliar a efectividade da Estratégia Regional de Desenvolvimento de Capacidade
 - 1.3.4. **Actividade:** Avaliar a efectividade da Estratégia Regional de Desenvolvimento de Capacidade usando os mecanismos estabelecidos no 1.3.3.

2. Conhecimento e informação

Objectivo 2: Para melhorar o conhecimento e gerar informação para a conservação da chita e mabeco na África Austral.

- 2.1. **Resultado:** Um melhor compreensão da situação, distribuição, biologia e ecologia do mabeco e chita é adquirida
 - 2.1.1. **Actividade:** Continuar com a investigação no campo sobre a dispersão de ambas espécies, incluindo factores que influenciam o sucesso da dispersão.
 - 2.1.2. **Actividade:** Continuar com a investigação da ecologia alimentar da chita e mabeco nas diferentes áreas relativamente ao potencial da faixa.
 - 2.1.3. **Actividade:** Avaliar a viabilidade e conectividade de pequenas populações de mabeco e chita.
 - 2.1.4. **Actividade:** Continuar a contribuir para o progressivo atlas da chita e mabeco
 - 2.1.5. **Actividade:** Continuar a realizar pesquisas nas faixas desconhecidas e possíveis para avaliar a situação da população e distribuição da chita e mabeco.
 - 2.1.6. **Actividade:** Avaliar faixa recuperável de factores que podem influenciar a recolonização (natural ou artificial) num período de dois anos.
 - 2.1.7. **Actividade:** Manter e expandir programas de monitoria a longo prazo das populações de chita e mabeco na faixa resident; progressivo.
 - 2.1.8. **Actividade:** Pesquisar, comparar e disponibilizar directrizes de melhores práticas e considerações éticas para a pesquisa, conservação, turismo e a reintrodução da chita e mabeco.
 - 2.1.9. **Actividade:** Continuar a pesquisa de novas e melhoradas formas de investigação e monitoria da chita e mabeco

- 2.2. Resultado:** Conhecimento quantitativo, padronizado de ameaças e sua mitigação são gerados disseminados na África Austral, incluindo sobre a caça furtiva para a carne de caça, perda de habitat e fragmentação, comércio ilegal, gestão captiva, mudanças climáticas e turismo irresponsável, durante dois anos.
- 2.2.1. Actividade:** Recolher e disseminar informação sobre as melhores practicas para a gestão for captiva de mabeco e chita para prevenir a passagem ilegal da vida selvagem para o comércio ilegal associado.
- 2.2.2. Actividade:** Recolher e disseminar informação sobre ameaças actuais e emergentes de conservação da chita e mabeco do comércio de carne de caça.
- 2.2.3. Actividade:** Recolher e disseminar informação sobre ameaças actuais e emergentes de conservação da chita e mabeco de actividades de turismo irresponsável.
- 2.2.4. Actividade:** Recolher e disseminar informação sobre ameaças causadas pelas reservas de caça/fazendas.
- 2.2.5. Actividade:** Recolher e disseminar informação sobre a perda e fragmentação do habitat da chita/ ou mabeco.
- 2.2.6. Actividade:** Recolher e disseminar informação modelos de conservação e ilustrar os potenciais benefícios de proteção como uma alternativa as reservas de caça/fazenda.
- 2.2.7. Actividade:** Recolher e disseminar informação sobre a gestão da meta-população.
- 2.3. Resultado:** Conhecimento quantitativo, padronizado de mitigação do conflito humano-carnívoro na África Austral é gera do e disseminado durante dois anos.
- 2.3.1. Actividade:** Estabelecer um grupo de trabalho técnico incorporando todas as faixas dos países.
- 2.3.2. Actividade:** O grupo de trabalho técnico irá resolver todas questões regionais relevantes com as ONG's, pesquisadores e governo para solicitar o seu envolvimento e dados/informação para contribuir para o manual de melhores prácticas de mitigação de conflito para predadores (até Oubro de 2015).
- 2.3.3. Actividade:** ONG's regionais, pesquisadores e governos para compilar dados e informação disponíveis sobre questões de conflito e soluções de mitigação.
- 2.3.4. Actividade:** O grupo de trabalho técnico irá desenvolver um banco de dados interactivo online onde a informação pode ser arquivada e compilada.
- 2.3.5. Actividade:** ONG's, pesquisadores e governo para compararem a sua informação a nível nacional e arquivá-la no banco de dados interactivo/ou disponibilizá-la ao grupo de trabalho técnico (até Março de 2016).
- 2.3.6. Actividade:** O grupo de trabalho técnico trabalham com a informação providenciada e criar um documento práctico, útil e vivo a ser entregue ao público em geral (até Junho de 2017). Este será completado por um workshop se financiamento fôr disponível.
- 2.3.7. Actividade:** O grupo de trabalho técnico deve desenvolver uma estratégia para a entrega do document ao público.
- 2.3.8. Actividade:** O grupo de trabalho técnico deve obter cartas de apoio de intervenientes chave.
- 2.3.9. Actividade:** Comercializar e entregar o document ao público (a ser completado dois anos depois da data do início).

3. Transferência de Informação

Objectivo 3: Para aumentar o activo compromisso dos intervenientes e sensibilização do público com a transferência de informação relevante para a conservation da chita e mabeco.

- 3.1. Resultado:** Informação sobre os benefícios relevantes da chita e mabeco às comunidades locais, governos e proprietários de terra continua a ser partilhada.
- 3.1.1. Actividade:** Realizar reuniões e workshops com as comunidades, proprietaries de terra e governo, para o inter câmbio de conhecimentos e informação relacionada aos incentivos e benefícios relevantes; progressivo.
- 3.2. Resultado:** Projectos de multimídia continuam a ser desenvolvidos através das áreas dos países, construindo com o melhor material disponível.
- 3.2.1. Actividade:** Continuar a desenvolver mecanismos com base da web de prestação de contas interactivo para os avistados, dados, descobertas e actividades relevantes para a conservação de chita e mabeco.
- 3.2.2. Actividade:** Continuar a desenvolver e utilizar cartazes, panfletos, rádio, TV, video, fotos e grupos de teatro para disseminação de informação localmente.
- 3.2.3. Actividade:** Garantir padrões mínimos da colecta de dados através da região, em especial nas áreas onde houver falta de informação.
- 3.3. Resultado:** Aumentar a sensibilização nacional de ameaças locais da chita e mabeco através das áreas dos píses.
- 3.3.1. Actividade:** Continuar com a realização de competições, ensaios, etc. nas escolas e grupos para melhorar e destacar a educação sobre a conservação.
- 3.3.2. Actividade:** Continuar a desenvolver o currículo relativamente a chita e mabeco e integrá-lo com as actividades de clubes de conservação da juventude

- 3.3.3. Actividade:** Continuar a encorajar o patrocínio de equipas de desportos, clubes e grupos com nomes de chita e mabeco a todos os níveis.
- 3.4. Resultado:** Simpósios nacionais de pesquisa promovidos em todas as áreas dos países.
- 3.4.1. Actividade:** Promover workshops de chita e mabeco nos simpósios científicos anuais.
- 3.4.2. Actividade:** Continuar a participar em várias reuniões e grupos de interesse das partes interessadas (isto é, daqueles que não estão directamente preocupados com a conservação) para disseminar informação sobre a conservação da chita e mabeco
- 3.5. Resultado:** Uma grande sensibilização de questões relacionadas a conservação da chita e mabeco entre os relevantes intervenientes em todas as áreas dos países.
- 3.5.1. Actividade:** Continuar a desenvolver e disseminar a educação e sensibilização material, constituindo com o melhor material disponível, para ambos adultos e crianças em todos os países.
- 3.5.2. Actividade:** Continuar a criar e implementar programas de multimídia para aumentar a sensibilidade e compreensão da conservação de chita e mabeco em todos os países.
- 3.5.3. Actividade:** Sensibilizar os líderes da importância de conservação da chita e mabeco; progressivo.
- 3.5.4. Actividade:** Articular com as iniciativas existentes e providenciar informação relevante e materiais esclarecedores para apoiar as agências judiciais e de manutenção da lei e ordem.

4. Coexistência

Objectivo 4: Para promover a coexistência das populações com a chita e mabeco na África Austral.

- 4.1. Resultado:** A morte intencional da chita e mabeco é reduzida
- 4.1.1. Actividade:** Continuar a monitorar o nível de matança intencional de chita e mabeco em todas as áreas dos países e, comparar os dados a nível nacional anualmente, e de três em três anos para a região.
- 4.1.2. Actividade:** Clarificar e fazer a advocacia para o enforçar leis pertinentes a matança da chita e mabeco em todas as áreas dos países, numa base progressiva.
- 4.1.3. Actividade:** Identificar áreas de conflito e clarificar extensão do actual versus as perdas visíveis causadas pela chita e mabeco, numa base contínua.
- 4.1.4. Actividade:** Sensibilizar os relevantes intervenientes das práticas de criação de gado e agricultura provadas de reduzir predadores, numa base progressiva.
- 4.1.5. Actividade:** Desenvolver e implementar procedimentos operacionais padrão a nível nacional de respostas aceitáveis a situações de conflito no período de ano e encorajar intercâmbios entre os países (ex. procedimentos de capturas, translocação, control letal etc).
- 4.1.6. Actividade:** Implementar equipas de resposta rápida ao conflito homem-animal para reagir rapidamente e efectivamente a situações de conflito, através dos países dentro de dois anos.
- 4.1.7. Actividade:** Iniciar e dar continuidade aos programas para o combate a percepções negativas da chita e mabeco em todos os países dentro de um ano.
- 4.2. Resultado:** O nível de mortalidade incidental mortality da chita e mabeco é reduzido em todos os países dentro de cinco anos.
- 4.2.1. Actividade:** Continuar a monitorar o nível de mortalidade incidental de chita e mabeco em todos os países, e recolher dados anualmente a nível nacional, e de três em três anos na região.
- 4.2.2. Actividade:** Reduzir a mortalidade de armadilhas da chita e mabeco através de iniciativas tais como esforços contra a caça furtiva, remoção de armadilhas de arame, e populações integradas na base de comunidades, iniciativas da saúde e ambientais, numa base progressiva.
- 4.2.3. Actividade:** Iniciar programas provados de serem efectivo na gestão de doenças que ameaçam a viabilidade das populações de chita e mabeco, numa base progressiva.
- 4.2.4. Actividade:** Implementar programas com metas que podem ser compelidos dos quais reduzem a mortalidade da chita e mabeco nas estradas, numa base contínua.
- 4.2.5. Actividade:** Reduzir substancialmente a mortalidade por envenenamento da chita e mabeco através de campanhas de sensibilização de enforçar a lei e ordem.
- 4.3. Resultado:** O visível valor económico essencial da chita e mabeco para todos os intervenientes é aumentado dentro de cinco anos.
- 4.3.1. Actividade:** Quantificar e monitorar o visível valor económico da chita e mabeco para todos os intervenientes; progressivo.
- 4.3.2. Actividade:** Promover actividades económicas com base da vida selvagem que promovem a conservação da chita e mabeco e que directamente beneficia as comunidades e outros intervenientes, em todos os países dentro de cinco anos.

- 4.3.3. **Actividade:** Investigar e destacar o significado cultural da chita e mabeco através de todos os países; progressivo.
 - 4.3.4. **Activity:** Desenvolver esquemas de auto sustento comunitários que contrabalança os custos de, e internalisa as responsabilidades para o conflito, numa base progressiva.
 - 4.3.5. **Actividade:** Desenvolver projectos para gerar rendimentos e de desenvolvimento de capacidade ligados a conservação da chita e mabeco, numa base progressiva.
- 4.4. **Resultado:** Promotores sócio-económicos para estimular a coexistência dos que usam a terra com a chita e mabeco resolvido.
- 4.4.1. **Actividade:** Identificar e engajar intervenientes chave e peritos para resolverem ameaças sócio económicas contra a chita e mabeco dentro de de cinco anos.
 - 4.4.2. **Actividade:** Identificar factores sócio-económicos relevantes para a conservação da chita e mabeco dentro de dois anos.
 - 4.4.3. **Actividade:** Desenvolver estratégias para resolver as ameaças sócio económicas contra a chita e mabeco dentro de cinco anos.
 - 4.4.4. **Actividade:** Encorajar os países a desenvolver uma estratégia bio-económica promove a coexistência com a chita e mabeco.

5. Uso da terra

Objectivo 5: Para promovee as melhores práticas do uso da terra para a conservação da chita e mabeco e minimizar os efeitos adversos de desenvolvimento da terra.

- 5.1. **Resultado:** Actuais, propostos e tendências do uso da terra são avaliados contra as necessidades de da chita e mabeco.
 - 5.1.1. **Actividade:** Criar e manter relações com os intervenientes regionais responsáveis da determinação de actual e future de estratégias de uso da terra, dentro de um ano.
 - 5.1.2. **Actividade:** Comparar directrizes com base no estudo de casos de estratégias de us da terra associados com a conservação com sucesso da chita e mabeco de cada país da região, dentro de dois anos.
 - 5.1.3. **Actividade:** Engajar duma forma construtiva com a indústria, providenciar apoio na forma de melhores práticas de gestão e procurar oportunidades em benefício da chita e mabeco
- 5.2. **Resultado:** Gestão Integrada e inovadora do uso da terra, planificação e desenvolvimento alinhados com a conservação da chita e mabeco é facilitada.
 - 5.2.1. **Actividade:** Identificar e recomendar directrizes em colaboração com o governo e sector privado para a responsabilidade social e ambiental alinhados a consrvação da chita e mabeco.
 - 5.2.2. **Actividade:** Coordenar a comunicação multisectorial entre os actors chave incluindo o sector privado para facilitar iniciativas de cooperação e colaboração relativas a conservação da chita e mabeco, eex. IUCN Negócio Global Business e Programa de Biodiversidade.
 - 5.2.3. **Actividade:** Promovera participação multisectorial nos Programas Alargados de Conservação.
- 5.3. **Resultado:** A formação de unidades de gestão da vida selvagem (exe. conservações, parques comunitários etc.) e pro movido com o aumento da sensibilização de importantes benefícios do uso dessa terra dentro de dois anos.
 - 5.3.1. **Actividade:** Promover a sensibilização das oportunidades de parcerias para a gestão da vida selvagem das áreas que beneficia a chita e mabeco.
 - 5.3.2. **Actividade:** Monitoria do desenvolvimento das unidades de gestão da vida selvagem (exe. vastas, áreas de uso múltiplo que pode iabarcar unidades de conservação , parques comunitários e áreas de pasto) e a sua influência na conservação da chita e mabeco, para permitir gestão adaptiva.
 - 5.3.3. **Actividade:** Optimizar faixas residente actuais, manter e recuperar corredores e conectividade e assegura pelo menos 20% da faixa recuperável e possível dentro de cinco anos para facilitar a expansão das populações de chita e mabeco.
 - 5.3.4. **Actividade:** Promover a bandeira das espécies do mabeco e da chita nas iniciativas de conservação do habitat, paa as áreas protegidas, redes e corredores, incluindo ATFC's.
- 5.4. **Result:** Faixa da chita e mabeco expandinda África Austral através de reintroduções de espécies as áreas apropriadas da faixa recuperável.
 - 5.4.1. **Actividade:** Identificar faixas apropriadas.
 - 5.4.2. **Actividade:** Engajar organizações parceiras e oficiais de autoridades relevantes do governo no estabelecimento de planos de reintrodução.
 - 5.4.3. **Actividade:** Garantir que os planos de reintrodução estão de acordo com as directrizes de Reintrodução do IUCN.

- 5.4.4. **Actividade:** Identificar populações fonte de chita e mabeco, incluindo, onde possível, através de livros de linhagem regional e internacional para identificar as populações de viabilidade genética de qualidade.
 - 5.4.5. **Activity:** Monitoria de esforços de reintrodução e animais individuais por no mínimo cinco anos depois de libertados.
- 5.5. **Resultado:** Uso da terra com base na vida selvagem e participação comunitária na gestão de recursos naturais são promovidos na área com o potencial para a conservação da chita e mabeco.
- 5.5.1. **Actividade:** Identificar e priorizar as áreas com potencial para o uso da terra com base dos recursos naturais que levam a conservação da chita e mabeco para cada país anualmente.
 - 5.5.2. **Actividade:** Unir a capacidade local, recursos, serviços e especialidade para maximizar as oportunidades de parceria para melhorar as áreas com potencial para a chita e mabeco.
 - 5.5.3. **Actividade:** Avaliar a efectividade do uso da terra com base na vida selvagem e os seus resultados para a conservação da chita e mabeco para permitir a gestão adaptativa.
 - 5.5.4. **Actividade:** Fortalecer e aumentar (com 20%) zonas de tampão nos arredores das áreas com potencial para a conservação da chita e mabeco através de promoção da participação comunitária e oportunidades de parceria.
- 5.6. **Result:** Agricultura e criação de gado efectivas, gestão de faixas e agricultura consistente com a conservação da chita e mabeco é promovida.
- 5.6.1. **Actividade:** Promover e ligar a agricultura e a programas de gestão de faixas para as áreas relevantes.
 - 5.6.2. **Actividade:** Coordenar com provedores de programas de formação para aumentar a capacidade de comunidades agrícolas para a prática de gestão sustentável das faixas.
 - 5.6.3. **Actividade:** Avaliar a efectividade da nova e existente agricultura e criação de gado e programas de gestão de faixas contra as necessidades de conservação da chita e mabeco e disseminar os resultados anualmente para informar estratégias de gestão adaptativa.

6. Compromisso Político

Objectivo 6: Para advogar para o aumento do compromisso político para a conservação da chita e mabeco.

- 6.1. **Resultado:** Um acordo regional de colaboração para a conservação da chita e mabeco na África Austral é aprovado por todos os governos.
 - 6.1.1. **Actividade:** Articular com as organizações de advocacia locais e internacionais, tais como a International Conservation Caucus Foundation ICCF, para alcançar os resultados traçados nesta estratégia.
 - 6.1.2. **Actividade:** Elaborar um acordo, em colaboração com essas organizações de advocacia, para os governos em relação aos compromissos para a conservação da chita e mabeco.
 - 6.1.3. **Actividade:** Apresentar o acordo as agências nacionais que irão apresentar aos ministros, dentro de seis meses depois da elaboração do acordo.
 - 6.1.4. **Actividade:** Organizar uma reunião regional dos países onde o acordo será formalmente rubricado pelos oito países.
- 6.2. **Result:** Acordos transfronteiriços relevantes em benefício da conservação da chita e mabeco são promovidos.
 - 6.2.1. **Actividade:** Desenvolver e promover mais acordos e estratégias em benefício de chita e mabeco.
 - 6.2.2. **Actividade:** Articular em parceria com organizações de advocacia local e internacional, por exemplo o ICCF, ao alcance de esforços de conservação transfronteiriços.

7. Políticas e Legislação

Objectivo 7: Um advocacia para uma eficaz legislação local, nacional e internacional, políticas e protocolos para apoiar a conservação da chita e mabeco.

- 7.1. **Resultado:** A relevância e eficiência de actuais políticas nacional, regional e internacional, protocolos e legislação relative a conservação de chita e mabeco é avaliada.
 - 7.1.1. **Actividade:** Identificar quadros legislativos internacional e nacional existentes que podem apoiar a promoção de conservação da chita e mabeco.
 - 7.1.2. **Actividade:** Programa Alargado de Conservação para contratar um assessor para realizar uma assessoria da eficácia e sustentabilidade desses quadros (identificados no 7.1.1), e apresentar compilação de recomendações.

- 7.2. Resultado:** Acções de conservação da chita e mabeco são alinhadas as existentes políticas nacional e internacional, protocolos e legislação, e lobis para a revisão onde fôr apropriado.
- 7.2.1. Actividade:** Fazer usodas recomendações do assessor (7.1.2) para alinhar acções às iniciativas regional nacional e internacional.
- 7.2.2. Actividade:** Implementar e promulgar estas políticas novas e/ou alinhadas, protocolos e legislação.
- 7.2.3. Actividade:** Identificar políticas, protocolos e legislação que será eminentemente ser revisada, e enviar representantes do Programa Alargado de Conservação para advogar a revisão dessas reuniões.
- 7.2.4. Actividade:** Para a legislação que não aborda devidamente as necessidades de conservação da chita e mabeco, e para o qual não há uma revisão planeada, advogar para mudanças, incluindo a utilização das redes existentes (exe. IUCN membros da SA etc).
- 7.3. Resultado:** Os países com chita e mabeco encorajados a participar activamente nos acordos ambientais multilaterais relativos a biodiversidade (MEAs, exe. CMS, CBD, CITES, SADC protocolos, WENSA) e outros processos internacionais.
- 7.3.1. Actividade:** Investigar como os MEAs existentes podem facilitar a conservação da chita e mabeco, e apresentar recomendações para acção.
- 7.3.2. Actividade:** Adoptar as recomendações identificadas no 7.3.1
- 7.3.3. Actividade:** Advogar aos países para que sejam membros da Convention sobre as Espécies Migratórias e outras convenções relevantes.
- 7.3.4. Actividade:** Investigar e obter apoio para esta estratégia do CMS e outros MEAs.
- 7.3.5. Actividade:** Desenvolver e/ou identificar moções relevantes existentes para serem submetidas ao Congresso Mundial de Conservação do IUCN.
- 7.4. Resultado:** Esta estratégia revista para a conservação da chita e mabeco na África Austral é incorporada em ambos planos de conservação \nacional e Regional da SADC até 2017.
- 7.4.1. Actividade:** A nível regional, para solicitar ao Presidente da SADC a sua liderança em garantir que a Estratégia Revista de Conservação da Chita e Mabeco é incorporada na Estratégia Regional de Biodiversidade e Plano de Acção (RBSAP) da SADC até 2016.
- 7.4.2. Actividade:** A nível nacional, cada país membro da SADC deve incorporar no seu plano de acção nacional de conservação para a chita e mabeco nos seus respectivas Estratégias Nacional de Biodiversidade e Plano de Acção (NBSAP) até 2017.
- 7.4.3. Actividade:** Encorajar os países da SADC para priorizar a conservação da chita e mabeco na implementação do Programa de Trabalho para as Áreas Protegidas (POWPA)
- 7.4.4. Actividade:** Encorajar os Estados Membros da SADC para priorizar a conservação da chita e mabeco nas suas alocações de Facilidade Global Ambiental (GEF).
- 7.5. Resultado:** A capacidade das agências de enforcing a lei e ordem e judicial para implementar legislação, políticas e protocolos relevantes para a conservação da chita e mabeco é melhorada.
- 7.5.1. Actividade:** Agências nacionais para identificar e alinhar com as redes de lei e ordem existentes, e priorizar necessidades de capacidade para enforcing a legislação, políticas e protocolos relevantes para a conservação da chita e mabeco.
- 7.5.2. Actividade:** Garantir recursos requeridos para melhorar a capacidade.
- 7.5.3. Actividade:** Desenvolver capacidade de acordo com as prioridades preparadas pelas agências nacionais (no 7.4.1).
- 7.5.4. Actividade:** Manter o engajamento progressive com as redes existentes que lidam com, inter alia, questões de carne de caça da caça furtiva, lei e ordem, comércio ilegal, control do problema animal relevante a conservação da chita e mabeco.

8. Planificação Nacional

Objectivo 8: Para manter e implementar planos da acção nacional actualizado e utilizar outras estruturas relevantes para a conservação da chat e mabeco em todos os países.

- 8.1. Resultado:** Planos de Acção Nacional para cada país são revistos (ou onde necessário desenvolvido) para ser S.M.A.R.T e em linha com a estratégia, dentro de dois anos.
- 8.1.1. Actividade:** Identificar intervenientes chave para facilitar o processo de revisão em cada país dentro de 6 meses.
- 8.1.2. Actividade:** Rever os planos de acção em cada país dentro de dois anos.
- 8.2. Resultado:** A implementação do plano de acção revisto é facilitado dentro de dois anos da revisão.
- 8.2.1. Actividade:** Identificar mecanismos apropriados em cada país como promotores do processo de implementação dentro de 6 meses.
- 8.2.2. Actividade:** Identificar constrangimentos e onde fôr possível providenciar meios para garantir a implementação da estratégia nacional revista dentro de um ano.

- 8.2.3. Actividade:** Encorajar todos os intervenientes para usarem o plano de acção revisto para orientar as suas acções de conservação a todo momento.
- 8.2.4. Actividade:** Organizar um workshop entre governos para partilha de informação do processo de implementação do plano de acção nacional.

6.5 Conclusões e planificação nacional

O plano estratégico regional foi desenvolvido, e actualizado, no formato que pode facilmente ser adaptado para aplicação a nível nacional, através de um processo nacional de seminário participativo envolvendo todos os intervenientes nacionais, incluindo aqueles que participaram nos workshops estratégico regional/s. Na região da África Austral, esses workshops nacionais foram realizados em Botswana (2007), Malawi (2011), Moçambique (2010), Namíbia (2013), África do Sul (2007), Zâmbia (2009) e Zimbabwe (2009). O workshop nacional de Angola está prevista para Outubro de 2016.

Os principais passos para traduzir a estratégia regional para uma estratégia nacional são as seguintes:

- Apresente a estratégia regional, junto com a informação do contexto, e solicitar o mandato para usar a estratégia regional como um modelo para uma estratégia nacional.
- Adicione comentários sobre a interpretação nacional da visão, metas e objetivos.
- Dentro de cada objectivo, leva cada alvo e actividade, e decida se a adoptas ou não, tendo em conta que algumas das metas e actividades podem não ser relevantes para todos os países.
- Se o alvo ou actividade for adoptado, em seguida, o texto poderá ser ajustado se necessário
- Linhas de tempo, actores e indicadores verificáveis devem ser adicionados a cada actividade.

REFERÊNCIAS

- Alexander, K.A., Kat, P.W., Munson, L.A., Kalake, A. & Appel, M.J.G. (1996). Canine distemper-related mortality among wild dogs (*Lycaon pictus*) in Chobe National Park, Botswana. *Journal of Zoo & Wildlife Medicine*, 27, 426-427.
- Bartels, P., Bouwer, V., Crosier, A., Celliers, D., Durant, S.M., Grisham, J., Marker, L., Mulama, M., Venter, L., Wildt, D. & Friedmann, Y. (2001). Global cheetah action plan - final workshop report IUCN/SSC Conservation Breeding Specialist Group, Pretoria.
- Bartels, P., Bouwer, V., Crosier, A., Celliers, D., Durant, S.M., Grisham, J., Marker, L., Mulama, M., Venter, L., Wildt, D. & Friedmann, Y. (2002). Global cheetah action plan review - final workshop report IUCN/SSC Conservation Breeding Specialist Group, Pretoria.
- Bashir, S., Daly, B., Durant, S.M., Forster, H., Grisham, J., Marker, L., Wilson, K. & Friedmann, Y. (2004). Global cheetah (*Acinonyx jubatus*) monitoring workshop report Tanzania Carnivore Programme, Arusha.
- Belbachir, F., Pettorelli, N., Wacher, T., Belbachir-Bazi, A. & Durant, S.M. (2015). Monitoring Rarity: The Critically Endangered Saharan Cheetah as a Flagship Species for a Threatened Ecosystem. *Plos One*.
- Burney, D.A. (1980). The effects of human activities on cheetah (*Acinonyx jubatus*) in the Mara region of Kenya, University of Nairobi, Nairobi.
- Caro, T.M. (1994). *Cheetahs of the Serengeti plains* University of Chicago Press, Chicago.
- Caro, T.M. & Collins, D.A. (1987). Male cheetah social organisation and territoriality. *Ethology*, 74, 52-64.
- Caro, T.M. & Durant, S.M. (1991). Use of quantitative analyses of pelage characteristics to reveal family resemblances in genetically monomorphic cheetahs. *Journal of Heredity*, 82, 8-14.
- Cleaveland, S., Appel, M.G., Chalmers, W.S., Chillingworth, C., Kaare, M. & Dye, C. (2000). Serological and demographic evidence for domestic dogs as a source of canine distemper virus infection for Serengeti wildlife. *Veterinary Microbiology*, 72, 217-27.
- Cleaveland, S. & Dye, C. (1995). Maintenance of a microparasite infecting several host species: rabies in the Serengeti. *Parasitology*, 111, S33-S47.
- Creel, S. & Creel, N.M. (1995). Communal hunting and pack size in African wild dogs, *Lycaon pictus*. *Animal Behaviour*, 50, 1325-1339.
- Creel, S. & Creel, N.M. (2002). *The African wild dog: behavior, ecology and conservation* Princeton University Press, Princeton.
- Creel, S.R. & Creel, N.M. (1996). Limitation of African wild dogs by competition with larger carnivores. *Conservation Biology*, 10, 1-15.
- Davies, H. & Du Toit, J.T. (2004). Anthropogenic factors affecting wild dog *Lycaon pictus* reintroductions: a case study in Zimbabwe. *Oryx*, 38, 32-39.
- Divyabhanusinh (1995). *The end of a trail – The cheetah in India* Banyan Books, New Delhi.
- Durant, S.M. (1998). Competition refuges and coexistence: an example from Serengeti carnivores. *Journal of Animal Ecology*, 67, 370-386.
- Durant, S.M. (2000). Living with the enemy: avoidance of hyenas and lions by cheetahs in the Serengeti. *Behavioral Ecology*, 11, 624-632.
- Durant et al (in press 2016). Disappearing spots: The global decline of cheetah and what it means for conservation. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, in press.
- Durant, S.M., Bashir, S., Maddox, T., & Laurenson, M.K. (2007). Relating long-term studies to conservation practice: the case of the Serengeti cheetah project. *Conservation Biology*, 21, 602-611.
- Durant, S.M., Craft, M.E., Hiborn, R., Bashir, S., Hando, J. & Thomas, L. (2011). Long-term trends in carnivore abundance using distance sampling in Serengeti National Park, Tanzania. *Journal of Applied Ecology*, 48, 1490-1500
- Durant, S.M., Kelly, M. & Caro, T.M. (2004). Factors affecting life and death in Serengeti cheetahs: environment, age and sociality. *Behavioral Ecology*, 15, 11-22.
- Durant, S., Mitchell, N., Ipavec, A. & Groom, R. (2015). The IUCN Red List of Threatened Species: *Acinonyx jubatus*. Downloaded 25 July 2016
- Durant, S., Mitchell, N., Groom, R.J., Pettorelli, N., Ipavec, A., Jacobson, A., Woodroffe, R. et al (2016) The global decline of cheetah *Acinonyx jubatus* and what it means for conservation. *PNAS*, doi 10.1073/pnas.1611122114
- Dutson, G. & Sillero-Zubiri, C. (2005). Forest-dwelling African wild dogs in the Bale Mountains, Ethiopia. *Canid News*, 8, 1-6.
- Fanshawe, J.H., Ginsberg, J.R., Sillero-Zubiri, C. & Woodroffe, R. (1997). The status and distribution of remaining wild dog populations. In *The African wild dog: Status survey and conservation action plan* (eds R. Woodroffe, J.R. Ginsberg & D.W. Macdonald), pp. 11-57. IUCN, Gland.
- Frame, L.H. & Fanshawe, J.H. (1990). *African wild dog Lycaon pictus: A survey of Status and Distribution 1985-88*.
- Fuller, T.K., Kat, P.W., Bulger, J.B., Maddock, A.H., Ginsberg, J.R., Burrows, R., McNutt, J.W. & Mills, M.G.L. (1992a). Population dynamics of African wild dogs. In *Wildlife 2001: Populations* (eds D.R. McCullough & H. Barrett). Elsevier Science Publishers, London.
- Fuller, T.K., Mills, M.G.L., Borner, M., Laurenson, M.K. & Kat, P.W. (1992b). Long distance dispersal by African wild dogs in East and South Africa. *Journal of African Zoology*, 106, 535-537.
- Gascoyne, S.C., King, A.A., Laurenson, M.K., Borner, M., Schildger, B. & Barrat, J. (1993). Aspects of rabies infection and control in the conservation of the African wild dog (*Lycaon pictus*) in the Serengeti region, Tanzania. *Onderstepoort Journal of Veterinary Research*, 60, 415-420.
- Girman, D.J. & Wayne, R.K. (1997). Genetic perspectives on wild dog conservation. In *The African wild dog: Status survey and conservation action plan* (eds R. Woodroffe, J.R. Ginsberg & D.W. Macdonald), pp. 7-10. IUCN, Gland.
- Girman, D.J., Wayne, R.K., Kat, P.W., Mills, M.G.L., Ginsberg, J.R., Borner, M., Wilson, V., Fanshawe, J.H., FitzGibbon, C.D. & Lau, L.M. (1993). Molecular-genetic and morphological analyses of the African wild dog (*Lycaon pictus*). *Journal of Heredity*, 84, 450-459.
- Gittleman, J.L. & Harvey, P.H. (1982). Carnivore home range size, metabolic needs and ecology. *Behavioural Ecology and Sociobiology*, 10, 57-63.
- Gottelli, D., Wang, J., Bashir, S. & Durant, S.M. (2007). Genetic analysis reveals promiscuity among female cheetahs. *Proceedings of the Royal Society of London Series B-Biological Sciences*.

- Gros, P.M. (1996). Status of the cheetah in Malawi. *Nyala*, 19, 33-36.
- Gros, P.M. (1998). Status of the cheetah *Acinonyx jubatus* in Kenya: a field-interview assessment. *Biological Conservation*, 85, 137-149.
- Gros, P.M. (2002). The status and conservation of the cheetah *Acinonyx jubatus* in Tanzania. *Biological Conservation*, 106, 177-185.
- Gros, P.M. & Rejmanek, M. (1999). Status and habitat preferences of Uganda cheetahs: an attempt to predict carnivore occurrence based on vegetation structure. *Biodiversity and Conservation*, 8, 1561-1583.
- Gusset, M., Ryan, S.J., Hofmeyr, M., Van Dyk, G., Davies-Mostert, H.T., Graf, J.A., Owen, C., Szykman, M., Macdonald, D.W., Monfort, S.L., Wildt, D.E., Maddock, A.H., Mills, M.G.L., Slotow, R. & Somers, M.J. (2008). Efforts going to the dogs? Evaluating attempts to re-introduce endangered wild dogs in South Africa. *Journal of Applied Ecology*, 45, 100-108.
- Hofmeyr, M., Bingham, J., Lane, E.P., Ide, A. & Nel, L. (2000). Rabies in African wild dogs (*Lycaon pictus*) in the Madikwe Game Reserve, South Africa. *Veterinary Record*, 146, 50-52.
- Hofmeyr, M., Hofmeyr, D., Nel, L. & Bingham, J. (2004). A second outbreak of rabies in African wild dogs (*Lycaon pictus*) in Madikwe Game Reserve, South Africa, demonstrating the efficacy of vaccination against natural rabies challenge. *Animal Conservation*, 7, 193-198.
- IUCN (2005) Strategy for the conservation of West African elephants IUCN, Gland, Switzerland.
- IUCN (2006) Regional conservation strategy for the lion *Panthera leo* in Eastern and Southern Africa IUCN, Gland, Switzerland.
- IUCN/SSC (2007) Regional Conservation Strategy for the Cheetah and African Wild Dog in Southern Africa. IUCN Species Survival Commission: Gland, Switzerland
- IUCN/SSC (2008) Regional conservation strategy for the cheetah and wild dog in eastern Africa IUCN, Gland, Switzerland.
- IUCN Standards and Petitions Subcommittee (2016). Guidelines for Using the IUCN Red List Categories and Criteria. Version 12. Prepared by the Standards and Petitions Subcommittee. Downloadable from <http://www.iucnredlist.org/documents/RedListGuidelines.pdf>
- Kat, P.W., Alexander, K.A., Smith, J.S. & Munson, L. (1995). Rabies and African wild dogs in Kenya. *Proceedings of the Royal Society of London B*, 262, 229-233.
- Kuhme, W.D. (1965). Communal food distribution and division of labour in African hunting dogs. *Nature*, 205, 442-444.
- Laurenson, M.K. (1993). Early maternal behaviour of wild cheetahs: implications for captive husbandry. *Zoo Biology*, 12, 31-43.
- Laurenson, M.K. (1994). High juvenile mortality in cheetahs (*Acinonyx jubatus*) and its consequences for maternal care. *Journal of Zoology*, 234, 387-408.
- Lindeque, P.M., Brain, C. & Turnbull, P.C.B. (1996). A review of anthrax in Etosha National Park. *Salisbury Medical Bulletin*, 87, 24-26.
- Lindsey, P.A., Alexander, R., Mills, M.G.L., Romañach, S.S. & Woodroffe, R. (2007). Wildlife viewing preferences of visitors to protected areas in South Africa: implications for the role of ecotourism in conservation. *Journal of Ecotourism*, 6, 19-33.
- Lindsey, P.A., du Toit, J.T. & Mills, M.G.L. (2005). Attitudes of ranchers towards African wild dogs *Lycaon pictus*: conservation implications on private land. *Biological Conservation*, 125, 113-121.
- Malcolm, J.R. & Marten, K. (1982). Natural selection and the communal rearing of pups in African wild dogs (*Lycaon pictus*). *Behavioural Ecology and Sociobiology*, 10, 1-13.
- Marker, L. (1998). Current status of the cheetah (*Acinonyx jubatus*). In *A symposium on cheetahs as game ranch animals* (ed B.L. Penzhorn), pp. 1-17, Onderstepoort, South Africa.
- Marker, L., Kraus, D., Barnett, D. & Hurlbut, S. (2003a). Cheetah survival on Namibian farmlands Cheetah Conservation Fund, Windhoek.
- Marker, L.L. (2002). Aspects of cheetah (*Acinonyx jubatus*) biology, ecology and conservation strategies on Namibian farmlands. D.Phil. thesis, University of Oxford, Oxford.
- Marker, L.L., Dickman, A.J., Joo, R.M., Mills, M.G.L. & Macdonald, D.W. (2003b). Demography of the Namibian cheetah, *Acinonyx jubatus jubatus*. *Biological Conservation*, 114, 413-425.
- Marker, L.L., Dickman, A.J., Mills, M.G.L., Joo, R.M. & Macdonald, D.W. (2008). Spatial ecology of cheetahs (*Acinonyx jubatus*) on north-central Namibian farmlands. *Journal of Zoology*, 274, 226-238.
- Marnewick, K., Ferreira, S.M., Grange, S., Watermeyer, J., Maputla, N. & Davies-Mostert, H.T. (2014). Evaluation the Status of and African Wild Dogs *Lycaon pictus* and Cheetahs *Acinonyx jubatus* through Tourist-based Photographic Surveys in the Kruger National Park. *PloS One*, 9
- McNutt, J.W. (1996). Sex-biased dispersal in African wild dogs, *Lycaon pictus*. *Animal Behaviour*, 52, 1067-1077.
- Mills, M.G.L. & Biggs, H.C. (1993). Prey apportionment and related ecological relationships between large carnivores in Kruger National Park. *Symposia of the Zoological Society of London*, 65, 253-268.
- Mills, M.G.L. & Gorman, M.L. (1997). Factors affecting the density and distribution of wild dogs in the Kruger National Park. *Conservation Biology*, 11, 1397-1406.
- Mills, M.G.L. & Mills, M.E.J. (2014). Cheetah cub survival revisited: a re-evaluation of the role of predation, especially by lions, and implication for conservation. *Journal of Zoology*, 292, 136-141.
- Morsbach, D. (1986). The behaviour, ecology and movements of cheetah on the farm areas of SWA/Namibia Directorate of Nature Conservation and Recreation Resorts, Windhoek.
- Myers, N. (1975). The cheetah *Acinonyx jubatus* in Africa. IUCN Monograph No. 4 IUCN, Morges, Switzerland.
- Purchase, G.K. (1998). An assessment of the success of a cheetah reintroduction project in Matusadona National Park, University of Zimbabwe, Harare.

- Rasmussen, G.S.A. (1999). Livestock predation by the painted hunting dog *Lycaon pictus* in a cattle ranching region of Zimbabwe: a case study. *Biological Conservation*, 88, 133-139.
- Ray, J., Hunter, L. & Zigouris, J. (2005). Setting conservation and research priorities for larger African carnivores Wildlife Conservation Society, New York.
- Redford K.H., Amato G., Baillie J., Beldomenico P., Bennett E.L., Clum N., Cook R., Fonseca G., Hedges S., Launay F., Lieberman S., Mace G.M., Murayama A., Putnam A., Robinson J.G., Rosenbaum H., Sanderson E.W., Stuart S.N., Thomas P. & Thorbjarnarson J. (2011). What Does It Mean to Successfully Conserve a (Vertebrate) Species? *Bioscience*, 61, 39-48.
- Scheepers, J.L. & Venzke, K.A.E. (1995). Attempts to reintroduce African wild dogs *Lycaon pictus* into Etosha National Park, Namibia. *South African Journal of Wildlife Research*, 25, 138-140.
- Sharp, N.C.C. (1997). Timed running speed of a cheetah (*Acinonyx jubatus*). *Journal of Zoology*, 241, 493-494.
- Thesiger, W. (1970). Wild dog at 5894 m (19,340 ft). *East African Wildlife Journal*, 8, 202.
- van der Meer, E. (2016) The Cheetahs of Zimbabwe. Distribution and Population Status 2015. Cheetah Conservation Project Zimbabwe, Victoria Falls, Zimbabwe. Available at www.cheetahzimbabwe.org
- Van Dyk, G. & Slotow, R. (2003). The effect of fences and lions on the ecology of African wild dogs reintroduced into Pilansberg National Park, South Africa. *African Zoology*, 38, 79-94.
- Woodroffe, R., André, J.-M., Andulege, B., Bercovitch, F., Carlson, A., Coppolillo, P.B., Davies-Mostert, H., Dickman, A.J., Fletcher, P., Ginsberg, J.R., Hofmeyr, M., Laurenson, M.K., Leigh, K., Lindsey, P.A., Lines, R., Mazet, J.K., McCreery, K., McNutt, J.W., Mills, M.G.L., Msuha, M., Munson, L., Parker, M.N., Pole, A., Rasmussen, G.S.A., Robbins, R., Sillero-Zubiri, C., Swarner, M.J. & Szykman, M. (2005a.) Tools for conservation of the African wild dog: Do we know enough? What more do we need to know? Wildlife Conservation Society/IUCN Canid Specialist Group, New York/Oxford.
- Woodroffe, R., Davies-Mostert, H., Ginsberg, J.R., Graf, J.A., Leigh, K., McCreery, E.K., Mills, M.G.L., Pole, A., Rasmussen, G.S.A., Robbins, R., Somers, M. & Szykman, M. (2007a). Rates and causes of mortality in endangered African wild dogs (*Lycaon pictus*): lessons for management and monitoring. *Oryx*, 41, 1-9.
- Woodroffe, R., Frank, L.G., Lindsey, P.A., ole Ranah, S.M.K. & Romañach, S.S. (2006). Livestock husbandry as a tool for carnivore conservation in Africa's community rangelands: a case-control study. *Biodiversity and Conservation*, 16, 1245-1260.
- Woodroffe, R. & Ginsberg, J.R. (1997). Past and future causes of wild dogs' population decline. In *The African wild dog: Status survey and conservation action plan* (eds R. Woodroffe, J.R. Ginsberg & D.W. Macdonald), pp. 58-74. IUCN, Gland.
- Woodroffe, R. & Ginsberg, J.R. (1998). Edge effects and the extinction of populations inside protected areas. *Science*, 280, 2126-2128.
- Woodroffe, R. & Ginsberg, J.R. (2005). King of the beasts? Evidence for guild redundancy among large mammalian carnivores. In *Large carnivores and the conservation of biodiversity* (eds J.C. Ray, K.H. Redford, R.S. Steneck & J. Berger), pp. 154-175. Island Press, Washington, D.C.
- Woodroffe, R., Ginsberg, J.R., Macdonald, D.W. & the IUCN Canid Specialist Group (1997). *The African wild dog: Status survey and conservation action plan* IUCN, Gland, Switzerland, 166pp.
- Woodroffe, R., Lindsey, P.A., Romañach, S.S. & ole Ranah, S.M.K. (2007b). African wild dogs (*Lycaon pictus*) can subsist on small prey: implications for conservation. *Journal of Mammalogy*, 88, 181-193.
- Woodroffe, R., Lindsey, P.A., Romañach, S.S., Stein, A. & ole Ranah, S.M.K. (2005b). Livestock predation by endangered African wild dogs (*Lycaon pictus*) in northern Kenya. *Biological Conservation*, 124, 225-234.
- Woodroffe, R., McNutt, J.W. & Mills, M.G.L. (2004). African wild dog. In *Foxes, wolves, jackals and dogs: status survey and conservation action plan*. 2nd edition (eds C. Sillero-Zubiri & D.W. Macdonald), pp. 174-183. IUCN, Gland, Switzerland.
- Woodroffe, R. & Sillero-Zubiri, C. (2012). *The IUCN Red List of Threatened species: Lycaon pictus*. Downloaded 25 July 2016.

APÊNDICE 1

Participantes da Reunião de Revisão de 2015

País	Nome	Organização	Título	Endereço Electrónico
Angola	Ezequiel Fabiano	Projecto Carnívoro de Angola	Pesquisador Sênior e Gestor de Projecto	fabianoezeziel@gmail.com
Angola	Iracelma Machado	Ministério da Agricultura	Veterinária, Instituto Nacional de Serviços Veterinários	iracelmamachado@yahoo.com.br
Benin	Audrey Ipavec	Programa Alargado de Conservação do Chita e Mabeco	Cordenador da África do Norte, Central e Ocidental, RWCP	audrey-rwcp@zsl.org
Botswana	Jane Horgan	Conservação do Chita Botswana	Cordenador de Educação e Relações Públicas	research@cheetahbotswana.com
Botswana	Michael Flyman	Departamento da Fauna e Parques Nacionais	Director Adjunto, Departamento de Pesquisa	mflyman@gov.bw
Botswana	Tico McNutt	Botswana Predator Conservation Trust	Fundador e Director	tico@bpctrust.org
Malawi	Chiza Manda	Departamento de Parques Nacionais e Fauna	Director Adjunto, Serviços de Conservação	dpw@wildlifemw.net
Malawi	Emma Stone	Projecto do Macebo Malawi	Fundador e Pesquisador Sênior	emma.stone@bristol.ac.uk
Moçambique	Abel Nhabanga	Administrador Nacional das Áreas de Conservação	ANAC Ecologista Carnívoro	arnhabanga@gmail.com
Moçambique	Leah Andresen	Projecto de Predador Transfronteiriço do Limpopo	Fundador e Pesquisador Principal	wildedens@gmail.com
Moçambique	Oraca Cuambe	Administrador Nacional das Áreas de Conservação	Departamento de Gestão da Fauna, ANAC & Veterinária	oracacuambe@gmail.com
Moçambique	Pedro Periera	Administrador do Parque, Parque Nacional de Zinave	ANAC & Administrador do Parque Nacional de Zinave	pemape2001@gmail.com
Namíbia	Anne Schmidt-Küntzel	Fundo de Conservação do Chita	Pesquisa Genética	genetics@cheetah.org
Namíbia	Joerg Melzheimer	Leibniz Instituto do Zoo e de Pesquisa da Fauna (IZW)	Gestor de Projecto	melzheimer@web.de
Namíbia	Laurie Marker	Fundo de Conservação do Chita	Fundador e Director Executivo	cheetah@iway.na
Namíbia	Lise Hanssen	Projecto Carnívoro do Caprivi	Gestor do Projecto	carnivores@iway.na
Namíbia	Ortwin Aschenborn	Ministério do Ambiente e Turismo	Veterinária e Gestora do Projecto de Conservação Carnívoro	oaschenborn@met.na
Namíbia	Paul Funston	Panthera	Director do Programa do Chita	PFunston@panthera.org
Namíbia	Rachel Futter	Fundação da Natureza da Namíbia	Principle Investigador, Projecto do Macebo da Namíbia	rachelfutter.namibia@gmail.com
Namíbia	Rudie van Vuuren	Naankuse	Director Geral, Naankuse	naankuse@me.com
Namíbia	Uakedisa Muzuma	Ministério do Ambiente e Turismo	Ecologista, Ministério do Ambiente e Turismo	umuzuma@gmail.com
África do Sul	Angela Gaylard	SAN Parks	Ecologista Regional, Frontier, Serviços Científicos, Parques Nacionais Áfricano Sul (SANParks)	angela.gaylard@sanparks.org
África do Sul	Charlene Bissett	SAN Parks	Ecologista Regional: Arid Parks, Serviços Científicos, Parques Nacionais África do Sul (SANParks)	charlene.bissett@sanparks.org
África do Sul	Deon Cilliers	Cheetah Outreach	Gestor, Animais do Território Leste Proteção do Macebo	deoncilliers@vodamail.co.za

País	Nome	Organização	Título	Endereço Electrónico
África do Sul	Harriet Davies-Mostert	Fiduciário da Fauna em Risco de extermínio	Responsável de Conservação	harrieta@ewt.org.za
África do Sul	John Werth	PAAZA	Director Executivo da Associação Pan-Africana de Zoológicos e Aquários (PAAZA)	johnw@zoosafrica.com
África do Sul	Kelly Marnewick	Fiduciário da Fauna em Risco de extermínio	Gestor, Programa de Conservação Carnívoro	kellym@ewt.org.za
África do Sul	Lizanne Roxburgh	GIS ESPECIALISTA- Fiduciário da Fauna em Risco de extermínio	GIS Especialista - GIS e Gestora de Banco de Dados da EWT	lizanner@ewt.org.za
África do Sul	Nopasika Malta Qwathekana	CMS and DEA (África do Sul)	CMS Ponto Focal & Director: Departamento de Biodiversidade Internacional e Património de Assuntos Ambientais	mqwathekana@environment.gov.za
África do sul	Vincent van der Merwe	SCRIBE - Fiduciário da Fauna em Risco de extermínio	Redator - (e Cordenador Metapopulação do Chita do EWT)	vincentv@ewt.org.za
Suíça	Christine Breitenmoser	IUCN Especialista do Grupo Cat	Co-Presidente, IUCN Especialista do Grupo Cat	ch.breitenmoser@kora.ch
Tanzânia	Nick Mitchell	Programa Alargado de Conservação do Chita e Macebo	África Oriental e Líder Cordenador, RWCP	nick-rwcp@zsl.org
Reino Unido	Rosie Woodroffe	Programa Alargado de Conservação do Chita e Macebo & IUCN Especialista do Grupo Canid	Director do Programa Macebo, RWCP	rosie.woodroffe@ioz.ac.uk
Reino Unido	Sarah Durant	Programa Alargado de Conservação do Chita e Macebo	Director do Programa Chita, RWCP	sdurant@wcs.org
EUA	Adrienne Crosier	Smithsonian Institution & AZA	Biologista Pesquisador; Cordenadora, AZA Plano de Sobrevivência da Espécie Chita @ Programa (SSP)	crosiera@si.edu
EUA	Cheryl Morris	Omaha's Henry Doorly Zoo & AZA	Directora de Nutrição Comparativa; Vice Presidente, AZA Felid Taxon Advisory Group	clmorris@iastate.edu
EUA	Debi Luke	AZA	Vice Presidente Sênior - Conservação e Ciência	dluke@aza.org
EUA	Don Goff	Connecticut's Beardslee Zoo & AZA	Director Adjunto; Presidente, AZA Felid Taxon Advisory Group	dgoff@beardsleyzoo.org
EUA	Joel Merriman	AZA	Director - Plano de Ação de Conservação	jmerriman@aza.org
Zâmbia	Ian Stevenson	Conservation Lower Zambezi	Director Executivo, Conservation Lower Zambezi	ian@conservationlowerzambezi.org
Zâmbia	Jackson Katampi	Zambian Wildlife Authority	Ecologista Regional, Autoridade da Fauna da Zâmbia	jacksonzozo10@gmail.com
Zâmbia	Johnathan Merkle	Programa Carnívoro da Zâmbia	Gestor de Projecto Luangwa	johnathanmerkle@gmail.com
Zâmbia	Kim Young-Overton	Panthera	Director, Panthera Programa do Chita	kyoung-overton@panthera.org
Zimbabué	Esther van der Meer	Projecto de Conservação do Chita Zimbabué	Fundador e Pesquisador Principal	esther@cheetahzimbabwe.org
Zimbabué	Greg Rasmussen	Fudiciário de Pesquisa do Macebo	Fundador e Pesquisador Principal	greg@painteddogresearch.org
Zimbabué	Hillary Madzikanda	Conservação do Macebo	Conselheiro Científico, Conservação do Macebo	hillary@painteddog.org
Zimbabué	Jess Watermeyer	Fundo Africano de Conservação da Fauna	Director-Adjunto de Projectos	jess@africanwildlifeconservation-fund.org
Zimbabué	Rosemary Groom	Range Wide Programa Alargado de Conservação do Chita e Macebo	Cordenador da África Austral, RWCP	rosemary-rwcp@zsl.org

APÊNDICE 2

Agenda

HEIA SAFARI RANCH - 9 AO DIA 13 DE AGOSTO DE 2015

DOMINGO, 9 DE AGOSTO DE 2015

Chegada dos Participantes no Heia Safari Ranch

(Autocarros partem do Aeroporto Internacional de JNB em horas diferentes variadas durante todo o dia)

18:30 Bebidas servidas no bar
Todos participantes

19:30 JANTAR

SEGUNDA-FEIRA, 10 DE AGOSTO

8:45 Boas Vindas e Discurso Oficial de abertura
Christine Breitenmoser

9:00 Boas Vindas do hospedeiro do workshop (Heia Safari Ranch)
Funcionários do Local

9:05 Boas vindas e breve introdução do RWCP
Sarah Durant

9:15 Introdução do AZA e SAFE – incluindo os detalhes organizacionais e operacionais do programa de gestão de espécies cooperativo equipa da AZA team

9:30 Introduções
Todos participantes

9:50 Background Presentation – A Estratégia Regional de Conservação da Chita e Macebo, e da necessidade de análise; para incluir metas e objetivos da reunião

10:10 INTERVALO

Apresentações das autoridades da fauna dos países presentes sobre o progresso alcançado relativamente aos objectivos da Estratégia Regional das Autoridades Nacionais da Fauna Representadas x8 (15 minutos para cada apresentação)

10:45 Botswana
Michael Flyman

11:00 Moçambique
Abel Nhabanga, Pedro Periera e Oraca Cuambe

11:15 Malawi
Chiza Manda

11:30 Angola
Iracelma Machado

11:45 Namíbia
Ortwin Aschenborn & Uakedisa Muzuma

12:00 Zimbabué
Colum Zhuwau

12:15 Zâmbia
Clive Chifunte & Chuma Simukonda

- 12:30 Conservação transfronteiriça: CMS e a sua importância para a chita e macebo
Nopasika Malta Qwathekana
- 12:45 ALMOÇO
- Apresentação de Projectos: (10 minutos por apresentação)
- 14:00 Fundo de Espécies em Extinção (África do Sul)
Kelly Marnewick / Harriet Davies-Mostert
- 14:10 Programa de Apoio à Chita (South Africa)
Deon Cilliers
- 14:20 Fundo de Conservação da Chita (Namíbia)
Laurie Marker / Anne Schmidt-Küntzel
- 14:30 Naankuse (Namíbia) – Projecto do Macebo da Namíbia
Rudie van Vuuren
- 14:40 IZW (Namibia)
Joerg Melzheimer
- 14:50 Projecto Carnívoro de Caprivi (Namíbia)
Lise Hansen
- 15:00 Pesquisa Carnívora Angola (Angola)
Paul Funston
- 15:10 Projecto Carnívoro Angola (Angola)
Ezequiel Fabiano
- 15:20 Fundo de Conservação de Predador Botswana (Botswana)
Tico McNutt
- 15:30 Conservação da Chita Botswana (Botswana)
Jane Horgan
- 15:40 Panthera (Zâmbia / KAZA)
Kim Overton
- 15:50 Programa Carnívoro da Zambia (Zambia)
Johnathan Merkle
- 16:00 Conservação do Baixo Zambeze (Zâmbia)
Ian Stevenson
- 16:10 INTERVALO
- 16:40 Fundo Africano de Conservação da Fauna (Zimbabwe)
Jessica Watermeyer
- 16:50 Conservação do Macebo (Zimbabwe)
Hilary Madzikanda
- 17:00 Projecto de Conservação do Chita Zimbabwe (Zimbabwe)
Esther van der Meer
- 17:10 Consórcio de Pesquisa do Macebo (Zimbabwe)
Greg Rasmussen
- 17:20 Projecto Transfronteiriço de Predador Limpopo (Moçambique)
Leah Everatt

- 17:30 Projecto do Macebo Malawi (Malawi)
Emma Stone
- 17:40 Sumário do dia
Sarah Durant and Christine Breitenmoser
- 18:00 FIM DO DIA 1
- 18:30 Recepção Bebidas
- 19:30 JANTAR
-

TERÇA-FEIRA, 11 DE AGOSTO

- 8:30 Plano para o dia
Sarah Durant and Christine Breitenmoser
- 8:45 África do sul
Angela Gaylard & Charlene Bissett
- 9:00 Comercialização ilícita da chita
Nick Mitchell
- 9:10 Mapas – Apresentação de Mapas da Região da Chita e do Macebo (ambos actualizados em 2014 / princípios de 2015)
Lizanne Roxburgh
- 9:30 Grupos de Trabalho: Um grupo de trabalho da chita e outro do Macebo para deliberar sobre quaisquer mudanças ou actualização do dois mapas
Lizanne Roxburgh / Nick Mitchell
- 10:30 INTERVALO (informal)
- 11:00 Continuação das discussões sobre mudanças ou actualização dos mapas – finalizar até ao interval do almoço
- 12:30 ALMOÇO
- 14:00 Sumário do Progresso relativamente à Estratégia Regional até a presente data (compilação de dados dos quadros lógicos – e realizações até a presente data)
Rosemary Groom
- 14:40 Um exame da árvore de problema – continua válido?
Apresentação e esclarecimento dos problemas identificados na primeira reunião regional. Sumário para a continuar e novos desafios e obstáculos para a conservação da chita e do macebo
Discussão Plenária: Será que a árvore de problema continua a resolver todos os problema que confrontam a conservação da chita e do macebo? Existem novos problemas que devem ser resolvidos?
Facilitado por Christine Breitenmoser e Sarah Durant
- 15:40 Revisão da estratégia regional de 2007: Plenário de revisão dos Objectivos. Ainda continuam válidos ou necessitam de mudanças?
Facilitado por Christine Breitenmoser e Sarah Durant
- 16:00 INTERVALO
- 16:30 Revisão da estratégia regional de 2007: Metas e actividades
Grupos de Trabalho – Rever as metas e as actividades no âmbito de cada um dos 8 objectivos Estratégia Regional para actualizar aplicação de mudanças onde fôr necessário (cada grupo de trabalho (x4) leva dois temas)
Facilitado por Christine Breitenmoser e Sarah Durant
- 17:30 CONCLUSÃO
- 19:00 JANTAR

19:45 Mudanças climáticas e a sua relevância para a chita e o macebo
Rosie Woodroffe

20:05 Conjunto de ferramentas para o Conflito Homem Animal
Nick Mitchell

20:15 FIM DO DIA 2

QUARTA-FEIRA, 12 DE AGOSTO

8:15 Plano do dia
Sarah Durant e Christine Breitenmoser

8:30 Continuação do trabalho em grupos para a actualização das metas e actividades da estratégia regional

10:30 INTERVALO (informal)

11:00 Plenário – cada grupo de trabalho deve apresentar as suas actualizações e metas sugeridas no quadro da Estratégia Regional
Facilitado por Christine Breitenmoser e Sarah Durant

13:00 ALMOÇO

14:00 Plenário (cont.)

15:00 Retorno ao trabalho em grupo para rever e actualizar as metas e actividades de acordo com as discussões do plenário

16:00 INTERVALO

16:30 TRABALHO EM GRUPOS (cont.)
OS Grupos efectuem a entrega das metas e actividades revistas aos facilitadores

17:30 FIM DO DIA 3

19:00 JANTAR

QUINTA-FEIRA 13 DE AGOSTO

8:15 Plano do dia
Sarah Durant e Christine Breitenmoser

8:30 Plenário – apresentação e revisão dos mapas de distribuição finalizados
Facilitado por Rosemary Groom

9:20 Plenário – apresentação e revisão e actualização do quadro da estratégia regional
Facilitado por Christine Breitenmoser e Sarah Durant

11:00 Término da reunião e a rota futura

11:45 Discurso de encerramento

12:00 TÉRMINO DA REUNIÃO e ALMOÇO

13:45 & 15:00 Autocarros partem para o Aeroporto Internacional OR Tambo

APÊNDICE 3

Metodologia de Mapeamento e Definições de Categorias de Faixas (áreas)

Mapas de alcance foram produzidos durante o Workshop Regional de 2007 e foram posteriormente atualizados após cada Workshop Nacional de Planeamento de Ações. Durante o workshop de 2015, tanto a chita como o mabeco foram mais uma vez completamente revistos e atualizados, aproveitando ao máximo a riqueza de especialistas de espécies da região, numa única sala. Ambos os polígonos de alcance e as tabelas de metadados associados foram atualizados no workshop e, posteriormente, foram analisadas pelos participantes de país por país para garantir a mais alta precisão possível. Os mapas apresentados neste documento representam, portanto, os melhores mapas de distribuição disponíveis para ambos o mabeco e a chita em 2015.

A3.1 Atualização de Definições de Categorias de Faixas (áreas)

Após extensas discussões plenárias, as categorias de alcance foram eventualmente atualizadas para o seguinte:

(1) Faixa Residencial:

A área ainda conhecida como residência das espécies. Este reconhecido conhecimento de que tanto a chita e o mabeco têm excelentes capacidades de dispersão, o que significa que nem todos os pontos de localização indicam a presença de uma população residente; alguns podem indicar dispersão transitória de animais. A faixa residencial foi definida como área em que (i) as espécies foram detectadas regularmente ao longo de um período de vários anos; (ii) havia provas da criação de animais (por exemplo filhotes da chita avistados, cachorros ou tocas de mabeco registados); e (iii) para o mabeco, foram avistadas matilhas completas (grupos que contêm membros de ambos os sexos, geralmente > 3 animais) em vez de pequenos grupos (≤ 3 animais), ou grupos do mesmo sexo, que são susceptíveis de ser grupos de dispersão

(2) Possível Faixa Residencial*:

As áreas onde as espécies ainda podem ser residentes, mas onde a residência não tinha sido confirmada nos últimos 10 anos. Normalmente, estas seriam as áreas que contêm habitação e presa adequadas, mas que tiveram pouca ou nenhuma inspeção nos últimos anos (inspeção aérea não são susceptíveis de detectar qualquer espécie). Algumas áreas foram consideradas como constituindo possíveis faixas porque só relatórios não confirmados (por exemplo, relatórios de observadores inexperientes) ou apenas esparsas, observações irregulares estavam disponíveis ou havia apenas relatórios de indivíduos ou grupos em trânsito. Isto também inclui uma pesquisa única que detectaram a presença, mas comportamento reprodutivo

* Na tabela de atributo, é clarificado se a faixa é possível residência com a presença registada (ou seja, de uma pesquisa única ou observações esporádicas, excluindo cachorros) ou onde a presença não foi registada, mas a opinião de especialistas é do consenso que haveria mabecos ou chitas lá residentes (devido ao habitat adequado e a disponibilidade de presas)

(3) Faixa Transitória*:

Habitat utilizado de forma intermitente por mabeco ou chita, mas conhecido como não sendo utilizado regularmente, mas sem conexão com áreas de residência, possíveis ou faixas desconhecidas, e improvável que seja adequado para que seja usado pelo mabeco ou populações da chita residentes através de qualquer forma razoável de gestão. Tais áreas são susceptíveis de serem habitats naturais que são apenas marginalmente adequados para a chita ou mabeco (por exemplo deserto), ou profundamente modificadas / ou áreas com impactado humano. Faixas de trânsito também inclui áreas que têm sido utilizados de forma esporádica por dispersão de animais (por exemplo, a partir de dados de colar).

* A categoria da faixa transitória foi recentemente definida no workshop de 2015, mas é uma variação 'marginal' da categoria da faixa descrita para mabecos apenas em 2007*

(4) Faixa de Conexão:

A área onde as espécies são conhecidas de não serem residentes, mas onde os animais dispersantes podem usar para se deslocar entre áreas ocupadas, ou para recolonizar faixa extirpada. Tais conexões podem ter a forma de "corredores" de habitat contínuo ou "contribuem" para fragmentos de habitat

(5) Faixa Recuperável*:

A área onde os mabeco e a chita são atualmente conhecidos de ser extirpados, mas onde o habitat e as presas permanecem em áreas suficientemente grandes que, ou a recuperação natural ou assistida das espécies pode ser possível dentro dos próximos 10 anos, se a acções de conservação razoável forem realizadas

* Ao designar áreas de faixa recuperável, os participantes foram convidados a ter em mente que ambas as espécies vivem em baixas densidades e viajam extensivamente, por isso eles raramente seriam recuperáveis nas áreas pequenas (<3,000km²) a menos que uma gestão intensiva (por exemplo cercas à prova de predador e gestão de população activa) pode ser implementado

(6) Faixa extirpada:

As áreas onde a espécie foi extinta, e onde o habitat foi profundamente modificado ou fragmentado (por exemplo, através de cultivo ou urbanização) a ser inabitável por animais residentes num futuro previsível.

(7) Faixa Desconhecida:

A área onde o estado das espécies é actualmente desconhecido e não pode ser inferido usando o conhecimento do estado local de habitat e presas.

A3.2 Usando Mapas

Estes mapas são úteis em vários aspectos.

- Constituem a base para a lista vermelha actualizada do IUCN para distribuição e números de ambos a chita e o mabeco em África
- Providenciam uma história documentada de mudanças do conjunto de duas espécies ao longo do tempo
- Podem ser usados para priorizar diversas formas de intervenção de conservação

Em princípio, as atividades de conservação para estas espécies (por exemplo, gestão de intervenções, pesquisas, acompanhamento) pode ser realizadas em qualquer um destes tipos de faixas de distribuição geográfica. Mesmo em faixas irrecuperáveis (extirpados), atividades de educação e sensibilização pode ser vitais para os esforços de conservação a longo prazo das áreas vizinhas.

A fim de melhorar a nossa compreensão da distribuição e abundância tanto da chita como do mabeco, as pesquisas devem ser priorizadas nas áreas actualmente designadas como faixas possíveis ou desconhecidas. Empenhos directos de conservação devem ser centrados em torno de áreas da faixa de residência e áreas de conexão das faixas. O trabalho nas áreas designadas como faixas recuperáveis deve concentrar-se em identificar e eliminar ou mitigar os fatores que levaram a extirpação local das espécies, tendo em vista uma eventual recuperação da população.

APÊNDICE 4

O Quadro Estratégico Revisto e Actualizado da Estratégia Regional de Conservação da Chita e Mabeço na África Austral de 2015

VISÃO: Protecção, viável da população da chita e do mabeço através de um agama de ecossistemas que coexistem com sucesso e são valorizados pelos povos da África Austral			
OBJECTIVO: melhorar o estado da chita e do mabeço e, proteger populações adicionais viáveis ao através de suas faixas na África Austral			
Tema	Objectivo	Resultados	Actividades
Desenvolvimento de capacidades	1. Para desenvolver as capacidades em todos os aspectos de conservação da chita e do mabeço na África Austral	<p>1.1 Identificadas e documentadas na região as lacunas de capacidades de conservação em todas as áreas da chita e do mabeço a nível Nacional.</p> <p>1.2 Estratégia regional é desenvolvida para o desenvolvimento de capacidades (com base do relatório da síntese regional) a todos níveis</p> <p>1.3 A Estratégia Regional de Desenvolvimento de Capacidades é implementada e avaliada</p>	<p>1.1.1 Estabelecer a situação actual e identificar lacunas de todas as componentes de capacidades (fazer cumprir as leis, monitoria e pesquisa, educação abrangente, gestão das áreas protegidas, political, etc.) em cada país</p> <p>1.1.2 Integrar relatórios nacionais dentro da síntese regional</p> <p>1.2.1 Identificar um membro do comité de cada país para o desenvolvimento da estratégia regional de desenvolvimento de capacidades</p> <p>1.2.2 Desenvolver os resultados e actividades requeridas para o desenvolvimento de capacidades a nível nacional e regional, alinhado sempre que possível com as iniciativas internacionais</p> <p>1.2.3 Identificar e engajar com as instituições de treino with apropriadas</p> <p>1.2.4 Activar e originar fundos para implementação da estratégia de desenvolvimento de capacidades a nível nacional ou regional, sempre que for apropriado</p> <p>1.3.1 Implementar as actividades identificadas pela Estratégia Regional de Desenvolvimento de Capacidades (no 1.2.2 acima)</p> <p>1.3.2 Utilizar o portal da internet do RWCP para disseminar a Estratégia Regional de Desenvolvimento de Capacidades e de recursos relevantes e, facilitar as redes de comunicação</p> <p>1.3.3 Estabelecer mecanismos para avaliar a efectividade da Estratégia Regional de Desenvolvimento de Capacidades</p> <p>1.3.4 Avaliar a efectividade da Estratégia Regional de Desenvolvimento de Capacidades usando os mecanismos estabelecidos no 1.3.3.</p>
Conhecimento e Informação	2. Para melhorar o conhecimento e gerar informação para a conservação da chita e do mabeço na África Austral.	<p>2.1 Uma melhor percepção do estado, distribuição, biologia e ecologia do mabeço e da chita é obtido</p>	<p>2.1.1 Continuação de estudos no terreno sobre a dispersão de ambas espécies, incluindo factores que influenciam o sucesso da dispersão.</p> <p>2.1.2 Continuação de estudos da ecologia alimentar da chita e do mabeço nas diferentes áreas em relação a faixa to potencial.</p> <p>2.1.3 Avaliar a viabilidade e conectividade das populações de cachorros do mabeço e da chita.</p> <p>2.1.4 Continuar a contribuir para o atlas progressivo da chita e do mabeço</p> <p>2.1.5 Continuar com a realização de pesquisas das faixas desconhecidas e possíveis para avaliar o estado da população e da distribuição da chita e do mabeço.</p> <p>2.1.6 Avaliar as faixas recuperáveis de factores que poderão influenciar a recolonização (natural ou artificial) durante dois anos.</p> <p>2.1.7 Manter e expandir programas de monitoria a longo termo das populações da chita e do mabeço nas faixas de residência; progressivo.</p> <p>2.1.8 Pesquisa, conferir e aplicação de boas directrizes práticas e considerações éticas para a pesquisa conservação da chita e do mabeço, turismo e reintrodução.</p> <p>2.1.9 Continuar com a pesquisa com métodos novos e melhorados de pesquisa e monitoria da chita e do mabeço</p>
		2.2 Padronizados, conhecimentos quantitativos	2.2.1 Coleta e disseminação de informação de melhores práticas para a gestão captiva do mabeço

Transferência de Informação	3. Aumentar o activo compromissodas partes interessadas e sensibilização do público em geral com a transferência de informação relevante a conservação da chita e do mabeco	de ameaças e a sua mitigação são gerados e disseminados na África Austral, incluindo da caça furtiva de animais não considerados como de caça, quebra do habitat e fragmentação, comércio ilegal, gestão captiva, mudanças climáticas e turismo irresponsável, em dois anos.	<p>e chita para prevenir a passagem a partir do mato e o comércio ilegal associado.</p> <p>2.2.2 Coleta e disseminação de informação de ameaças actuais e emergentes de conservação da chita e do mabeco do comércio de animais não considerados de caça.</p> <p>2.2.3 Coleta e disseminação de informação de ameaças actuais e emergentes de conservação da chita e do mabeco de actividades de turismo irresponsável.</p> <p>2.2.4 Coleta e disseminação de informação de ameaças causadas pelas fazendas.</p> <p>2.2.5 Coleta e disseminação de informação de ameaças de quebra e fragmentação do habitat da chita e / ou mabeco.</p> <p>2.2.6 Coleta e disseminação de informação de modelos de conservação e ilustrar os potenciais benefícios de conservação como uma alternativa as fazendas.</p> <p>2.2.7 Coleta e disseminação de informação de gestão de meta-população.</p> <p>2.3.1 Estabelecer um grupo técnico de trabalho incorporando todas as faixas dos Estados.</p> <p>2.3.2 Grupo de Trabalho Técnico para diálogo com todas as ONGs regionais relevantes, pesquisadores e governos para solicitar o seu envolvimento e dados/informação para contribuir no manual de melhores práticas de mitigação de conflitos para predadores (até Outubro de 2015).</p> <p>2.3.3 ONGs Regionais, pesquisadores e governos para compilar dados e informação disponíveis de questões de conflito e soluções de mitigação.</p> <p>2.3.4 Grupo de Trabalho Técnico deve desenvolver um banco de dados interativo online onde a informação pode ser carregada e compilada.</p> <p>2.3.5 ONGs, pesquisadores e governos para a nível nacional conferirem sua informação e carregá-la no banco de dados interativo/ou pôr à disposição do Grupo de Trabalho Técnico (até Março de 2016).</p> <p>2.3.6 Grupo de Trabalho Técnico deve trabalhar com a informação providenciada e criar um documento vivo, prático e útil para o público (até Junho de 2017). Este será completado através de um workshop se houver financiamento.</p> <p>2.3.7 Grupo de Trabalho Técnico deve desenvolver uma estratégia para a entrega do documento ao público.</p> <p>2.3.8 Grupo de Trabalho Técnico deve obter cartas de apoio das partes interessadas.</p> <p>2.3.9 Mercado e entrega do documento ao público (a ser completado dois anos após data do início).</p> <p>3.1.1 Realizar reuniões e workshops com as comunidades, proprietaries de terra e governo, para a troca de conhecimento e informação relativamente a incentivos e benefícios; progressivo.</p> <p>3.2.1 Continuar a desenvolver mecanismos de reportagem interactiva de observação, dados, descobertas e actividades relevantes a conservação da chita e mabeco com base na internet.</p> <p>3.2.2 Continuar a desenvolver e utilização de cartazes, folhetos, radio, TV, video, fotos e grupos de teatro para disseminar informação na vizinhança.</p> <p>3.2.3 Garantir padrões mínimos de coleta de dados pela região, em especial nas áreas onde não há informação.</p> <p>3.3.1 Continuar a estabelecer competições, testes, etc. nas escolas e grupos para intensificar e realçar a educação de conservação.</p> <p>3.3.2 Continuar a desenvolver o currículo rem relação a chita e mabeco e integrá-lo com as actividades de clubes de conservação da juventude.</p> <p>3.3.3 Continuar a encorajar o patrocínio de equipas desporto, clubes e grupos com nome da chita e mabeco a todos os níveis.</p>
		2.3 Padronizado, conhecimento quantitativo de mitigação do conflito humano-carnívoro através da África Austral é gerado em dois anos.	

		<p>3.4 Simpósios nacionais de pesquisa promovidos em todas as faixas dos estados regionais.</p> <p>3.5 Uma grande sensibilização de questões relacionadas com a conservação da chita e do mabeco junto das partes interessadas em todas as faixas dos estados.</p>	<p>3.4.1 Promover workshops sobre a chita e o mabeco nos simpósios científicos anuais.</p> <p>3.4.2 Continuar a participar em várias reuniões e nos grupos de interesse das partes interessadas (exe. Aqueles não directamente envolvidos na conservação) para disseminar informação sobre a conservação da chita e do mabeco</p> <p>3.5.1 Continuar a desenvolver e disseminar a educação e sensibilização material, construindo com o melhor material existente, para ambos adultos e crianças em todas as faixas dos estados.</p> <p>3.5.2 Continuar a criar e implementar programas de multimídia para aumentar a sensibilidade e entendimento de conservação da chita e do mabeco em todas as faixas dos estados.</p> <p>3.5.3 Sensibilizar líderes sobre o valor de conservação da chita e do mabeco; progressivo.</p> <p>3.5.4 Conexão com iniciativas existentes e providenciar informação relevante e material interpretativo para apoiar as agências judiciais e de lei e ordem.</p>
<p>Coexistência</p>	<p>4. Promover a coexistência da população com a chita e o mabeco através da África Austral</p>	<p>4.1 A matança deliberada da chita e do mabeco é reduzida</p>	<p>4.1.1 Continuar a monitoria da dimensão da matança deliberada da chita e do mabeco em todas as faixas dos estados, e comparar os dados anualmente ao nível nacional, e de três em três anos para a região.</p> <p>4.1.2 Clarificar e efectuar advocacia para enforçar as leis pertinentes a matança da chita e do mabeco através das faixas dos estados, numa base progressiva.</p> <p>4.1.3 Identificar áreas de conflict e clarificar a dimensão do actual versus os danos notados causados pela chita e mabeco, numa base progressiva.</p> <p>4.1.4 Sensibilizar as partes relevantes interessadas sobre as práticas de agricultura e criação de gado provadas na redução da depração, numa base progressiva.</p> <p>4.1.5 Desenvolver e implementar padrão nacional de procedimentos de operações de reacção aceitáveis a situações de conflito durante um ano e encorajar trocas entre as faixas dos estados (exe. Procedimentos de capturas, translocação, control letal etc).</p> <p>4.1.6 Implementar equipas de reacção rápida do conflito homem-animal para reagirem com prontidão e efectividade as situações de conflito, através de todas as faixas dos estados em dois anos.</p> <p>4.1.7 Iniciar e dar continuidade de programas de combate a percepções negativas da chita e do mabeco em todas as faixas dos estados durante um ano.</p>
		<p>4.2 Os níveis de mortalidade incidental da chita e mabeco são reduzidos em todas as faixas dos estados durante cinco anos.</p>	<p>4.2.1 Continuar a monitoria da dimensão de mortalidade incidental da chita e mabeco em todas as faixas dos estados, e comparar os dados anualmente a nível nacional, e de três em três anos ara a região.</p> <p>4.2.2 Reduzir a mortalidade de armadilhas da chita e mabeco através de iniciativas tais como o empenho contra a caça furtiva, remoção de armadilhas de arame, e a integração da população com base de comunidades, iniciativas da saúde e ambiente, numa base progressiva.</p> <p>4.2.3 Iniciar programas provados de serem efectivos na gestão de doenças que ameaçam a viabilidade das populações da chita e mabeco, numa base progressiva.</p> <p>4.2.4 Implementar programas com objectivos, programas obrigatórios dos quais reduzem a mortalidade da chita e mabeco nas estradas numa base progressiva.</p> <p>4.2.5 Reduzir Substancialmente a mortalidade por envenenamento da chita e mabeco através de enforçar a lei e campanhas de sensibilização.</p> <p>4.3.1 Quantificar e monitoria o valor económico inerente e entendido da chita e mabeco a todas as partes interessadas; progressivo.</p> <p>4.3.2 Promover actividades económicas com base da fauna das quais promovem a conservação da chita e mabeco ao benefício directo das comunidades e outras partes interessadas, em todas as faixas dos estados durante cinco anos.</p> <p>4.3.3 Investigar e realçar o significado cultural da chita e mabeco em todas as faixas dos estados; progressivo.</p>

Utilização da terra	5. Promover as melhores práticas de utilização da terra para a conservação da chita e mabeco e minimizar os efeitos adversos de desenvolvimento da terra	<p>4.4 Condutores Socio-económicos para encorajar a coexistência dos utilizadores da terra com a chita e mabeco são resolvidos.</p> <p>5.1 Tendências atuais e propostas de utilização da terra são avaliadas contra as necessidades de conservação da chita e mabeco</p> <p>5.2 Gestão integrada e inovadora de utilização da terra, planeamento e desenvolvimento alinhado com a conservação da chita e mabeco é facilitada.</p> <p>5.3 A formação de unidades de gestão da escala da superfície da fauna (exe. conservação, parques comunitários etc.) é promovido o aumento da sensibilização dos potenciais benefícios de utilização dessa terra durante dois anos.</p> <p>5.4 As faixas da chita e do mabeco são expandidas na África Austral através da reintrodução de espécies nas áreas apropriadas das faixas recuperáveis</p>	<p>4.3.4 Desenvolver esquemas de auto sustento das comunidades que compensam os custos de e, internaliza as responsabilidades do conflito, numa base progressiva.</p> <p>4.3.5 Desenvolver geração de rendimentos e projectos de desenvolvimento de capacidades ligados a conservação da chita e mabeco, numa base progressiva.</p> <p>4.4.1 Identificar e engajar as partes interessadas e peritos na solução de ameaças socio económicas a chita e mabeco durante 5 anos.</p> <p>4.4.2 Identificar factores socio-económicos relevantes para a conservação da chita e mabeco durante dois anos.</p> <p>4.4.3 Desenvolver estratégias ao encontro de soluções de ameaças socio económicas para o chita e mabeco durante cinco anos.</p> <p>4.4.4 Encorajar as faixas dos estados a desenvolver uma estratégia bio-económica para a promoção da coexistência com a chita e mabeco.</p> <p>5.1.1 Desenvolver e manter relações com as partes interessadas da região responsáveis da determinação de estratégias de utilização da terra atuais e futuras, durante um ano.</p> <p>5.1.2 Combinar directrizes com base no estudo de casos de estratégias de utilização de terra associadas com o sucesso de conservação da chita e mabeco de cada país da região, durante dois anos.</p> <p>5.1.3 Engajamento construtivo com a indústria, providenciar apoio na forma de melhores práticas de gestão e procurar oportunidades em benefício da chita e mabeco</p> <p>5.2.1 Identificar e recomendar directrizes em colaboração com o governo e sector privado para a responsabilidade social e ambiental alinhada com a conservação da chita e mabeco, exe. IUCN Negócio Global e Programa de Biodiversidade.</p> <p>5.2.2 Coordenar a comunicação sectorial entre todos actores principais incluindo o sector privado para facilitar a cooperação e iniciativas de colaboração em benefício da chita e mabeco</p> <p>5.2.3 Promover a participação sectorial no Programa Abrangente de Conservação do habitat</p> <p>5.3.1 Promover a sensibilização de oportunidades de parcerias para a gestão das áreas da fauna que beneficie a chita e mabeco</p> <p>5.3.2 Monitoria do desenvolvimento das unidades de gestão da escala da superfície da fauna (exe. extensas, uso múltiplo das áreas que incluem de conservação, parques e áreas comunitárias de pasto) e sua influência na conservação da chita e mabeco, para permitir a gestão adaptável</p> <p>5.3.3 Optimizar a faixa atual de residência, manter e recuperar os corredores e a conectividade e garantir que pelo menos 20% de faixas recuperáveis e possíveis durante cinco anos para facilitar a expansão das populações da chita e mabeco.</p> <p>5.3.4 Promover o mabeco e a chita como principais espécies de iniciativas de conservação ao nível de grandes superfícies do habitat das redes e corredores de áreas protegidas, incluindo as ATFCs..</p> <p>5.4.1 Identificar faixas apropriadas.</p> <p>5.4.2 Engage partner organisations and relevant government authority personnel in establishing reintroduction plans.</p> <p>5.4.3 Garantir que planos reintrodução obedecem as directrizes de Reintrodução da plans IUCN.</p> <p>5.4.4 Identificar fontes da população da chita e mabeco, incluindo, onde for possível, através de livros de notas de linhagem regional e internacional para identificar populações de viabilidade genética viável.</p> <p>5.4.5 Monitorar os esforços de reintrodução e animais individuais pelo menos cinco anos após soltura.</p> <p>5.5.1 Identificar e priorizar as áreas com potencial para recursos naturais baseado na utilização da terra que leva a conservação da chita e do mabeco para cada país anualmente.</p> <p>5.5.2 Vincular capacidade local, recursos, serviços e pericia para maximizar oportunidades de</p>
		<p>5.5 Utilização da terra com base da fauna e participação da comunidade na gestão de recursos naturais são promovidos nas áreas</p>	

		com potencial para a conservação da chita e mabeco.	<p>parceria para melhorar com potencial para a chita e mabeco.</p> <p>5.5.3 Avaliar a efectividade da de utilização da terra com base da fauna e os seus resultados para a conservação da chita e mabeco para permitir uma gestão adaptiva.</p> <p>5.5.4 Fortalecer e o incremento (de 20%) de zonas de tampão em redor das áreas com potencial para a conservação da chita e mabeco através da promoção da participação das comunidades e oportunidades de parceria.</p> <p>5.6 Promover e ligar a agricultura e programas de gestão de extensões para as áreas relevantes.</p> <p>5.6.2 Coordenar com os provedores de programas de treino para incrementar a capacidade das comunidades agrícolas para a prática de gestão de extensões sustentável.</p> <p>5.6.3 Avaliar a efectividade de gado novo e existente e programas de gestão de extensões contra as necessidades de conservação da chita e mabeco e disseminar resultados anualmente para informar as estratégias de gestão adaptiva.</p> <p>6.1.1 Articular com as organizações locais e internacionais de advocacia, tais como a International Conservation Caucus Foundation ICCF, ao alcance de resultados traçados nesta estratégia</p> <p>6.1.2 Elaborar um acordo, em colaboração com essas organizações de advocacia, para as extensões estatais do governo relativamente ao compromisso de conservar a chita e mabeco.</p> <p>6.1.3 Apresentar o acordo as agências nacionais as quais irão encaminhar para aos ministros, durante seis meses após a elaboração do acordo.</p> <p>6.1.4 Organizar uma reunião regional dos países onde o acordo será formalmente assinado pelos oito países.</p> <p>6.2.1 Develop and promote further agreements and strategies that will benefit cheetah and wild dog.</p> <p>6.2.2 Articular e criar uma parceria com as organizações locais e internacionais de advocacia, por exemplo o ICCF, ao alcance dos esforços de conservação transfronteiriços.</p> <p>7.1.1 Identificar estruturas de legislação nacional e internacional existentes das quais poderão apoiar na promoção de conservação da chita e mabeco.</p> <p>7.1.2 Programa Alargado de Conservação de Extensões irá contratar um consultor para avaliar a eficácia e sustentabilidade dessas estruturas (identificadas no 7.1.1), e compilar recomendações.</p> <p>7.2.1 Fazer o uso das recomendações do consultor(7.1.2) para alinhar as acções regionais às iniciativas nacionais e internacional</p> <p>7.2.2 Implementar e promulgar estas novas e /ou políticas alinhadas, protocolos e legislação</p> <p>7.2.3 Identificar políticas, protocolos e legislação que irá iminentemente ser submetida à revisão, e enviar representantes do Programa Alargado de Conservação de Extensões para advogar para a revisão nessas reuniões</p> <p>7.2.4 Para a legislação que não vela devidamente das necessidades de conservação da chita e mabeco, e da qual não haja uma revisão planeada, , advogar para mudanças, incluindo a utilização das redes existentes (ex. Membros do IUCN SA etc).</p> <p>7.3.1 Investigar como as MEAs existentes podem facilitar a conservação da chita e mabeco e, fazer recomendações de acção.</p> <p>7.3.2 Adoptar as recomendações identificadas no 7.3.1</p> <p>7.3.3 Advocacia para que as extensões estatais façam parte da Convenção de Espécies Migratórias e outras convenções relevantes.</p> <p>7.3.4 Investigate and obtain support for this strategy from CMS and other MEAs.</p> <p>7.3.5 Desenvolver e/ou identificar propostas relevantes existentes para a sua submissão ao IUCN Congresso Mundial de Conservação.</p> <p>7.4.1 A nível regional, solicitar que o Presidente da SADC lidere na garantia que a Estratégia de Conservação da Chita e Mabeco actualizada é incorporada na Estratégia e Plano de Acção</p>
Compromisso Político	6. Advogar para o aumento do compromisso político para a conservação da chita e mabeco	<p>5.6 Criação efectiva e adequada do gado, gestão da extensão e agricultura consistente com a conservação da chita e mabeco é promovida range management.</p> <p>6.1 Um acordo regional de colaboração de conservação da chita e mabeco na África Austral é aprovado por todos governos</p>	
Políticas e Legislação	7. Advogar para uma legislação local, nacional e internacional forte, políticas e protocolos para apoiar a conservação da chita e mabeco	<p>6.2 Acordos transfronteiriços relevantes em benefício de conservação da chita e mabeco é promovido.</p> <p>7.1 A relevância e eficiência de actuais políticas nacional, regional e internacional, protocolos e legislação relative a conservação da chita e mabeco é avaliada.</p> <p>7.2 A conservação da chita e mabeco está alinhada as existentes políticas nacional e internacional de conservação, protocolos e legislação, e lobbis são efectuados onde for apropriado.</p> <p>7.3 Extensões estatais da chita e mabeco são encorajados a participar activamente nos acordos ambientais multilaterais relacionados a biodiversidade (MEAs, ex. CMS, CBD, CITES, protocolos da SADC, WENSA) e outro processos internacionais.</p> <p>7.4 A estratégia actualizada para a conservação da chita e mabeco na África Austral é</p>	

Planeamento Nacional	8. Para manter e implementar plano nacional de acção actualizado e utilizando outros sistemas relevantes de conservação da chita e mabeco em todas as faixas dos estados.	<p>incorporada em ambos planos de conservação Nacional e Regional da SADC até 2017</p> <p>7.5 A capacidade das agências judiciais e de enforçar a lei e ordem para implementarem a legislação, políticas e protocolos relevantes para a chita e mabeco, a conservação é melhorada.</p> <p>8.1 Plano Nacional de Acção para cada país são revistos (ou onde for necessário desenvolvido) para ser S.M.A.R.T e alinhado com esta estratégia, durante dois anos</p> <p>8.2 A implementação do plano de acção actualizado é facilitado durante dois anos da revisão.</p>	<p>Regional de Biodiversidade da (RBSAP), até 2016</p> <p>7.4.2 A nível nacional, cada País Membro da SADC deve incorporar o seu plano de acção nacional de conservação da chita e mabeco nas suas respectivas Estratégias Nacionais e Plano de Acção de Biodiversidade (NBSAP) até 2017</p> <p>7.4.3 Encorajar os países da SADC para priorizarem a conservação da chita e mabeco na implementação do Programa de Trabalho para as Áreas Protegidas (POWPA)</p> <p>7.4.4 Encorajar os Estados Membros da SADC para priorizar a conservação da chita e mabeco nas suas alocações da Facilidade Global do Ambiente (FGA) (GEF)</p> <p>7.5.1 Agências nacionais devem identificar e alinhar com as redes existentes de enforçar a lei e, priorizar as necessidades de capacidades para enforçar a legislação, políticas e protocolos relevantes para a conservação da chita e mabeco.</p> <p>7.5.2 Garantir recursos necessários para melhorar a capacidade.</p> <p>7.5.3 Desenvolver capacidades de acordo com as prioridades preparadas pelas agências nacionais (no 7.4.1).</p> <p>7.5.4 Manter o engajamento progressivo com as redes existentes que lidam com, <i>inter alia</i>, questões de caça furtiva de animais não considerados de caça, enforçar a lei, comércio ilegal, control do problema animal relevante a conservação da chita e mabeco</p> <p>8.1.1 Identificar as partes interessadas para facilitar o processo de revisão em cada país durante 6 meses.</p> <p>8.1.2 Rever os planos de acção em cada país durante dois anos.</p> <p>8.2.1 Identificar mecanismos apropriados em cada país dos quais serão a força de implementação do processo durante seis meses.</p> <p>8.2.2 Identificar constrangimentos e onde for possível providenciar meios para garantir a implementação da estratégia nacional actualizada, durante uma ano.</p> <p>8.2.3 Encorajar todas as partes interessadas a usar o plano nacional de acção actualizado para orientar as suas actividades de conservação atodo o momento.</p> <p>8.2.4 Organizar um workshop entre governos para troca de informação do processo de implementação do plano de acção nacional.</p>
----------------------	---	--	--